



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

ELIANE SCHERER

DE VERBO CAUSATIVO A MARCADOR DISCURSIVO EM SANTA CATARINA

**Chapecó
2014**

ELIANE SCHERER

DE VERBO CAUSATIVO A MARCADOR DISCURSIVO EM SANTA CATARINA

Dissertação de mestrado, apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Cláudia Andrea Rost Snichelotto

Chapecó

2014

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Scherer, Eliane

De verbo causativo a marcador discursivo em Santa
Catarina/ Eliane Scherer. -- 2014.
158 f.:il.

Orientadora: Cláudia Andrea Rost Snichelotto.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos (PPGEL), Chapecó, SC, 2014.

1. Linguística. I. Snichelotto, Cláudia Andrea Rost,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

ELIANE SCHERER

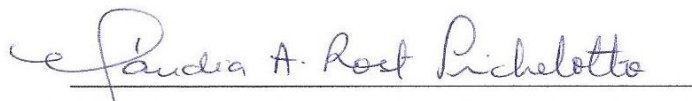
DE VERBO CAUSATIVO A MARCADOR DISCURSIVO EM SANTA CATARINA

Dissertação de mestrado, apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Estudos Linguísticos.


Orientadora: Cláudia Andrea Rost Snichelotto

Esta dissertação de mestrado foi defendida e aprovada pela banca em: 18/12/2014.

BANCA EXAMINADORA:



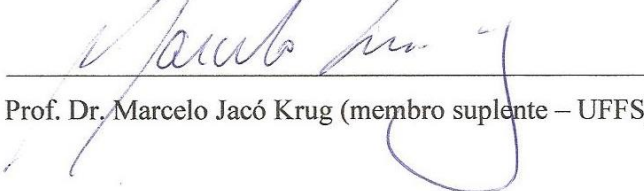
Profa. Dra. Claudia Andréa Rost Snichelotto (orientadora - UFFS)



Profa. Dra. Tatiana Schwochow Pimpão (membro externo - FURG)



Profa. Dra. Cristiane Horst (membro interno – UFFS)



Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug (membro suplente – UFFS)

AGRADECIMENTOS

À professora Cláudia Rost Snichelotto pela orientação, apoio, leituras e por toda a sua dedicação neste período.

A todos os professores da PPGEL que me auxiliaram neste etapa, principalmente os professores da sociolinguística, Cristiane Horst e Marcelo Krug.

Aos meus colegas de turma, também em especial da área da sociolinguística Paula, Daiane e André.

À minha família que sempre me apoiou – Lori, Miguel, André, Josiane, especialmente meus pais.

Ao meu marido, Adriano, pelo carinho, paciência e incentivo.

Aos amigos que entenderam meus objetivos, em especial à Eduardo que me ajudou na coleta das entrevistas.

À FAPESC/CAPES pelo apoio financeiro.

RESUMO

O foco deste estudo é a mudança linguística do verbo causativo *deixar* acompanhado dos verbos de percepção ou de cognição, como *ver*, *pensar* e *lembrar* a partir de uma abordagem Funcionalista. Objetivou-se descrever e analisar o uso de *deixar no imperativo + pronome (tônico ou átono)* ou \emptyset + *verbo de percepção ou cognitivo (no infinitivo (+particípio))*, como em *deixa eu/me ver*, *deixa eu/me pensar* (ou *dar uma pensada*), ou ainda *deixa eu/me lembrar*, nas diferentes cidades do estado de Santa Catarina (SC). A investigação também considerou as formas em que existe o apagamento do pronome em *deixa ver* ou as formas reduzidas *dexovê* ou *xovê*. Os itens linguísticos analisados foram considerados em seu uso como um Marcador Discursivo, utilizado para planejamento cognitivo e manutenção de turno. Os dados de 12 informantes foram provenientes do projeto intitulado “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”, financiado com recursos da Chamada Pública FAPESC nº 04/2012 Universal, coordenado pela professora Cláudia Rost Snichelotto, em amostra sincrônica estratificada em sexo/gênero, idade e escolaridade, monolíngues em português, e também da amostra sincrônica do banco de dados VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil), 96 informantes de SC, que contempla as mesmas células para análise (sexo/gênero, idade e escolaridade) em quatro cidades de SC: Chapecó, Lages, Blumenau e Florianópolis. Portanto, fatores sociais e estilísticos podem ser determinantes nas escolhas linguísticas, dado que cada falante, a depender da situação de comunicação, pode produzir usos diferentes dos itens analisados. Além disso, considerou-se que é através do uso da língua que a gramática emerge, dessa maneira foi possível delimitar as formas linguísticas recorrentes e contextos de produção em que o fenômeno ocorreu. Assim, a frequência do fenômeno também foi importante para definir um possível processo de gramaticalização para o item em análise. Este estudo foi financiado pela Chamada Pública FAPESC nº 02/2013.

Palavras-chave: Funcionalismo. Marcador discursivo. Frequência. Gramaticalização.

ABSTRACT

This study focused the linguistic change of the causative verb *deixar* (*let*) followed by verbs of perception or cognition like *ver* (*see*), *pensar* (*think*) and *lembrar* (*remember*) according to a Functionalist approach. The objective was to describe and analyze the use of *let* in the imperative form + pronoun (tonic or atonic) or \emptyset + perception or cognition verb (imperative (+participle)), as in *let me (I) see*, *let me (I) think* and *let me (I) remember* in different cities in the state of Santa Catarina (SC). The study also considered the deletion of the pronoun as *let see* or the shortening form of the item. The linguistic forms analyzed were considered in their use as a Discourse Marker, used in order to plan the speech mentally and maintain the turn of speech. The data of 12 informers was collected from the project called “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina” financed by Chamada Pública FAPESC nº 04/2012 Universal, coordinated by the professor Cláudia Rost Snichelotto with synchronic samples done in Chapecó, stratified in sex/gender, age, schooling, monolingual in Portuguese and also by the synchronic samples of the data bank VARSUL with 96 informers done in SC in the nineties, which contemplates the same cells (sex/gender, age, schooling) in four cities of SC: Chapecó, Blumenau, Lages e Florianópolis. Thus, this dissertation recognized that social and stylistic factors could be determinant for the linguistic choices, considering that each speaker, depending on the communicative situation, could produce different uses of the items analyzed. Besides, emergent grammar was considered through the use of language, and, in this way, it was possible to delimitate the context of production in which the item occurred, as well as the different forms that were recurrent. So, the frequency of the item was also important to define a possible process of grammaticalization to the phenomena in analysis. This study had financial support from “Chamada Pública FAPESC nº 02/2013”.

Keywords: Functionalism. Discourse Marker. Frequency. Grammaticalization.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência dos contextos de uso dos MDs na amostra do VMPOSC	71
Gráfico 2 – Frequência dos contextos de uso dos MDs na amostra do VARSUL/SC	72
Gráfico 3 – Distribuição dos contextos de uso dos MDs nas cidades da amostra do VARSUL/SC	73
Gráfico 4 – Frequência de uso das formas dos MDs na amostra do VMPOSC	76
Gráfico 5 – Frequência de uso das formas dos MDs na amostra do VARSUL/SC	77
Gráfico 6 – Frequência de uso das formas dos MDs na amostra do VARSUL/SC	78
Gráfico 7 – Distribuição dos MDs nas cidades da amostra do VARSUL/SC.....	78
Gráfico 8 – Frequência de uso do pronome junto ao MD na amostra do VMPOSC	81
Gráfico 9 – Frequência de uso de presença/ausência de pronome(s) junto ao MD na amostra do VARSUL/SC	82
Gráfico 10 – Distribuição de presença/ausência de pronome(s) junto ao MD na cidades da amostra do VARSUL/SC	83
Gráfico 11 – Frequência de uso da posição dos MDs na amostra do VMPOSC	86
Gráfico 12 – Frequência de uso da posição dos MDs na amostra do VARSUL/SC	87
Gráfico 13 – Distribuição da posição dos MDs nas cidades da amostra do VARSUL/SC	88
Gráfico 14 – Frequência da independência sintática dos MDs na amostra do VMPOSC.....	90
Gráfico 15 – Frequência da independência sintática dos MDs na amostra do VARSUL/SC..	91
Gráfico 16 – Distribuição da independência sintática dos MDs nas cidades da amostra do VARSUL/SC	92
Gráfico 17 – Frequência das sequências discursivas na amostra do VMPOSC.....	95
Gráfico 18 – Frequência das sequências discursivas na amostra do VARSUL/SC	96
Gráfico 19 – Distribuição das sequências discursivas nas cidades da amostra do VARSUL/SC	97
Gráfico 20 – Frequência de uso dos MDs segundo a idade dos informantes na amostra do VMPOSC.....	109
Gráfico 21 – Frequência de uso dos MDs segundo a idade dos informantes na amostra do VARSUL/SC	111
Gráfico 22 – Distribuição do uso dos MDs segundo a idade dos informantes nas cidades da amostra do VARSUL/SC	112
Gráfico 23 – Frequência de uso dos MDs segundo o gênero/sexo dos informantes da amostra do VMPOSC.....	114

Gráfico 24 – Frequência de uso dos MDs segundo o gênero/sexo dos informantes da amostra do VARSUL/SC	115
Gráfico 25 – Distribuição do uso dos MDs segundo o gênero/sexo dos informantes das cidades da amostra do VARSUL/SC.....	116
Gráfico 26 – Frequência de uso dos MDs segundo a escolaridade dos informantes da amostra do VMPOSC.....	118
Gráfico 27 – Frequência de uso dos MDs segundo a escolaridade dos informantes da amostra do VARSUL/SC	119
Gráfico 28 – Distribuição do uso dos MDs segundo escolaridade dos informantes nas cidades da amostra do VARSUL/SC.....	120
Gráfico 29 – Frequência de uso dos MDs nas cidades da amostra do VARSUL/SC.....	122
Gráfico 30 – Frequência de uso dos MDs em relação ao gênero/sexo do entrevistador na amostra do VMPOSC	125
Gráfico 31 – Frequência de uso dos MDs em relação ao gênero/sexo do entrevistador na amostra do VARSUL/SC	126
Gráfico 32 – Frequência de uso dos MDs com <i>lembrar, pensar e ver</i> na amostra de entrevistas do projeto VMPOSC	131
Gráfico 33 – Frequência de uso dos MDs com <i>lembrar, pensar e ver</i> na amostra de entrevistas do Banco de dados VARSUL	131

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Estado de SC	56
-----------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Verbo <i>deixar</i> em Ferreira (2009)	145
Quadro 2 - Verbo <i>deixar</i> em Houaiss, Villar e Franco (2009)	146
Quadro 3 - Verbo <i>deixar</i> em Travaglia (2007).....	147
Quadro 4 - Valores de <i>deixar</i> em Travaglia (2007).....	147
Quadro 5 - Verbo <i>lembrar</i> em Ferreira (2009).....	148
Quadro 6 - Verbo <i>lembrar</i> em Houaiss, Villar e Franco (2009)	148
Quadro 7 - Verbo <i>pensar</i> em Ferreira (2009).....	149
Quadro 8 - Verbo <i>pensar</i> em Houaiss, Villar e Franco (2009)	149
Quadro 9 - Verbo <i>ver</i> em Ferreira (2009).....	151
Quadro 10 - Verbo <i>ver</i> em Houaiss, Villar e Franco (2009)	152
Quadro 11 - Verbo <i>dar</i> em Ferreira (2009)	154
Quadro 12 - Verbo <i>dar</i> em Houaiss, Villar e Franco (2009).....	156
Quadro 13- Células VMPOSC	53
Quadro 14 - Células VARSUL	55
Quadro 15 - Fatores linguísticos	57
Quadro 16 - Fatores sociais	57
Quadro 17 - Fatores estilísticos	58
Quadro 18 – Síntese das formas do fenômeno em estudo nas duas amostras	63
Quadro 19 – Macrofunção e contextos de uso de <i>deixa eu ver</i> , <i>deixa eu pensar</i> e <i>deixa eu lembrar</i> e variantes	70
Quadro 20 – Resultados quanto à frequência dos fatores linguísticos nas duas amostras	98
Quadro 21 – Distribuição do perfil dos informantes e frequência de uso dos MDs na amostra do VMPOSC.....	99
Quadro 22 – Frequência de ocorrências segundo o perfil dos informantes da amostra VMPOSC.....	100
Quadro 23 – Distribuição do perfil dos informantes e frequência de uso dos MDs na amostra do VARSUL/SC - Chapecó.....	101
Quadro 24 – Distribuição do perfil dos informantes e frequência de uso dos MDs na amostra do VARSUL/SC - Lages	102
Quadro 25 – Distribuição do perfil dos informantes e frequência de uso dos MDs na amostra do VARSUL/SC - Blumenau	104

Quadro 26 – Distribuição do perfil dos informantes e frequência de uso dos MDs na amostra do VARSUL/SC - Florianópolis	105
Quadro 27 – Frequência de ocorrências segundo o perfil dos informantes da amostra VARSUL/SC	107
Quadro 28 – Resultados quanto ao predomínio dos fatores sociais e estilísticos nas duas amostras	127
Quadro 29 – Gramaticalização dos MDs.....	133

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Objetivo geral	16
1.1.1 Objetivos específicos	17
1.2 Questões e hipóteses	17
2 DESCRREVENDO O FENÔMENO	21
2.1 O verbo deixar	21
2.2 O infinitivo	25
2.2.1 O verbo lembrar	26
2.2.2 O verbo pensar	27
2.2.3 O verbo ver	28
2.2.4 O verbo dar	31
2.3 Presença e ausência de pronomes	33
2.4 Estudos de <i>deixa eu ver</i> , <i>deixa eu pensar</i> e <i>deixa eu lembrar</i> e variantes como Marcador Discursivo	36
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	39
3.1 Funcionalismo	39
3.2 Tipos de mudança linguística	41
3.2.1 Gramaticalização	43
3.3 Marcadores Discursivos	48
4 METODOLOGIA	52
4.1 A análise	52
4.2 Os <i>corpora</i>	53
4.2.1 O projeto VMPOSC	53
4.2.2 O Banco de Dados VARSUL	54
4.3 As cidades na amostra do VARSUL	55
4.4 Fatores linguísticos, sociais e estilísticos	57
4.5 Tratamento dos dados	58
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	59
5.1 Fatores linguísticos	59
5.1.1 Contextos de uso dos MDs nas amostras	59
5.1.1.1 Contexto de enumeração	65
5.1.1.2 Contexto de exemplificação	66
5.1.1.3 Contexto de especificação	66
5.1.1.4 Contexto de parênteses	67
5.1.1.5 Contexto de prefaciação	67
5.1.1.6 Contexto de interrupção de resposta	68
5.1.1.7 Contextos especiais	69
5.1.1.8 Resultados e discussão	71
5.1.2 Forma e extensão	73
5.1.2.1 Resultados e discussão	76

5.1.3 Presença ou ausência de pronome (objeto/sujeito).....	79
5.1.3.1 Resultados e discussão	81
5.1.4 Posição	83
5.1.4.1 Resultados e discussão	85
5.1.5 Independência sintática.....	88
5.1.5.1 Resultados e discussão	90
5.1.6 Sequências discursivas	92
5.1.6.1 Resultados e discussão	95
5.1.7 Considerações parciais dos fatores linguísticos.....	97
5.2 Fatores sociais	98
5.2.1 Perfil do indivíduo	99
5.2.2 Idade	107
5.2.2.1 Resultados e discussão	109
5.2.3 Gênero/sexo	113
5.2.3.1 Resultados e discussão	114
5.2.4 Escolaridade	116
5.2.4.1 Resultados e discussão	117
5.2.5 Cidade	121
5.2.5.1 Resultados e discussão	121
5.3 Fatores estilísticos	122
5.3.1 Gênero/sexo do entrevistador	122
5.3.1.1 Resultados e discussão	124
5.3.2 Considerações parciais dos fatores extralinguísticos.....	126
6 A GRAMATICALIZAÇÃO de <i>deixa eu ver</i>, <i>deixa eu pensar</i> e <i>deixa eu lembrar</i> e variantes	128
6.1 Princípios de Hopper	133
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFÊRENCIAS	139
APÊNDICE A – Sentidos do verbo deixar.....	145
APÊNDICE B – Sentidos do verbo deixar (Travaglia).....	147
APÊNDICE C – Sentidos do verbo lembrar	148
APÊNDICE D – Sentidos do verbo pensar	149
APÊNDICE E – Sentidos do verbo ver	151
APÊNDICE F – Sentidos do verbo dar	154

1 INTRODUÇÃO

Este estudo¹ objetiva descrever e analisar os usos dos grupos *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes na fala de 108 informantes de Santa Catarina em uma perspectiva funcionalista. *Deixar* é um verbo causativo, usado no imperativo afirmativo, acompanhado de verbos de percepção e cognição no infinitivo (*ver*, *lembrar* e *pensar*). O verbo *ver* está relacionado à percepção físico-espacial e mental (expansão semântica - ROST, 2002), já os verbos *lembrar* e *pensar* são verbos associados à cognição, ao processo do pensamento e memória.

Duas amostras sincrônicas serão analisadas: uma da cidade de Chapecó, *Projeto Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina* (VMPOSC) e outra do estado de Santa Catarina dos municípios de Chapecó, Blumenau, Lages e Florianópolis, Banco de Dados *Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil* (VARFUL)².

O verbo pleno *deixar*, na segunda e terceira pessoa do singular no imperativo afirmativo, requisita pelo menos três tipos de complemento, a saber:

- a. um pronome (objeto/sujeito) de primeira pessoa (tônico e/ou átono) seguido de um verbo de percepção ou cognição (*ver*, *lembrar*, *pensar*):

- (1) O que que tem que (lhes) ver com boneca, não é? Aí ela está brincando com a filha da vizinha, eu digo: “Marina, **deixa eu ver** a tua boneca?” “Não!” Aí a filha da vizinha, não é? Pediu, ela deu a boneca. Aí eu fiquei danado, não é? Tomei a boneca da mão da filha da vizinha (...) (PEUL/RJ/Amostra 80)³
- (2) Era o meu bem que ela queria, né? Porque hoje ela até se arrepende do dia que ela falou, que ela adora a Rafaela. [E a] **deixe eu ver** o que mais. Faz uma pergunta pra mim. (VARFUL, SC FL 20).
- (3) F - Se bem que é tudo macete, né? Tem umas coisas que eu não posso dizer aqui. **Deixa eu lembrar** uma aqui que eu posso te dizer. É muito maroto aqueles ensaio lá. (VARFUL, SC CHP 18).⁴
- (4) E - E tem alguma cena, alguma coisa que aconteceu aqui em Chapecó de violência que lembra muito a senhora?
F - Tem, só **deixa eu me lembrar**. Foram tantas, né? Que [a gente] eu assisti

¹ Esta dissertação está vinculada a um projeto maior em curso coordenado pela professora Dr^a Claudia Andrea Rost Snichelotto, intitulado *Projeto Variação e Mudança Linguística no Português do Oeste de Santa Catarina*, financiado com recursos da Chamada Pública FAPESC nº 04/2012 Universal.

² O detalhamento dos projetos é apresentado na seção 4 da Metodologia.

³ Ocorrência retirada de GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; et al (orgs). **Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 143.

⁴ Adotamos a seguinte simbologia para identificar as entrevistas do banco de dados VARFUL amostra de Santa Catarina (SC): o nome do banco de dados (VARFUL), o estado (SC), seguido da cidade Chapecó (CHP) Blumenau (BL), Lages (LG) ou Florianópolis (FL) e, por último, o número da entrevista.

muito porque com esse meu tipo de trabalho assim a gente, a gente participou de bastante ... (VARSUL, SC CHP 07)

- (5) E - E a senhora tem filhos gêmeos? Que bom! E qual é o nome deles?
F - Não, daí tem o Aldair que tu já conhece, tem o Irineu, que daí é o segundo filho, daí tem o Valdir. Me **deixa-me (a)lembrar** o Valdir. Depois dele qual é que tem? (VARSUL, SC CHP 06)

- (6) E - A senhora correu algum perigo de vida, alguma situação muito ruim, com a senhora, que tenha marcado?
F - **Deixa eu pensar** um pouquinho. Ah, aquela do homem, aquele que se incomodou porque eu não aceitei a esmola dele, né,? E depois eu fiquei com medo. (VARSUL, SC CHP 21).

- b. um pronome (objeto/sujeito) de primeira pessoa (tônico) seguido pelos verbo *dar* e por um verbo de cognição no particípio:

- (7) E - Não, na [tua]- tua época de quartel, como que foi nessa época? Tu gostou desse ano, ficastes um ano no quartel, né?
F - **Hum, deixa eu dar uma pensada**. Época do quartel, eu na verdade não queria ir. Fui ali fiz os exame tudo, ficaram três pessoas pra trás. (VARSUL, SC CHP 18).

- c. um verbo de percepção sem sujeito expreso:

- (8) E - (...) qual prato que você mais gosta de fazer?
I - Êh arroz... feijão... macarrão...
E - Qual você gostaria de me ensinar?
I - Êh **deixa ver** macarrão... não arroz...(Marcela)⁵

Como podemos perceber *deixa/deixe eu ver* é usado em diferentes contextos nas ocorrências (1) e (2). Na ocorrência (1), o sentido de origem permanece, isto é, *deixar* mantém o sentido de permissão e *ver* sentido de olhar ou visualizar algo no contexto. Já na ocorrência (2), o falante usa *deixe eu ver* para organizar seu pensamento e dar continuidade a seu raciocínio, mantendo o turno de fala.

Nas ocorrências (3), (4) e (5), o grupo *deixa eu lembrar* e variantes atuam como um recurso usado pelo falante para manter o turno de fala, ganhando tempo para organizar seu raciocínio e recuperar a memória, assim como em (2). Note que na ocorrência (5), o grupo apresenta dois pronomes (um tônico e outro átono) e na ocorrência (3) vem acompanhado de

⁵ Ocorrência retirada de MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil uma abordagem funcional**. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Grupo de Estudos *Discurso e Gramática*. Rio de Janeiro, 1996.

complemento “uma aqui que eu posso te dizer”, o que significa que pode existir contexto(s) de restrição sintática.

Observamos nas ocorrências (6) e (7), o grupo *deixar* seguido de *pensar*, usado para manter o turno e organizar o pensamento para dar continuidade à fala. Também verificamos o complemento “um pouquinho” no grupo da ocorrência (6), assim como no grupo da ocorrência (3). Além disso, observamos que a forma é mais alongada na ocorrência (7), constituída por *dar* e *pensar*.

Verificamos o desaparecimento do pronome tônico no grupo da ocorrência (8), o que pode mostrar um encurtamento da forma. Destacamos ainda a forma *xovê* estudados por Bagno (2001) e Cezário, Gomes e Pinto (1996), provável redução de *deixa/deixe eu ver*.

Conforme observado nas ocorrências (2) a (8), o fenômeno apresenta estatuto bifuncional, usado com um cunho interacional (mantenedora de turno) e com cunho textual ((re-)organiza o que vai dizer) como uma forma de prender o turno para organização mental, uso em que *deixar*, *ver*, *pensar* e *lembrar* parecem se enfraquecer semanticamente e expandir o seu contexto de produção.

Dessa forma, consideramos que os grupos que compõem *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes estão enfraquecendo ou perdendo características de verbos plenos e sendo usados em outros contextos, se especializando como Marcador Discursivo (doravante MD), conforme as ocorrências (2) a (8).

Os MDs, segundo Schiffrin (2010), são “elementos sequencialmente dependentes que agrupam unidades de fala” (tradução nossa).⁶ Martellota, Votre e Cezario (1996 p.61) observam que funcionalmente os MDs atuam “para reorganizar a linearidade das informações a nível de discurso”. Para Urbano, Silva e Risso (1996), os MDs são recursos que não se fecham em uma só categoria, estão em constante ampliação, são muito presentes na fala e possuem cunho pragmático e multifuncional. Também Marcuschi (1989) aponta a alta frequência dos MDs no português brasileiro e a relevância de uma observação da forma, posição e função desses itens.

Esta pesquisa se torna relevante, pois, de acordo com a teoria funcionalista (TRAUGOTT, 1997; HOPPER, 1987; CUNHA et al., 2003), existe dinamismo na língua, a qual é usada em contextos sociais diversos, a depender de seu uso pragmático. Além disso, considera-se que é através do uso da língua em diferentes contextos comunicativos que a gramática emerge.

⁶ “[...] sequentially dependent elements that bracket units of talk” (SCHIFFRIN, 2010, p. 57).

A pesquisa leva em conta a diversidade linguística⁷ presente na região pesquisada, o estado de Santa Catarina, contribuindo para investigar diferentes usos dos grupos *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes. Ressaltamos que o estado foi colonizado por diferentes etnias, como descendentes de imigrantes europeus, italianos, alemães, poloneses e portugueses, além de grupos indígenas e caboclos que já habitavam-no antes mesmo da chegada desses imigrantes. Importante também mencionar que o estado serviu de rota para comerciantes e viajantes ou para aqueles que saiam do estado do Rio Grande do Sul para ir para o sudeste do país, como o estado de Minas Gerais, ou vice-versa. Ademais, este estudo também contribuirá para ampliação da descrição dos MDs no português falado no Brasil e que, posteriormente, poderá ser usada para contrastar com outros estudos realizados sob enfoque funcionalista, bem como com outras perspectivas teóricas.

Realizamos um levantamento bibliográfico e constatamos que existem poucas pesquisas que tratam desse fenômeno. Martins e Lacerda (2013) analisam *deixa eu ver* como MD, além de outros MDs derivados de *ver* (*veja*, *veja bem*, *vê*, *vê só*)⁸ e de *olhar* (*olha*, *olha só*, *olha aí*, *pois olha*, *olhe lá*). Alves (2006) tratou de *deixa ver* e *deixa-me pensar*⁹ em um estudo sobre a expressão variável do imperativo. Outros estudos pesquisaram a expansão semântica do verbo causativo *deixar*, do verbo de percepção *ver* e do verbo de cognição *pensar*¹⁰, como Travaglia (2007) sobre o verbo *deixar*, Rost (2002) e Snichelotto (2009) sobre o verbo *ver* e Votre (2004) sobre o verbo *pensar*.¹¹

Descrevemos, a seguir, os objetivos, as questões e as hipóteses delineadas para a investigação de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes.

1.1 Objetivo geral

- Descrever e analisar, baseada em uma perspectiva funcionalista, os usos de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes, a partir de duas amostras de fala de informantes de SC.

⁷ Tema que tem sido muito abordado por políticas públicas em todo o país atualmente. O surgimento de algumas condutas políticas que consideram a heterogeneidade no país, um exemplo é a criação da SECAD em 2004, atual SECADI (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão) que em um âmbito mais educacional valoriza as diferenças e a diversidade de uma maneira geral. A criação da lei que oportuniza municípios a cooficializar línguas também caracteriza um maior destaque dado para a pluralidade linguística.

⁸ Dados provenientes de dois corpora: o corpus do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, da UFMG, e o corpus do projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”, da UFRJ.

⁹ Dados retirados do livro Menino Maluquinho, 2005.

¹⁰ Não encontramos pesquisas sobre a expansão linguística de *lembrar*.

¹¹ Ocorrências com *deixa* + pronome + *lembrar* não foram encontradas.

1.1.1 Objetivos específicos

- Identificar os contextos de uso de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes na fala de informantes do estado de Santa Catarina.
- Verificar fatores condicionadores (linguísticos, sociais e estilísticos) que atuam no uso de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes.
- Tomar os resultados referentes aos fatores condicionadores como possível indício do processo de gramaticalização de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes.

1.2 Questões e hipóteses

Questão 1 - Quais os contextos de uso de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes na fala de informantes do VMPOSC e do VARSUL/SC?

Cezário, Gomes e Pinto (1996) pontuam que “o informante não pede permissão, mas usa a expressão *deixa ver* como um marcador para preencher o tempo em que está pensando.” (CEZÁRIO; GOMES; PINTO, 1996). Os autores ainda apontam o uso intermediário da forma *deixa eu pensar*, o qual aceitava a interpretação do pedido de permissão¹².

Já Martelotta, Votre e Cezário (2004, p. 73) abordam *deixa eu ver*, observando que o “[...] informante não pede autorização para pensar. Na verdade, ele se dá um pequeno espaço de tempo para lembrar o que há ainda para falar e, dessa forma, completar uma descrição, por exemplo.”

Gonçalves, Longhin-Thomazi, Lima-Hernandes et al. (2007, p. 143) tratam do fenômeno *deixa eu ver* com funções distintas atuando como MD e como uma forma usada para fazer um pedido de permissão para visualizar algo.

Com base no levantamento bibliográfico efetuado, observamos o uso do MD como um recurso utilizado pelo falante para lembrar de algo e continuar a fala. Segundo Marcuschi (1989) os MDs apresentam propriedades interacionais e (intra)textuais. Assim, a propriedade (intra)textual, refere-se ao planejamento mental e a continuidade do desenvolvimento da fala, usado para articular o texto. Já a propriedade interacional, está voltada para quem tem o turno de fala, utilizado para manter a interação organizada, pois determina quem está com a posse do turno. Essas duas propriedades estão simultaneamente atreladas ao sentido *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes.

¹² Não foram encontradas pesquisas com o verbo *lembrar*.

A partir desse uso bidirecional (interacional e (intra)textual) de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes pensamos que é possível identificar contextos de uso mais específicos dos MDs, como de enumeração (SILVA; MACEDO, 1996; MARTINS, 2003), de exemplificação (ROST, 2002), de especificação (VALLE, 2001), de prefaciação (ROST, 2002; RISSO, 2002), de parênteses (JUBRAN, 2002) e de interrupção de resposta.

Questão 2 - Quais fatores condicionadores (linguísticos, sociais e estilísticos) atuam no uso de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes?

Quanto aos fatores linguísticos, observamos à forma dos itens em relação ao preenchimento ou não do pronome, o tipo de pronome (átono ou tônico), a frequência das formas variantes, isto é, *deixar* acompanhado dos verbos *lembrar*, *pensar*, e *ver*, e a forma sem preenchimento de sujeito *deixa ver*, além da redução fonológica *dexovê* ou *xovê*. Assim, postulamos que a forma mais recorrente será *deixar* seguido de sujeito tônico preenchido acompanhado do verbo *ver* como em *deixa eu ver*. A forma *deixa eu ver* está mais presente nos estudos de Alves (2006), Bagno (2001), Martelotta, Votre e Cezário (2004), Cezário, Gomes e Pinto (1996) e Gonçalves, Longhin-Thomazi, Lima-Hernandes et al. (2007).

Quanto à posição do fenômeno no turno, postulamos que ocorra no início, no meio ou no final. Marcuschi (1989) aponta que os MDs em posição inicial engatilham o desenvolvimento da fala, por isso, esperamos que a posição inicial favoreça o uso de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes. Em relação à independência sintática, acreditamos que *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes se apresentem mais independentes sintaticamente, conforme Risso, Silva e Urbano (2006).

Quanto ao tipo de sequência discursiva, verificaremos se o item se encontra em sequência descritiva, narrativa ou dissertativa. Acreditamos que seja frequente em sequências narrativas e posteriormente em descritivas, pois requer que o informante lembre de algo para contar, dessa forma utilizando o tempo verbal passado, o qual é considerado menos marcado e menos formal. Postulamos que haverá menos ocorrências em sequências discursivas dissertativas, as quais são mais marcadas por tratar de assuntos em que o falante está mais atento ao que está dizendo. (SNICHELOTTO, 2011).

Quanto aos fatores sociais controlados, verificaremos idade, gênero/sexo e escolaridade. Supomos que a frequência do fenômeno será maior entre os jovens, pois, eles podem ser mais inovadores, devido ao fato de participarem de mais comunidades de fala do que as crianças e os mais velhos (CHAMBERS e TRUDGILL, 2004). Quanto ao gênero/sexo, pensamos que as mulheres produzirão mais o fenômeno estudado do que os homens por

serem mais sensíveis à fala devido à função social que exercem (LABOV, 2010), apesar de o fenômeno não ser considerado de prestígio nem estigmatizado, mas pelo fato de considerarmos possível que o item ainda carregue traços de um pedido de permissão enfraquecido, o que o tornaria mais frequente entre as mulheres. Em relação à escolaridade, entre os níveis fundamental I e II, médio e superior, consideramos que formas mais marcadas podem ser mais frequentes entre os mais escolarizados, conforme Valle (2001).

Quanto aos fatores estilísticos, no amostra VMPOSC, o informante masculino ou feminino foi entrevistado por um entrevistador masculino ou feminino, o que pode implicar o uso da língua mais formal ou menos formal (monitorado ou não) pelo informante, a depender do gênero/sexo do entrevistador. Segundo Bortoni-Ricardo (2005), no estilo monitorado, o falante presta mais atenção à fala. A hipótese sobre este fator é justamente indicar que o sexo do entrevistador pode influenciar a forma como o informante usa a língua. Dessa forma, supomos que um informante homem poderá se sentir mais à vontade com um entrevistador homem, da mesma forma que uma informante mulher poderá se sentir mais à vontade com uma entrevistadora mulher, usando um estilo menos monitorado.

Questão 3 - É possível projetar que *e deixa eu ver, deixa eu pensar e deixa eu lembrar* e variantes estejam em processo de gramaticalização?

Segundo a teoria funcionalista (TRAUGOTT, 1997; HOPPER, 1987; CUNHA et al., 2003), gramaticalização é: “o processo pelo qual um material lexical em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente forçados se tornam gramaticais”¹³ (tradução nossa) (TRAUGOTT, 1997, p. 1). Dessa maneira, novas formas e funções surgem na língua, pois a gramaticalização é um processo contínuo pelo qual várias classes gramaticais passam, podendo elas estarem no início de seu ciclo ou no final. Assim, diversas estruturas, algumas já gramaticalizadas, como as construções com o verbo *ir* (futuro) ou o verbo *ter* (+ particípio)¹⁴, emergem e podem coexistir ou mudar de categoria.

Então, postulamos que *deixa eu ver, deixa eu pensar e deixa eu lembrar* e variantes estão em processo de gramaticalização, de verbo causativo acompanhado de verbos de percepção e cognição a MD. Para verificar o estágio de mudança dos itens, aplicaremos os princípios de Hopper (1991, apud GONÇALVES; CARVALHO, 2007): estratificação, divergência, especialização, persistência, descategorização. De acordo com Martelotta, Votre

¹³ “... is the process whereby lexical material in highly constrained pragmatic and morphosyntactic contexts becomes grammatical”. (TRAUGOTT, 1997, p. 1).

¹⁴ Exemplo com o verbo *ir* indicando futuro: “Vou fazer o trabalho amanhã” e exemplo com o verbo *ter* + particípio: “Essa criança tem brincado bastante” (CASTILHO, 2012).

e Cezário (2004) e Cezário, Gomes e Pinto (1996), *deixa eu ver* está cristalizada, ou seja, *deixar* não é usado separado de *ver* na função MD e, portanto, acreditamos ser a forma mais avançada no processo de gramaticalização do que as outras formas.

Esta dissertação está dividida em sete seções. A seção 1 comporta a introdução, os objetivos, as questões e as hipóteses que norteiam o nosso trabalho.

Na seção 2, efetuamos um levantamento bibliográfico sobre *deixar*, *lembrar*, *pensar*, *ver* e *dar* e sobre os pronomes que acompanham esses verbos, posteriormente, apresentamos estudos do item como Marcador Discursivo (MD).

Abordamos, na seção 3, o referencial teórico que dá suporte à investigação, isto é, os pressupostos do Funcionalismo Linguístico e da Gramaticalização, além de efetuarmos um levantamento bibliográfico acerca do conceito, forma e função dos MDs em geral.

Já na seção 4, descrevemos a metodologia adotada para a análise do fenômeno investigado.

A seção 5 é dedicada à exposição de fatores linguísticos, sociais e estilísticos e à verificação dos contextos em que as formas em análise atuam, assim como à descrição dos contextos de uso do fenômeno na fala de informantes das duas amostras investigadas.

A hipótese de um possível processo de gramaticalização de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes é apresentada na seção 6.

Incluimos as considerações finais de nossa dissertação na seção 7, porém, de forma alguma queremos enfatizar que esta pesquisa está finalizada, pois como a língua está em constante transformação e reformulação, isto é, a fala não é um ciclo fechado, novos contextos de usos poderão ocorrer apresentando outros dados para pesquisas futuras. Após as considerações finais, apresentamos o referencial teórico.

2 DESCRREVENDO O FENÔMENO

Esta seção aborda o levantamento bibliográfico efetuado acerca dos elementos que compõem o fenômeno estudado no que tange à semântica, morfologia, sintaxe e morfossintaxe. Iniciamos tratando do verbo *deixar*, em seguida trabalhamos os verbos no infinitivo: *ver*, *pensar*, *lembrar* e *dar*, depois analisamos o uso ou a ausência de pronome(s) (objeto/sujeito) e apresentamos estudos de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes como Marcador Discursivo.

2.1 O verbo deixar

O verbo *deixar* é o primeiro verbo que compõe a forma em estudo. Segundo Cezário, Gomes e Pinto (1996), a etimologia do verbo *deixar* é duvidosa, porém dicionários de língua portuguesa apresentam como provável origem a forma *laxare* do latim com significado de alargar, abandonar, liberar. Atualmente, o sentido se especializou como abandonar e permitir em português.

De acordo com Ferreira (2009), o verbo *deixar* (do latim *laxare*) é altamente polissêmico, apresentando, pelo menos, 38 acepções possíveis¹⁵, das quais transcrevemos apenas os significados 10 e 38: “não obstar, permitir, consentir. Ex. Deixou que o apanhassem” e “resistir, consentir, permitir. Ex. Deixar-se prender.” Os usos 10 e 38 remetem ao significado de permitir, usado quando requer visualizar algo como em *deixa eu ver*:

- (9) O que que tem que (lhes) ver com boneca, não é? Aí ela está brincando com a filha da vizinha, eu digo: “Marina, **deixa eu ver** a tua boneca?” “Não!” Aí a filha da vizinha, não é? Pediu, ela deu a boneca. Aí eu fiquei danado, não é? Tomei a boneca da mão da filha da vizinha (...) (PEUL/RJ/Amostra 80)¹⁶

Na ocorrência (9), percebemos que quando o informante utiliza *deixa eu ver*, ele requisita visualizar um objeto, neste caso uma boneca.

Encontramos também em Ferreira (2009), algumas expressões que são constituídas pelo verbo *deixar*, como: *deixar a desejar* (não corresponder ao que se esperava), *deixar atrás* (não mencionar, omitir), *deixar cair* (deixar correr), *deixar de fora* (não dar oportunidade de participar, excluir), *deixar ir* (deixar correr), *deixar para lá* (não fazer caso de; não se

¹⁵ O quadro 1 que contempla os significados de *deixar* em Ferreira (2009) encontra-se no apêndice A.

¹⁶ Ocorrência retirada de GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; et al (orgs). **Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 143.

incomodar com), *deixar passar* (não impedir que passe), *deixar perceber* (dar a entender), *deixar rolar* (deixar correr) e *deixar ver* (mostrar, apresentar, demonstrar). Chamamos a atenção para *deixar ver*, com sentido de mostrar.

Em Houaiss, Villar e Franco (2009) *deixar* apresenta 26¹⁷ significados, proveniente do latim *laxo - as, āvi, atum, are*. A seguir, apresentamos os significados 13 e 14: “dar permissão para; autorizar, permitir (ela deixou o filho ir ao cinema)” e “tornar possível; permitir, possibilitar (a chuva não deixou a família ir a praia)”. Ressaltamos os significados 13 e 14, pois denotam o sentido de permissão ou de tornar possível, pelo mesmo motivo já mencionado em Ferreira (2009).

Houaiss, Villar e Franco (2009) também apresentam expressões que são constituídas pelo verbo *deixar*: *deixar a desejar* (frustrar as expectativas; decepcionar), *deixar correr* (permitir, sem interferência ou preocupação, o desenrolar de), *deixar de fora* (afastar a participação de; excluir), *deixar de lado* (não levar em consideração), *deixar estar* (deixar de se preocupar; abster-se de agir), *deixar para lá* (afastar de si a inquietação; não se importar ou preocupar), *deixar passar* (ser tolerante em relação a), *deixar-se ir* (deixar-se levar, seguir o impulso; entregar-se).

O verbo *deixar* apresenta sentidos bem distintos, pois são diversas as maneiras em que o mesmo pode ser empregado, a depender da situação. Percebemos que tanto em Ferreira (2009) quanto em Houaiss, Villar e Franco (2009), o verbo *deixar* é composto de significados que parecem ir do mais concreto ao mais abstrato, caminho percorrido por verbos que estão em processo de gramaticalização. Como exemplo, *deixar* usado com o sentido de sair de algum lugar (*deixar a sala*) e *deixar* com o significado de transmitir ou ausentar (*deixar saudades*). Além disso, esses dicionários apresentam expressões usadas com o verbo, mostrando que *deixar* está ampliando seu contexto de uso.

Para Travaglia¹⁸ (2007), o verbo *deixar* possui significados lexicais e gramaticais. Os significados lexicais são usados para denominar o “mundo biopsicofísicosocial” e tem “conteúdo nocional” (TRAVAGLIA, 2007 p.13), exprimem um acontecimento ou atividade, como exemplo o valor conceder, uso que relacionamos ao fenômeno estudado, o qual indica permissão.

¹⁷ O quadro 2 que contempla os significados de *deixar* em Houaiss, Villar e Franco (2009) encontra-se no apêndice A.

¹⁸ Ele pesquisou em livros, revistas e jornais e também utilizou dados do Projeto NURC (Norma Urbana Culta Falada do Brasil – Textos do Rio de Janeiro) e do PEUL (Projeto de Estudo os Usos Linguísticos da UFRF) (Amostra Censo e Amostra Tendência).

Segundo ele, o verbo *deixar* tem 9 significados lexicais, mas para fins de ilustração, elenca apenas cinco¹⁹. Travaglia (2007), ainda, reduz estes significados a simplesmente valores lexicais, justamente para contrapor-los aos valores gramaticais que sugere para o verbo *deixar*.

Destacamos que os valores lexicais para *deixar*, de acordo com Travaglia (2007), também foram encontrados nos dicionários de Ferreira (2009) e Houaiss, Villar e Franco (2009), são eles: soltar ou afastar, ceder, conceder, colocar ou levar a (algum lugar) e poupar ou não despojar.

Já os valores gramaticais, tem funções como “marcar categorias verbais” ou “exercer funções ou papéis discursivo-textuais determinados” ou ainda “indicar noções bastante gerais e abstratas” (TRAVAGLIA, 2007 p.13), como é o caso de verbos auxiliares ou de suporte.

Para os significados gramaticais, Travaglia (2007) introduz 3 valores²⁰: cessar, como um verbo auxiliar semântico, em que o verbo que se encontra no infinitivo indica uma situação “abandonada”; permitir indicando modalidade, isto é, dar a possibilidade de; e, fazer com que fique em um certo estado, quer dizer na condição de, funcionando como um verbo de suporte. Destacamos o valor que indica modalidade de permissão, o qual se aproxima do valor de *deixar* no fenômeno estudado:

2. Dar ou pedir permissão para, consentir ou pedir consentimento, permitir, não obstar, não impedir, não evitar, facultar, possibilitar, tornar possível, não resistir a alguma ação ou fato em que é paciente (não oferece resistência ou reação) (Modalizador – dar a possibilidade). Exemplos: Tu pega o ovo. É... quebra ele, quebra casca dele, coloco a parte de dentro na-na panela. Ai depois quando... ai *deixa fritar*, depois vai visando ele. (Tendência, Rômulo, 14 anos, injuntivo). / “Seu filho tá dormino, você num *deixa* ele *dormi*.” (Tendência, Cristiane, 25 anos, injuntivo). (TRAVAGLIA, 2007)

Podemos perceber que o valor gramatical 2²¹ (TRAVAGLIA, 2007) que indica consentimento, permissão, etc, tem a função de modalizar a possibilidade de uma ação e sua forma é *deixar* + (*pronome ou substantivo*) + *infinitivo*, a qual também aparece nos dicionários pesquisados. Para Ferreira (2009), temos o significado 22, “tornar possível, facultar” com o exemplo “O nevoeiro mal deixava enxergar o caminho”, usado com a forma *deixar* + *infinitivo*. Em Houaiss, Villar e Franco (2009), significado 4, encontramos os mesmos sentidos que o dicionário anterior: “tornar possível, permitir, possibilitar”,

¹⁹ O quadro 3 que contempla os significados lexicais em Travaglia (2007) encontra-se no apêndice B.

²⁰ O quadro 4 que contempla os significados gramaticais em Travaglia (2007) encontra-se no apêndice B.

²¹ Não tratamos dos valores gramaticais 1 e 3, pois o sentido não remete ao estudo que tratamos nesta dissertação.

exemplificando: “A chuva não deixou a família ir a praia” com a forma *deixar* + *substantivo* + *infinitivo*, mostrando que o sentido gramatical 2 está presente nos dois dicionários citados.

Dessa forma, é importante ressaltarmos que o verbo *deixar*, além de valores lexicais, tem funções gramaticais, o que significa que é um verbo que está ampliando seus contextos de uso com funções distintas, usadas em diversas situações, já encontrados nos dicionários de Ferreira (2009) e de Houaiss, Villar e Franco (2009).

O uso de *deixar* apresenta-se no modo verbal imperativo, segundo Cunha e Cintra (2008, p. 491) o imperativo está ligado a diversos usos como: ordem ou comando, exortação ou conselho, convite ou solicitação, súplica e hipótese. Os autores também apontam que o uso depende do contexto que está inserido e até mesmo da entonação que é feita na frase em que o imperativo é usado. Para os autores, embora o imperativo esteja no tempo presente ele, na verdade, tem um “valor futuro, pois a ação que exprime está por realizar-se”. (CUNHA, CINTRA, 2008 p. 492).

Para Neves (2011), *deixar* é denominado como verbo aspectual que forma perífrases ou locuções que designa “término ou cessação de evento”. Para exemplificar ela expõe: “Não deixou, porém, de se ocupar no que habitualmente se ocupava (ED). (NEVES, 2011, p. 63-64). Neves (2011) também descreve *deixar* como um verbo implicativo negativo que envolve a “noção de condição necessária e suficiente” em que não ocorre o que está descrito no complemento. Como exemplo, cita: “Você deixou de ser um grande escritor verdadeiramente. (BV)” (NEVES, 2011, p. 35-36).

Em Bechara (2009 p. 233), *deixar* é definido como um verbo auxiliar causativo²² quando é usado juntamente com um verbo no infinitivo ou gerúndio, exemplificando “*Deixai vir a mim as criancinhas*” (sem informação do *corpus* in BECHARA, 2009, p. 285). Da mesma forma a gramática de Cunha e Cintra (2008), apresentam o verbo *deixar* com a mesma classificação de Bechara (2009) e apenas acrescentam que os causativos podem ser separados por sujeitos ou não. Exemplo: “Deixas correr os dias como as águas do Paraíba?” (Machado de Assis, OC, II, 119) (CUNHA E CINTRA, 2008 p. 501).

Görski (1998) também nomeia *deixar* como “verbos auxiliares causativos”, os quais são acompanhados de infinitivo não flexionado ou flexionado.

Para Cezário, Gomes e Pinto²³ (1996), *deixar* é um verbo auxiliar na construção *deixa ver*, isto é, o verbo *deixar* se cristalizou com o verbo *ver* formando um marcador usado para

²² “Expressam uma relação de causatividade entre dois eventos, o causador e o causado” (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007).

²³ Dados provenientes do *corpus* Discurso & Gramática do Rio de Janeiro (fala de 10 informantes).

“preencher o tempo em que está pensando”. Eles também abordam a redução fonética do *deixa eu ver* para *xovê* e a forma intermediária *deixa eu pensar*.

Martelotta, Votre e Cezário (2004) classificam *deixar* como um verbo que expressa “a vontade do referente-sujeito” a qual pode ser uma ordem para o outro falante ou uma permissão. Eles descrevem o uso de *deixar eu ver* como um marcador discursivo, o falante mantém o turno e precisa de um tempo para pensar ou lembrar de algo, como na ocorrência:

- (10) F- [Mas só que ela] [já tinha][até ela já tinha] ela já tinha três filhos.
 E - Ah! ela já tinha três?
 F - Já. Porque tu vê ó. Ela foi casada, não, ela foi junta. **Deixa eu ver** como é que eu vou te explicar direitinho. Não sei se tu conhecestes aquela família do Pedro Vidal, [eles matam] que eles matavam boi, esse negócio [de] ali para o Saco Grande, aquelas bandas ali. [Ela era] ela era [casada, assim, <jun>] junta com um dos filhos do Pedro Vidal, era assim gente de bem. Quando eles iam se casar (pausa do gravador) Quando eles iam casar, ele morreu.(VARSUL, SC FL 03)

Na ocorrência (10), percebemos o uso de *deixa eu ver* como marcador discursivo em que o informante o utiliza para manter o turno e pensar como explicar da melhor forma sobre a vida de uma pessoa.

O verbo *deixar* apresentou significados distintos com amplo contexto de uso nos dicionários analisados e funciona com valor gramatical, segundo Travaglia (2007). O verbo *deixar* também é denominado como um verbo causativo auxiliar (BECHARA, 2009; CUNHA E CINTRA, 2008; GÖRSKI, 1998) ou marcador (MARTELOTTA; VOTRE; CEZÁRIO, 2004; CEZÁRIO, GOMES E PINTO, 1996). Nosso fenômeno está atrelado ao uso denominado por Cezário, Gomes e Pinto (1996) e Martelotta, Votre e Cezário (2004) em que *deixar + (pronome) ver* é usado como Marcador Discursivo. Nas construções *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes, *deixar* está no imperativo na segunda e terceira pessoa do singular.

2.2 O infinitivo

O fenômeno estudado é composto por três elementos, o terceiro é um verbo no de percepção ou cognição no infinitivo na construção *deixa + pronome ou Ø + infinitivo*. Descrevemos os verbos cognitivos e de percepção *lembrar*, *pensar* e *ver* e também abordamos o verbo *dar* usado no infinitivo como em *deixa eu dar uma pensada*.

Segundo Cunha e Cintra (2008, p. 496), o infinitivo não exprime nem tempo nem modo verbal, mas indica a ideia da ação, a qual dependerá sempre do contexto em que é

usado. Os autores citam tendências de uso do infinitivo, cabe mencionarmos aqui seu uso associado com verbos auxiliares causativos, posicionado logo após esses verbos e separado ou não por pronomes(s). Como exemplo: “Deixas correr os dias como as águas do Paraíba. (Machado de Assis, OC, II, 119)” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 501). Bechara (2009, p. 285) descreve que a norma para verbos causativos é o infinitivo aparecer sem flexão, seja qual for seu agente.

2.2.1 O verbo lembrar

Segundo Ferreira (2009) o verbo *lembrar* (do latim *memorare*) apresenta 7 significados²⁴: trazer a memória, vir a ideia, recordar, sugerir, advertir, recomendar, propor. Todos eles remetem a processos mentais ou a proposição de algo. Destacamos o uso de *ter lembrança*, recordar, o qual nos parece remeter ao significado em *deixa eu lembrar* e variantes, como o significado 7: “ter lembrança, recordar-se. Ex. “Eu me lembro tanto dela, /De tudo quanto era seu”. (Junqueira Freire, *Obras Poéticas*, I, p.99)”.

De acordo com Houaiss, Villar e Franco (2009), a origem etimológica do verbo *lembrar* do latim – *memoro* - as, ãvi, atum, are – significado de recordar. A evolução fonética do verbo em latim (*memorar*) para o português é: *memorãre* – *mem´rar* – *nembrar* – *lembrar*. As definições encontradas foram 5, mas elencamos apenas a primeira, por expressar a ideia de lembrança ou recordação²⁵ como consta em 1: “trazer à memória; recordar (conversam os dois lembrando os tempos passados)”. O significado 1, em Houaiss, Villar e Franco (2009), remete ao usado na ocorrência (11), assim como o significado 7 de Ferreira (2009):

(11)E - E a senhora tem filhos gêmeos? Que bom! E qual é o nome deles?
F - Não, daí tem o Aldair que tu já conhece, tem o Irineu, que daí é o segundo filho, daí tem o Valdir. Me **deixa-me (a)lembrar** o Valdir. Depois dele qual é que tem? (VARSUL, SC CHP 06)

Na ocorrência (11), percebemos que o informante utiliza *deixa-me (a)lembrar* para recordar os nomes dos filhos em sequência, o item também é empregado pela informante para prender o turno de fala.

A origem etimológica de *lembrar* deriva do português arcaico *membrar* que já sofreu mudança fonética do latim *memorare* ou *memorar*, conforme Damasceno (2011).

²⁴ O quadro 5 que contempla os significados de lembrar em Ferreira (2009) encontra-se no apêndice C.

²⁵ O quadro 6 que contempla os significados de lembrar em Houaiss, Villar e Franco (2009) encontra-se no apêndice C.

Não foram encontradas expressões usadas com *lembrar*, isso pode demonstrar que o verbo tem seu sentido menos ampliado que os demais verbos estudados nesta pesquisa.

Para o verbo cognitivo *lembrar*, foram pesquisados os dicionários de Ferreira (2009) e de Houaiss, Villar e Franco (2009), entre os significados descritos, destacamos o sentido recordar.

2.2.2 O verbo pensar

Em Ferreira (2009) *pensar* (do latim *pensare*) tem 16 significados²⁶, apontamos apenas dois significados (números 2 e 7), os quais nos parecem estar relacionados ao sentido de pensar no item analisado: “fazer reflexões, refletir, raciocinar. Ex. Diz o que lhe vem à cabeça, sem antes pensar” e “meditar, refletir, reflexionar. Ex. “Fiquei pensando em como o avião é elemento aglutinador, capaz de igualar os seres, transformando-os num bloco unitário” (Maria Julieta Drummond de Andrade, *Um Buquê de Alcachofras*. p. 14)”. Os significados destacados para o verbo *pensar* estão ligados à reflexão e raciocínio, sentidos que corroboram com o item linguístico investigado.

Após as definições, também encontramos as seguintes expressões: *pensar alto* (raciocinar em voz alta, transmitindo ou não o pensamento), *pensar grande* (ter ambição).

Para Houaiss, Villar e Franco (2009) o verbo *pensar*, origem etimológica latina – penso, as, ãvi, ãtum, ãre, que significa pensar, cogitar, apresenta 7 definições para explicar os sentidos de *pensar*²⁷, destacamos apenas o número 4: “procurar lembrar-se, imaginar (pensava em muitos nomes, mas o dela lhe fugia)”, o qual está associado ao nosso fenômeno.

Entende-se que o verbo *pensar* tem sentidos associados ao raciocínio, pois em sua maioria remetem ao ato de raciocinar envolvendo formação de ideias, reflexão e opinião. Dessa forma, evidenciamos o sentido de lembrar ou imaginar, por se tratar do significado que remete à forma analisada. A ocorrência (12) ilustra o fenômeno com o verbo *pensar*:

- (12)E - A senhora correu algum perigo de vida, alguma situação muito ruim, com a senhora, que tenha marcado?
F - **Deixa eu pensar** um pouquinho. Ah, aquela do homem, aquele que se incomodou porque eu não aceitei a esmola dele, né,? E depois eu fiquei com medo. (VARSQL, SC CHP 21).

²⁶ O quadro 7 que contempla os significados de pensar em Ferreira (2009) encontra-se no apêndice D.

²⁷ O quadro 8 que contempla os significados de pensar em Houaiss, Villar e Franco (2009) encontra-se no apêndice D.

Esta ocorrência mostra como o sentido do verbo *pensar* em *deixa eu pensar* está atrelado a ideia de raciocínio, em que o informante tenta lembrar de algo para especificar um momento de perigo em sua vida.

O verbo *pensar* do latim *pensare*, percorreu uma trajetória de verbo do mundo físico, visão mais concreta significando pesar, avaliar o peso, para o mundo das ideias, área intelectual, com o sentido de estimar, avaliar o valor de uma ideia (VOTRE, 2004). O autor ainda complementa que no português arcaico, *pensar* possuía acepções divergentes como cogitar e fazer curativo a uma chaga. Votre (2004), no português contemporâneo, apresenta quatro sentidos para *pensar* que indicam abstração de pleno para emotivo: enunciação, incerteza epistêmica, certeza epistêmica e emotivo/efetivo²⁸, dos quais predomina o uso de verbo pleno.

Para o verbo cognitivo *pensar* foram analisados os dicionários de Ferreira (2009) e de Houaiss, Villar e Franco (2009), entre os significados descritos, destacamos o sentido de lembrar e refletir. Também descrevemos a abstração do verbo *pensar* de acordo com Votre (2004).

2.2.3 O verbo ver

Segundo Ferreira (2009) *ver* (do latim *videre*) possui 33 significados²⁹, dos quais apresentamos apenas os números 2 e 27: “alcançar com a vista, enxergar, divisar, distinguir, avistar. Ex. “Abrindo os olhos, vi a meu lado o guarda” (Geir Campos, *O Vestíbulo*, p. 24)” e “perceber as coisas pela visão, pelo sentido da vista, enxergar. Ex. “Ver só com os olhos./ É fácil e vão:/ Por dentro das coisas/ É que as coisas são” (Carlos Queirós, *Breve Tratado de Não Versificação*, p. 25)”. Os significados em destaque indicam *ver* com sentido de visualizar ou enxergar pela visão, usado na perífrase *deixa eu ver*, mas não encontramos um sentido abstrato como refletir, apesar de encontrarmos significados abstratos como deduzir ou imaginar.

Além das definições acima, também foram encontradas as seguintes expressões: *Ver demais* (ver coisa que não existe), *até mais ver* (até o próximo encontro, até logo), *a ver vamos* (expressão ger. exclamativa, que traduz uma expectativa), *de ver, cheirar e guardar* (é belíssimo, raro, precioso, excelente, maravilhoso), *estar amarelo de ver* (ter visto muitíssimas vezes, estar careca de ver), *não poder ver nem pintado* (não querer ver nem pintado, não

²⁸ Exemplo do verbo *pensar* usado com sentido emotivo/efetivo: “eu penso que você não deveria perder o ônibus amanhã cedo” (VOTRE, 2004, p.29).

²⁹ O quadro 9 que contempla os significados de *ver* em Ferreira (2009) encontra-se no apêndice E.

tolerar alguém, não o tragar, detestar), *nunca ter visto mais gordo* (nunca ter avistado anteriormente, desconhecer de todo), *quem te viu e quem te ver* (diz-se a quem era João-ninguém e de repente passou a ser importante) *ter a ver com* (estar relacionado com).

Percebemos que o campo de definições do verbo *ver* é bastante abrangente e não é mais usado só com um significado apenas, podendo ser utilizado em diversos contextos, a própria quantidade de expressões denota isso.

Para Houaiss, Villar e Franco (2009) o verbo *ver*, do latim - video, es, vidi, visum, ere significa ver, olhar, perceber, compreender, examinar e apresenta 30 definições³⁰. Elencamos apenas a primeira: “perceber pela visão; enxergar (viu a luz acesa)” e destacamos o uso de *ver* como enxergar em Houaiss, Villar e Franco (2009), sem encontrarmos um valor para *ver* como o de refletir ou recordar, embora existam valores abstratos.

Houaiss, Villar e Franco (2009) ainda apresentam algumas expressões usadas com o verbo *ver*: *Até mais ver* (até logo, até a vista), *Bem te vi* (ala exaltada do Partido Liberal no Maranhão organizada em torno do jornal *Bem te vi*, que, no movimento revolucionário da Balaiada (1838-1841), esteve inicialmente ao lado dos revoltosos ou membro ou simpatizante desse grupo político), *Já vi ontem* (sobra de comida que é servida em outra refeição ou aproveitada para confeccionar um novo prato).

Observamos que tanto Ferreira (2009) quanto Houaiss, Villar e Franco (2009) abrangem em torno de 30 significados para *ver*, o sentido é bem ampliando desde olhar ou enxergar, sendo o mais concreto, até dar a própria opinião sobre um assunto, este mais abstrato. Assim, o verbo *ver* carrega sentidos de percepção físico-motora ou de processos mentais.

Os contextos de uso do verbo *ver*, pesquisados por Rost (2002) e Snichelotto (2009), demonstram que o sentido original de perceber algo concreto através de uma atividade física-visual está percorrendo uma trajetória de mudança para o mundo das ideias. Vejamos a seguinte ocorrência retirada de Rost (2002), que apresenta o verbo *ver* sendo usado no sentido de percepção cognitiva:

E: Dá pra ir qualquer um assim [ou não pode?]
 F: [Dá.] Dá pra ir qualquer um tomar passe. Era uma bobagem. [O cara vai] é guri vai tudo que é lugar, né? É tudo bobagem. Depois **vê** que é bobagem. (POA 10 L. 1115)³¹

³⁰ O quadro 10 que contempla os significados de ver em Houaiss, Villar e Franco (2009) encontra-se no apêndice E.

³¹ Ocorrência retirada de ROST, Cláudia Andrea. **Olha e Veja: multifuncionalidade e variação**. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Os dados

Nesse ínterim, o verbo *ver* muda de categoria e passa a atuar como MD. Rost (2002) elenca a multifuncionalidade de *ver* e *olhar*, que, como MD, apresenta a “propriedade de chamada da atenção ao ouvinte” e as seguintes macrofunções: macrofunção articuladora interacional (importante para a conversação e interação entre os falantes, os quais vão negociando sentidos); e macrofunção articuladora textual (em relação a sequência do texto, caráter coesivo). Desta forma, Rost (2002) aponta outras funções a partir das macrofunções: como articuladora interacional - função advertência (marca advertência e dúvida); função interjetiva (pode significar entonação, surpresa, alegria ou decepção); função atenuadora (marca incerteza); função de planejamento verbal (simultaneamente marca a manutenção de contato e a organização textual); função prefaciadora (o falante desvia do tópico, mas a resposta fica implícita); e como articuladora textual - a função retórica (o falante pergunta e responde – auto-resposta); a função exemplificativa (acrescentam informações exemplificando ou/e particularizando o que estava sendo dito); a função causal (conectam duas orações, indicando uma consequência, explicação ou conclusão); a função concessiva (apenas para *olhe lá* como concessão, oferta, tolerância ou certeza/quase certeza).

Na ocorrência (13), demonstramos o uso de *deixa eu ver*, no qual *ver* está associado ao sentido cognitivo:

(13)E - [Por quê?]

F- Não, porque o meu pai, ele resolveu [vir] sair de Brusque, sabe? Meu pai era jardineiro. Então, [nós éramos] **deixa eu ver**: em seis filhos, e meu pai então resolveu vir [<m>] morar no interior. Ele comprou um sítio, e lá fomos nós. A gente não sabia nada que era se viver numa roça: e lá fomos nós. Uma menina de quinze anos ir morar numa roça, né? Então [lá] [lá] [ali a] [lá] aquela época eu não gosto de me lembrar, sabe? foi [uma <é>] [uma] uma fase muito difícil.

Percebemos que *deixa eu ver* é utilizado pelo informante para manter o turno de fala e recordar o exato número de filhos do pai da informante.

Para o verbo *ver* foram pesquisados os dicionários de Ferreira (2009) e de Houaiss, Villar e Franco (2009), entre os significados descritos, alguns com valor abstrato, destacamos o sentido de percepção físico-motora como visualizar ou enxergar algo. Em Rost (2002), percebemos o uso do verbo *ver* associado com percepção cognitiva.

2.2.4 O verbo dar

De acordo com Ferreira (2009), *dar* (do latim *dare*) possui 101 significados³², os quais listamos apenas os números 6 e 16: “emitir, enunciar. Ex. dar conselhos” e “realizar, efetuar, oferecer. Ex. dar um banquete”. Destacamos o uso dos números 6 e 16, os quais podem apresentar um possível significado para o verbo *dar* em *deixa eu dar uma pensada*, enfatizamos que o uso, principalmente no caso 16, é de sentido mais abstrato do que o dicionário aborda.

Ferreira (2009) também expõe algumas expressões usadas com o verbo *dar*: *dar a saber* (fazer constar), *dar certo* (ter um bom resultado), *dar de si* (sofrer abalo ou deslocamento), *dar duro* (trabalhar muito, duramente), *dar em cima de* (elogiar, lisonjear, visando uma conquista amorosa), *dar em nada* (não ter bom êxito, falhar, dar em droga), *dar para trás* (retroceder, retrogradar, regredir, entrar em declínio, declinar, ir piorando, piorar) *dar por bem-empregado* (congratular-se pelos resultados obtidos com coisa qualquer, dinheiro, esforço), *dar que falar* (dar motivo a comentários), *não se dar por achado* (fazer ouvidos de mercador, não dar demonstração de preocupação ou insegurança), *não se lhe dar* (pouco se lhe dar), *para o que der e vier* (para enfrentar o que possa sobreviver, seja de bom, seja de ruim), *pouco se lhe dar* (pouco lhe importar, ser-lhe indiferente, não se lhe dar).

Para Houaiss, Villar e Franco (2009), o verbo *dar* possui 39 significados³³, origem do latim - *do, das, dedi, datum, dare*, o qual significa presentear, causar, conceder, permitir, oferecer, apresentar, atirar, lançar, etc. Devido a grande quantidade de acepções, elencamos os significados 7 e 17: “efetuar, executar, praticar (um movimento corporal) (dar um pulo)” e “manifestar, expressar (gosta de dar opiniões)”. Evidenciamos 7 e 17, pois parecem se assemelhar com o sentido usado na forma *deixa eu dar uma pensada* e ressaltamos que 7 é usado com sentido mais abstrato do que o significado apresentado pelo dicionário.

Algumas expressões são citadas após as definições: *dar com* (deparar-se com; topar, encontrar), *dar de* (começar a), *dar de si* (ceder a uma força física, ao uso continuado ou a algum esforço de outra ordem), *dar em cima* (procurar com fins amorosos ou libidinosos), *dar e vender* (em quantidade; a beça), *dar para* (demonstrar qualidades ou características para ser; mostrar tendência; sentir o impulso de, começar a desatar a; ser o suficiente para, bastar; ter vista para ou sobre; dar acesso) *dar para trás* (reagir contra algo; não aceitar ou permitir que

³² O quadro 11 que contempla os significados de dar em Ferreira (2009) encontra-se no apêndice F.

³³ O quadro 12 que contempla os significados de dar em Houaiss, Villar e Franco (2009) encontra-se no apêndice F.

algo vá para frente), *dar que falar* (ser alvo ou motivo de comentários) *dar que fazer* (exigir grande esforço para fazer, concluir, dominar, etc), *dar mal* (não alcançar bom êxito; sair-se mal; meter-se em apuros), *não se dar por achado* (não se importar com o que se diz ou se pensa a seu próprio respeito, insistir na opinião que defende; não dar o braço a torcer, fingir-se de desentendido), *para o que der e vier* (para tudo o que possa acontecer, seja bom ou ruim, até embaixo de água), *quem me (nos) dera* (quisera eu), *se me dão* (cigarro obtido gratuitamente).

Houaiss, Villar e Franco (2009, p. 596) ainda apresentam a informação que o verbo *dar* pode funcionar como verbo pleno (seu próprio significado) ou como verbo-suporte “constituindo com o substantivo um todo semântico.” Como exemplo: dar um abraço = abraçar .

Segundo Neves (2011, p.53), *dar* é um verbo-suporte³⁴ (também chamados de verbos funcionais) e define “são verbos de significado bastante esvaziado que formam com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua”. Como exemplo, expõe: “Aí então resolvi dar uma investida de leve (GTT)”. Ainda segundo Neves (2011), o verbo- suporte é dinâmico, seu emprego resulta em efeitos como: “obtenção de efeitos na configuração textual”; “permite maior versatilidade sintática”; “adequação comunicativa” e “maior precisão semântica”. Se observarmos as ocorrências: *Deixa eu dar uma pensada* e *Deixa eu pensar*, a frase em que o verbo-suporte seguido de particípio é usado, parece denotar um período de duração curto e rápido para refletir, ou melhor, para pensar. Já quando não temos a utilização do verbo-suporte, percebemos que *pensar* remete a um evento menos pontual, sem duração. (NEVES, 2011, p. 59).

A forma *deixa eu dar uma pensada* parece estar unindo as formas *deixar* + (*pronome*) + *infinitivo* e *dar* + *particípio*. Este fato ocorre, pois, se pensarmos que, de acordo com Castilho (2012 p. 447), “perífrases em que a um verbo se segue um particípio são mais gramaticalizadas do que as perífrases de gerúndio e de infinitivo”, a estrutura *dar* + *particípio* continua seu processo de gramaticalização (este que é sempre cíclico e contínuo) juntando-se a *deixar* + (*pronome*) + *infinitivo*, que também está em processo de gramaticalização.

Na ocorrência (14), apresentamos o fenômeno *deixa eu dar uma pensada*:

³⁴ Além de *dar*, Neves (2011) cita outros verbos-suporte como *fazer* e *ter*.

- (14)E - Não, na [tua]- tua época de quartel, como que foi nessa época? Tu gostou desse ano, ficastes um ano no quartel, né?
 F - **Hum, deixa eu dar uma pensada.** Época do quartel, eu na verdade não queria ir. Fui ali fiz os exame tudo, ficaram três pessoas pra trás. (VARSUL, SC CHP 18).

Nessa ocorrência, *deixa eu dar uma pensada* é utilizado pelo informante para manter o turno e recordar sobre a época vivida no quartel.

Dessa forma, através dos dicionários Ferreira (2009) e Houaiss, Villar e Franco (2009) apontamos que o verbo *dar* possui um amplo contexto de utilização como verbo pleno, elencamos os significados emitir, efetuar e manifestar que parecem expressar o sentido em *deixa eu dar uma pensada*. De acordo com Houaiss, Villar e Franco (2009) e Neves (2011), o verbo *dar* também funciona como verbo-suporte em diversas estruturas sintáticas.

2.3 Presença ou ausência de pronomes

O verbo *deixar* pode estar acompanhado por pronome(s) tônico e/ou átono que exercem duas funções sintáticas, a depender do verbo que o acompanha: complemento e sujeito. Veremos o que algumas gramáticas apresentam a respeito dos pronomes pessoais na posição em que *deixar* é usado no imperativo seguido pelo(s) pronome(s) e posteriormente os verbos *lembrar*, *pensar* e *ver*. Também ressaltamos que o pronome pode ser ocultado, o que é visível com a redução da forma.

Azeredo (2011) descreve sobre a posição dos pronomes átonos, “complementos do verbo, ocorrem normalmente proclíticas ao verbo principal, que pode ser um infinitivo” (AZEREDO, 2011, p. 261).

A ocorrência (15) está ilustrando o fenômeno usado com um pronome átono posterior ao verbo *deixar* e anterior ao verbo *lembrar*:

- (15)E - E a senhora tem filhos gêmeos? Que bom! E qual é o nome deles?
 F - Não, daí tem o Aldair que tu já conhece, tem o Irineu, que daí é o segundo filho, daí tem o Valdir. Me **deixa me (a)lembrar** o Valdir. Depois dele qual é que tem? (VARSUL, SC CHP 06)

A regência do verbo *lembrar* “com o sentido de “vir a memória”” estabelece relação com outras classes gramaticais tornando-se interdependentes (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 544). Dessa forma, o verbo *lembrar* requer uso de pronome(s) átono(s) tanto na linguagem coloquial quanto na literária, ocorrendo antes ou depois do verbo *lembrar*. Cunha e Cintra (2008) apresentam os seguintes exemplos para visualizar o uso do pronome: “Lembro-me que

devo voltar à missa solene...” (A. Schmidt, F, 37) e “Não me lembra o motivo que alegou.” (C. Drummond de Andrade, CB, 57). (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 544-545).

Em Neves (2011), o verbo *deixar* aparece como exemplo na seção que discorre sobre o uso de pronomes. Neves (2011) descreve que “a forma oblíqua átona do pronome pessoal ocorre como sujeito: é o caso de sujeito de uma oração infinitiva que constitui objeto direto do verbo junto do qual o pronome átono se coloca como clítico”. Exemplo: “Deixe-me falar-lhe de minha felicidade. (PRE)” (NEVES, 2011 p. 453). Ela também caracteriza que é comum encontrar na conversação e inclusive em textos literários o uso dos pronomes pessoais tônicos na posição de sujeito do infinitivo. Veja o exemplo: “Deixa eu contar primeiro as minhas coisas, dona Angelina, não tenha tanta pressa! (ANA)” ou “Nem vi ela gemer. (AB)” (NEVES, 2000 p. 453).

Para Görski (1998)³⁵, construções feitas com verbos auxiliares causativos favorecem o preenchimento do sujeito de infinitivo como em: “Deixa eu terminar” (FLP 16, L1031). Ainda aponta sobre o uso do pronome reto no lugar do oblíquo, que exerce função de sujeito (deixa que eu termine).

A ocorrência (16), ilustra o fenômeno estudado usado com o verbo *deixar* seguido do pronome reto *eu*, acompanhado de um verbo no infinitivo *pensar*:

(16)E - A senhora correu algum perigo de vida, alguma situação muito ruim, com a senhora, que tenha marcado?
F - **Deixa eu pensar** um pouquinho. Ah, aquela do homem, aquele que se incomodou porque eu não aceitei a esmola dele, né,? E depois eu fiquei com medo. (VARSUL, SC CHP 21).

Os usos em que não há presença de pronome tônico ou átono *deixa + infinitivo* é descrito por Bechara (2009 p. 285): verbos causativos como deixar, mandar ou fazer, podem conter ou não o “pronome átono que pertence ao infinitivo”, mas, nos exemplos por ele citados, aparece apenas *se* posterior ao verbo no infinitivo. Exemplos: “O faquir deixou-o afastar (por afastar-se) {AH.2}” ou “Deixei-o embrenhar (por embrenhar-se) e transpus o rio após ele {AH.2,77}.” (BECHARA, 2009, p. 285).

Cunha e Cintra (2008, p. 501) também destacam que os verbos causativos podem ser seguidos imediatamente por verbos no infinitivo ou separados por sujeito dos verbos no infinitivo. Os autores citam os exemplos: “Deixas correr os dias como as águas do Paraíba? (Machado de Assis, OC, II, 119)”. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 501).

³⁵ Estudo intitulado “Variação no uso do infinitivo pessoal” realizado com dados do VARSUL.

A ocorrência (17), mostra que o fenômeno se apresenta sem o uso de pronome:

- (17) E – (...) qual prato que você mais gosta de fazer?
 I – Éh arroz... feijão... macarrão...
 E – Qual você gostaria de me ensinar?
 I – Éh **deixa ver** macarrão... não arroz...(Marcela)³⁶

Segundo Bagno (2001), a Gramática Tradicional nomeia “sujeito do acusativo” e ele adota o termo “pronomes sujeito-objeto”, quando o pronome que, ao mesmo tempo, exerce função sintática de sujeito de um verbo e objeto direto de outro, restringindo-os aos verbos *mandar, fazer, deixar, ver, ouvir e sentir* que são seguidos por um verbo no infinitivo. O autor exemplifica: “Deixa-me dizer o que penso disso?”, sendo que *me* é objeto de *deixar* e sujeito de *dizer*. Ele aponta a maior probabilidade de ocorrência com o pronome *eu*, como em “Deixa *eu* dizer o que penso disso?” em que o sujeito do infinitivo é explícito. Bagno (2001), ainda propõe:

Este tipo de construção tem uma frequência tão elevada que o grupo DEIXA + EU sofre uma contração, no ritmo da fala (- monitorada), em todas as variedades (+ orais), quando se trata de verbo no modo imperativo, reduzindo-se a uma sílaba, pronunciada “xô”. (BAGNO, 2001, p. 207)

De forma semelhante, Cezário, Gomes e Pinto (1996) observam que *deixa eu ver* > *deixa ver* está sofrendo desgaste fonético tornando-se *xo've*, o que caracteriza o processo de gramaticalização em que o verbo *deixar* cristaliza-se com o verbo seguinte no infinitivo *ver*³⁷.

Assim, podemos constatar algumas particularidades dos verbos de percepção e cognição que complementam os usos de *deixar* no imperativo quanto ao uso dos pronomes. O verbo de cognição *lembrar* requer o uso de pronome(s) em sua regência, para o verbo *pensar* não encontramos estudos que mencionem a necessidade de uso de pronome, portanto, pensamos que a forma *deixa pensar* é possível. Já o verbo de percepção *ver* pode ser usado com ou sem pronome, pois construções com verbos auxiliares causativos como em *deixar* + (pronome) + infinitivo possibilitam o uso imediato de verbos no infinitivo ou são separados pelo sujeito do infinitivo.

³⁶ Ocorrência retirada de MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil uma abordagem funcional**. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Grupo de Estudos *Discurso e Gramática*. Rio de Janeiro, 1996. Os dados são provenientes do *corpus* *Discurso & Gramática do Rio de Janeiro*.

³⁷ Não foram encontrados dados nas amostras analisadas e nos estudos efetuados sobre a redução fonética para *deixa* + pronome ou \emptyset + *pensar* e *deixa* + pronome ou \emptyset + *lembrar*.

2.4 Estudos de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes como Marcador Discursivo

O fenômeno *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes atua como MD em que apresenta função diferente de requisitar permissão para visualizar algo ou refletir, assim enfraquecendo parcialmente seu valor verbal ou perdendo características verbais. *Deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes é citado por alguns pesquisadores, alguns abordam a frequência de uso do fenômeno e outros o definem como MD no português brasileiro.

Silva e Macedo (1996) categorizam *deixa eu ver*, *quer dizer* e *isto é* como MDs esclarecedores, os quais “tentam resumir ou retomar com maior clareza parte do discurso” Como um exemplo, eles apresentam a seguinte frase: “É um filho que não estava muito aí para as coisas, né? Saía aí pelo mundo e tal. *Quer dizer*, eu acho que hoje...” (MACEDO; SILVA, 1996, p. 12).

Gonçalves, Longhin-Thomazi, Lima-Hernandes et al. (2007, p. 143) tratam de *deixa eu ver* como MD ou como perífrase e exemplificam a divergência, um dos princípios da gramaticalização postulados por Hopper (1991, apud GONÇALVES; CARVALHO, 2007), mostrando a coexistência de duas funções. As ocorrências que eles apresentam são:

(18) O que que tem que (lhes) ver com boneca, não é? Aí ela está brincando com a filha da vizinha, eu digo: “Marina, **deixa eu ver** a tua boneca?” “Não!” Aí a filha da vizinha, não é? Pediu, ela deu a boneca. Aí eu fiquei danado, não é? Tomei a boneca da mão da filha da vizinha (...) (PEUL/RJ/Amostra 80)³⁸

(19) Por aí assim aqui mesmo, mas já morei dez ano...morei, **deixa eu ver**, morei em Nova Iguaçu [vinte]... vinte e dois anos e morei no Largo do Bicão dez anos, agora faz sete que eu moro aqui (PEUL/RJ/Amostra 80)³⁹

O número (18) indica que a forma é utilizada como pedido de permissão para visualizar algo. O número (19) exemplifica o uso de *deixa eu ver* como MD.

Martelotta, Votre e Cezário (2004, p. 73) apresentam *deixa eu ver* como MD em fase bastante avançada de gramaticalização, relatando que esta forma já está cristalizada. Os autores descrevem o uso do MD o “[...] informante não pede autorização para pensar. Na

³⁸ Ocorrência retirada de GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; et al (orgs). **Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 143.

³⁹ Ocorrência retirada de GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; et al (orgs). **Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 143.

verdade, ele se dá um pequeno espaço de tempo para lembrar o que há ainda para falar e, dessa forma, completar uma descrição, por exemplo”. (MARTELOTTA, VOTRE, CEZÁRIO, 2004, p. 73). Martelotta, Votre e Cezário (2004) exemplificam *deixa eu ver* em:

(20) “... e quando eu chego ele se torna uma zona... porque minha mãe tem aquele trabalho todo de arrumar o quarto e quando eu chego volta aquela bagunça toda... **deixa eu ver** o que que tem mais no meu quarto... tem uma televisão... tem um vídeo... tem uma estante... tem uma escrivaninha...” (MARTELOTTA, VOTRE, CEZÁRIO, 2004, p. 73).

A ocorrência (20) mostra o uso de *deixa eu ver* como MD, segundo os autores, *ver* é usado metaforicamente como pensar.

Cezário, Gomes e Pinto (1996) classificam *deixa eu ver* > *deixa ver* como MD para “preencher o tempo em que está pensando” em que o verbo *deixar* perde sentido lexical e se cristaliza ao lado de outro verbo, também destacam um desgaste fonético, outra característica da gramaticalização pelo qual o fenômeno passa, se tornando *xo've*. Além disso, citam o uso intermediário, *deixa eu pensar*, “que aceitava a interpretação de ‘pedido de permissão’”. (CEZÁRIO, GOMES e PINTO, 1996). Os autores exemplificam o item linguístico nessa ocorrência:

(21)(...) qual prato que você mais gosta de fazer?
I – Êh arroz... feijão... macarrão...
E – Qual você gostaria de me ensinar?
I – Êh **deixa ver** macarrão... não arroz...(Marcela)⁴⁰

Percebemos que *deixa ver* é usado como um MD em que o falante está decidindo qual prato gostaria de ensinar para o a outra pessoa com quem está conversando.

Bagno (2001) trata de *deixar* + *pronome* atentando-se ao uso do pronome, não faz menção ao item em estudo como MD. Ele descreve o uso mais frequente do pronome “*eu*” por falantes brasileiros, como em “Deixa eu dizer o que penso disso” (BAGNO, 2001, p. 111). Da mesma forma que Cezário, Gomes e Pinto (1996), Bagno (2001) também aborda a redução que ocorre pelo uso constante do fenômeno *deixa eu* para *xo*, tornando-se apenas uma sílaba.

⁴⁰ Ocorrência retirada de MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil uma abordagem funcional**. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Grupo de Estudos *Discurso e Gramática*. Rio de Janeiro, 1996.

É importante pontuarmos que o fenômeno estudado foi apenas encontrado como MD na forma *deixa eu ver* ou sem o pronome *deixa ver* e na forma reduzida *xo've*. Cezário, Gomes e Pinto (1996) apenas apontam o uso intermediário de *deixa eu pensar*. As outras formas: *deixa eu dar uma pensada*, *deixa eu me lembrar*, *deixa me lembrar*, *deixa eu lembrar*, *deixe eu ver e dexovê* não foram mencionadas nos estudos efetuados.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, trataremos da teoria que embasa nossa pesquisa, o *funcionalismo*. Esta vertente teórica nos norteará para a análise do fenômeno investigado. Apresentamos, em seguida, os tipos de mudança linguística e destacamos a *gramaticalização*. Também incluímos uma seção sobre *Marcadores Discursivos* e abordamos definições sobre esta classe emergente na língua.

3.1 Funcionalismo

O século XX marcou os estudos linguísticos, de um lado uma vertente estruturalista, em que a língua é vista como um sistema (fechado), conforme os estudos de Saussure (1998). De outro lado, uma vertente funcionalista, isto é, a função comunicativa de elementos linguísticos se incorporou à concepção de linguagem⁴¹.

A funcionalidade de uma língua está relacionada aos conceitos da Escola Linguística de Praga (1930), na qual a língua passou a ser interpretada, por um grupo de estudiosos, através de seu contexto: “as frases são vistas como unidades comunicativas que veiculam informações, ao mesmo tempo que estabelecem ligação com a situação de fala e com o próprio contexto” (NEVES, 2001). Essa concepção considera a língua como um sistema funcional.

O conceito de funcionalismo linguístico que adotamos nesta pesquisa é o estudo da “língua como um instrumento de interação social” e que “a língua deve ser entendida como um sistema funcional, no sentido de que é utilizada para um determinado fim” (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003). Assim, é justamente no contato social ou no uso que a língua ganha sentido, pois exerce uma função naquele contexto. Abordamos 3 nomes importantes do funcionalismo.

De acordo com Halliday (1963 apud NEVES, 2001) que define a “língua enquanto escolha” (NEVES, 2001), a qual produz significado. A sistematicidade está ligada a significados que configuram diferentes funções: ideacional que “codifica a experiência do mundo”, interpessoal que “diz respeito aos papéis da fala” e textual que caracteriza-se pelas “relações dentro do próprio enunciado, ou entre o enunciado e a situação” (NEVES, 2001, p.61). O sistema linguístico, isto é, o entrelaçamento entre semântica e gramática gera

⁴¹ A linguagem é a capacidade que os seres vivos têm para se comunicarem usando manifestações linguísticas, artísticas, musicais, físicas, entre outros.

significado pragmático. A gramática é um conjunto de opções, em que o falante escolhe uma das opções para um determinado fim em um contexto específico (NEVES, 2001).

Para Dik (1989 apud NEVES, 2001), a língua é um instrumento que contém regras para atingir um propósito, unindo-se, assim, sistema/forma, significado, uso/função e pragmática, os quais são dependentes umas das outras. Procura-se entender a língua perante os papéis que o falante e o ouvinte desempenham socialmente ou como eles se fazem entender, ou melhor, como eles se comunicam. As funções pragmáticas descritas por Dik se caracterizam por topicidade a qual se refere à maneira que falamos, também associada a informação dada, e focalidade que são as partes mais importantes que focamos e que pode ser entendida como uma informação nova.

Givón (1995 apud NEVES, 2004) nega o sistema estruturalista saussuriano e aborda a visão da funcionalidade da língua, a depender do contexto, é no processo de comunicação entre falantes que a gramática emerge. Nos respaldamos neste funcionalista para esta pesquisa.

De acordo com Cunha, Oliveira e Martelotta (2003, p. 29), o sentido da língua é materializado no uso e dessa forma a gramática não é estudada por si mesma:

Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema. (CUNHA, OLIVEIRA, MARTELOTTA, 2003, p. 29)

Assim, a gramática da língua nunca está completa, ela é formada por um conjunto de regularidades que são decorrentes do uso da língua e, dessa maneira, pesquisa-se tais regularidades. Os discursos anteriores moldam novos discursos, os quais são cíclicos e contínuos, “segundo essa teoria, as formas linguísticas tem seus usos estendidos por processos unidirecionais de mudança, motivados pelo uso” (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, p. 23).

Além disso, a marcação é mais uma característica relevante da teoria funcionalista, em que um item pode ser mais marcado ou menos marcado, o que corresponde à complexidade estrutural de um item linguístico e a frequência de uso do mesmo. Por exemplo, um item menos marcado é menos complexo e mais frequente.

Outro princípio que não podemos deixar de tratar é a iconicidade. Devido a grande importância que se dá ao contexto de uso de um elemento, a arbitrariedade é posta em jogo,

portanto, forma e função podem ter uma relação. A arbitrariedade⁴² não é totalmente descartada, mas dependendo da função que certa forma linguística exerce em um determinado contexto, pode-se perceber uma ligação/conectividade entre as duas.

Também é importantíssimo pontuar sobre a frequência de uso de um item linguístico. Para Bybee (2003) a frequência é resultado do aumento dos contextos de uso e “a frequência não é somente um resultado da gramaticalização, é também um contribuidor primário para o processo, uma força ativa instigadora de mudanças que ocorrem na gramaticalização” (tradução nossa) (Bybee, 2003, p. 602).⁴³

Conforme Bybee (2003), itens com maior frequência de uso sofrem mudanças sonoras mais rapidamente que itens que possuem menor frequência. Algumas das mudanças que o uso frequente conduz é o enfraquecimento da força semântica, também condiciona o aspecto linguístico para a autonomia (desenvolve novas funções e contextos de uso) e para as mudanças fonológicas (redução e fusão – combinações de palavras que se juntam).

Além disso, Bybee (2003), baseando-se em Fowler e Houseen ([19--] apud BYBEE, 2003, p.616), pontua que o aparecimento (repetição) de um item linguístico pela segunda vez pode ter seu tamanho reduzido significativamente. A repetição é uma das características que englobam a mudança e pode encorajar a inovação ou realçar o conservadorismo. Para Traugott (2003), primeiro ocorre a mudança de sentido e depois a mudança estrutural.

Ainda segundo Bybee (2003), a frequência pode ser distinguida entre o uso dos token e dos type, o primeiro refere-se à frequência de uso de um fenômeno, por exemplo, a frequência de *deixa eu ver*, e o outro, refere-se a frequência de uso que uma construção pode ser usada, como *deixa eu lembrar* ou *deixa eu pensar* ou *deixa eu ver*.

3.2 Tipos de mudança linguística

A mudança linguística em relação a aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos e fonéticos começa a ser analisada por volta do século XIX com o estudo da gramática histórico-comparativa. Através de uma perspectiva histórica, os estudiosos, que tinham contato com vários idiomas, comparavam línguas, a fim de averiguar possíveis elementos de origem e mudança. (MARTELOTTA, 2011).

⁴² Não existe relação entre forma (significante) e função (significado) segundo Saussure.

⁴³ “Frequency is not just a result of grammaticalization, it is also a primary contributor to the process, an active force in instigating the changes that occur in grammaticalization”. (BYBEE, 2003, p. 602).

A teoria histórico-comparativa foi negada por linguistas neogramáticos que sugeriram o princípio do uniformitarismo (mudanças ocorrem em todos os períodos históricos e continuam a ocorrer). Nesse ínterim, os neogramáticos apresentaram o conceito das leis fonéticas, isto é, um processo regular absoluto pelo qual “as mudanças afetavam a mesma unidade fônica em todas as suas ocorrências”. (FARACO, 2012, p. 35). Além disso, também propuseram a analogia, em que a mente institui relações de semelhanças entre formas distintas, e o empréstimo, que se refere à influência de uma língua sobre outra. É importante pontuarmos que os neogramáticos sugeriram que as mudanças se efetivavam pelo uso da língua pelo indivíduo. (MARTELOTTA, 2011).

No âmbito de mudança, Saussure contribui com os conceitos de sincronia e diacronia, mas, a mudança só poderia ser vista no plano diacrônico. A diacronia envolve a mudança que ocorre com o passar dos anos, dessa forma, alguns elementos aparecem e outros desaparecem. Em contrapartida, os funcionalistas, através de estudos de mudança linguística, percebem que a mudança “reflete tendências não estruturais que se manifestam na organização gramatical de modo atemporal” (MARTELOTTA, 2011, p. 38). Assim, uma análise sincrônica também passa a ser estudada, a qual está relacionada à fala em um determinado período.

Na visão chomskiana, nos anos 80, os parâmetros (positivos e negativos) referem-se à mudança que pode ocorrer através da experiência linguística de uma pessoa no ambiente em que vive, a qual não é inata, mas se encerra em algum momento da vida. Se uma criança tiver mais experiência com um determinado item linguístico, ela pode considerá-lo positivo, mas ao longo de sua experiência com a língua, esse item linguístico pode se apresentar de outras formas e pode passar a ser considerado mais positivo do que o anterior. Com o passar dos anos, essa criança cresce e pode levar o uso mais positivo para gerações subsequentes.

A sociolinguística (LABOV, 2008) percebe a língua de forma heterogênea e a estuda de forma variável, assim, a mudança é decorrente de variações, porém, nem toda variação gera mudança. A mudança também é vista de forma gradual, pois os contextos de uso se expandem e novas tendências surgem. A língua é pesquisada linguisticamente, socialmente e estilisticamente.

3.2.1 Gramaticalização

A gramaticalização é um processo importante para entendermos como e porque as mudanças surgem e se desenvolvem na língua. Assim, aspectos sociais induzem a reinterpretção e processos internos envolvem a reconstrução de itens linguísticos.

De acordo com Heine (2003, p. 577) a gramaticalização vista como desenvolvimento do léxico para o gramático e do gramático para o mais gramático, trouxe contribuições de teóricos significativos como: Traugott (1980) que caracteriza maneiras de reconstrução da mudança semântica; Bybee (1985, 1991, 1994) visto como uma forma de explicar e descrever a estrutura de categorias gramaticais através da língua; Hopper (1987) define como sinônimo de gramática, a gramática emergente se refere ao uso de estratégias para construir discursos, o qual envolve um “movimento contínuo em direção a estrutura”. (HEINE, 2003, p. 577); e Heine (1997) e Heine et al. (1991) em que a gramática resulta da interação entre conceituação e comunicação.

Além disso, para Bybee (2003), que considera a repetição extremamente importante, a gramaticalização “é o processo pelo qual uma sequência de palavras ou morfemas frequentemente usadas se tornam automatizadas como uma única unidade em processo” (tradução nossa)⁴⁴ (BYBEE, 2003, p. 603).

De acordo com Traugott (1997) que define gramaticalização como “o processo pelo qual um material lexical em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente forçados se tornam gramaticais”⁴⁵ (tradução nossa) (TRAUGOTT, 1997, p. 1).

Segundo Hopper (1987), que se posiciona contra a ideia de uma gramática abstrata que preexiste ao discurso, pontua que a gramática “deve ser vista como tempo real, fenômeno social, e portanto é temporal; sua estrutura é sempre adiada, sempre em processo mas nunca chega lá, e portanto emergente (tradução nossa)”⁴⁶ (HOPPER, 1987). Assim, entendemos que, a estrutura ou regularidade surge durante o discurso, ou seja, elas são negociáveis. A interação entre ouvinte e falante reflete as “experiências passadas dos interlocutores” (HOPPER, 1987) que podem ser diferentes. A gramática não é vista como uma série de regras fixas e homogêneas, os resultados (re)combinados de maneiras diferentes é que a moldam, a

⁴⁴ “... as the process by which a frequently used sequence of words of morphemes becomes automated as a single processing unit”. (BYBEE, 2003, p. 603).

⁴⁵ “... is the process whereby lexical material in highly constrained pragmatic and morphosyntactic contexts becomes grammatical”. (TRAUGOTT, 1997, p. 1).

⁴⁶ “...must be viewed as a real time, social phenomenon, and therefore temporal; its structure is always deferred, always in a process but never arriving, and therefore is temporal” (Hopper, 1987).

gramática é dinâmica, ou melhor, a gramática, na verdade, não existe, Hopper (1987) prefere chamar de gramaticalização.

Hopper (1991, apud GONÇALVES; CARVALHO, 2007, p. 79-85) ainda apresenta princípios da gramaticalização que envolvem a estratificação, a divergência, a especialização, a persistência e a descategorização. Esses cinco princípios nos permitem verificar se um item está mais ou menos gramaticalizado, conforme as características de cada etapa.

A estratificação é o surgimento e/ou a coexistência de novas formas com formas já existentes. Isso se dá pelo fato que, mesmo surgindo novas funções na língua, as antigas não deixam de ser utilizadas e as diferentes formas podem ser vistas como variantes de uma mesma variável. A divergência ocorre quando os fenômenos passam a funcionar de forma diferente na língua. Por exemplo, uma forma variante passa a sofrer mudanças internas ou estilísticas. A especialização remete ao aumento da frequência de uso do fenômeno, em que um item passa a ser mais usado que outro em um determinado contexto. A persistência ocorre quando o fenômeno pesquisado mantém características da sua forma-fonte, podendo causar restrições sintáticas e semânticas. A descategorização refere-se à perda de função, o fenômeno investigado, assume e adquire uma nova função, por exemplo, verbos podem passar a funcionar em outras classes gramaticais, como advérbios.

Em Heine (2003), a gramaticalização é um dos fatores que determinam o desenvolvimento da gramática e o processo envolve o uso da língua inter-relacionada por 4 mecanismos: semanticamente, ou seja, a perda de significado (do mais concreto para o mais abstrato); pragmaticamente ou extensão de uso em novos contextos; morfossintaticamente, isto é, a perda de propriedades (tendência a ser convencionalizada, surge uma nova categoria); e foneticamente ou a perda fonética.

Para Heine (2003), o processo envolve perdas e ganhos, e é através do contexto de uso que isto se torna possível. Traugott (2003) também afirma sobre os ganhos pragmáticos que podem ocorrer no processo de gramaticalização. Às vezes, as mudanças fonológicas ou morfossintáticas não são notáveis, mas uma mudança do mais concreto para o mais abstrato pode ocorrer. Um mesmo item linguístico pode seguir o processo de gramaticalização mais de uma vez e de formas diferentes, ou estar em constante processo de gramaticalização.

As mudanças do mais concreto (menos gramaticalizado) para o mais abstrato (mais gramaticalizado) são chamadas de processos unidirecionais isto é, palavras de significados concretos são usadas em contextos mais abstratos e específicos, criando novos sentidos e usos para itens linguísticos, o qual envolve aspectos semânticos, sintáticos e pragmáticos da língua. A evolução de mais concreto para o mais abstrato é gradual e pode ser percebida através do

desenvolvimento diacrônico, ao longo da história (como a forma surgiu e se desenvolveu até adquirir outra forma e função específicas), e sincrônico, a gramaticalização em curso.

Segundo Cunha, Oliveira e Martelotta (2003, p.54) baseado em Traugott e Heine (1991) “propõem a seguinte escala para representar o processo de abstratização gradativa”: espaço > (tempo) > texto. Um exemplo é o uso da palavra pé, que se refere a algo físico do corpo humano (o qual o homem usa para sustentar o próprio corpo) que passa a ser usada como um conceito mais abstrato, como o pé da mesa.⁴⁷

A característica cíclica também é tratada por Cunha, Oliveira e Martelotta com base nos pressupostos de Givón (1979 apud CUNHA, OLIVEIRA E MARTELOTTA, 2003), em que ocorre o seguinte processo: discurso > sintaxe > morfologia > morfofonologia > zero. Cunha, Oliveira e Martelotta (2003) descrevem:

De acordo com essa trajetória unidirecional de gramaticalização, alguns itens lexicais passam a ser utilizados em contextos nos quais desempenham certa função gramatical, ainda não totalmente fixada. Progressivamente, via repetição, seu uso torna-se mais previsível e regular, resultando numa nova construção sintática com características morfológicas especiais, podendo, posteriormente, desenvolver-se para uma forma ainda mais dependente, como um clítico ou um afixo, com eventuais adaptações fonológicas. Com o aumento da frequência de uso, essa construção tende a sofrer desgaste formal e funcional que poderá causar seu desaparecimento, dando início a um novo ciclo. (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA 2003, p. 54).

Através da frequência de uso, um item pode apresentar características semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas diferentes, e pode resultar até em seu desaparecimento.

Para relacionar com os verbos em estudo, de acordo com Silva (1999) *deixar* está em processo de gramaticalização:

Do ponto de vista do critério semântico da gramaticalização, ‘permitir’ é de facto uma “abstracção” do valor primitivo ‘afrouxar, relaxar’ (mais precisamente, uma extensão metonímico-metafórica de ‘largar-soltar-liberar’, efectuada ainda em *laxare*, como vimos no capítulo anterior), e ainda mais o é ‘não intervir’ (valor promovido ao longo da história do português) (SILVA, 1999).

A gramaticalização unidirecional, ou seja, contínua e gradual pode ocasionar o aumento de significado pragmático e abstrato, passando a atuar em outras construções, como o caso de *deixar*. De acordo com Silva (1999), *deixar* passou de verbo pleno para verbo

⁴⁷ Este é um exemplo de extensão metafórica do mais concreto para o mais abstrato. “A metáfora constitui um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido. A metonímia diz respeito aos processos de mudança por contiguidade, no sentido de que são gerados no contexto sintático.” (MARTELOTTA, VOTRE, CEZÁRIO, 1996).

auxiliar. Silva (1999) ainda aponta, referenciando Heine (1993), 7 fases do processo de gramaticalização dos verbos auxiliares:

1. significação plena.
2. o complemento pode ser nominal ou seguido por um verbo no infinitivo/gerúndio.
3. restrições quanto ao uso de sujeito e complemento.
4. perda de propriedades sintáticas – apenas um complemento, por exemplo.
5. conserva algumas características.
6. perde propriedade de verbo.
7. passa a atuar em outro campo gramatical, não mais como verbo.

Silva (1999) também expõe que o verbo *deixar* se encontra em fases diferentes de gramaticalização usadas em construções como *deixar + infinitivo*.

Em relação ao verbo *ver*, também percebemos usos que vão do mais concreto para o mais abstrato, na ocorrência da amostra do banco de dados VARSUL⁴⁸, notamos que o verbo *ver* não é utilizado com o sentido de visualizar, mas com a função de planejamento cognitivo:

E: E que, que, como é que a senhora sente assim a cidade de Curitiba, a senhora gosta daqui?

F: Gosto, gosto, sempre gostei. Apesar que eu estava achando [<a->] agora Curitiba muito suja.

E: Suja?

F: Suja. Curitiba é um cartão postal, é muito bonita, e agora está muito suja. Está suja e relaxada, mas isto acho que o culpado mesmo é o governo pelo falta de verba. Porque você *vê*... eu acho, eu sempre pego uma casa <d> de uma família, eu faço uma comparação com o governo. Se numa casa não há boa administração, então [as] as coisas não vão bem. E assim é o governo, se não tem [<a>] administração boa o país não pode ir bem, [né?] (CTB 22 L. 1171)

Nesta ocorrência percebemos que *ver* é utilizado como um recurso para planejar o pensamento e continuar a fala.

Martellota, Votre e Cezário (1996) tratam do uso metafórico de *ver* em *deixa ver* ou *você vê*. Já Votre (2004) aborda o fenômeno *deixa eu ver* como uma construção abstrata do verbo *ver* no português contemporâneo.

Para os verbos *lembrar* e *pensar*⁴⁹, os sentidos encontrados nos dicionários pesquisados indicam sentido abstrato.

⁴⁸ Ocorrência retirada da dissertação de Rost (2002).

⁴⁹ Votre (2004) apresenta a expansão semântica do verbo *pensar* de pleno para emotivo/efetivo. Em relação a *lembrar* não encontramos estudos sobre abstratização.

Castilho (2012, p. 397) aborda a gramaticalização de verbos, passando de uma escala de verbo pleno para verbo funcional e depois para auxiliar⁵⁰ (verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar). Esta escala é uma representação sofrida por verbos, não se trata de uma sequência obrigatória. Travaglia (2007) também apresenta as seguintes sequências:

Verbo pleno > (forma perifrástica: verbos semi-auxiliares/auxiliares) > verbo de ligação ou verbo funcional > ? aglutinação (clítico > afixo) ? , ou

Verbo pleno > forma perifrástica (verbos semi-auxiliares/auxiliares) > aglutinação (clítico > afixo).

Já Martelotta (1996) que aponta funções no processo de gramaticalização de fenômenos linguísticos, como a ideacional, a textual e a interpessoal:

a) função ideacional – consiste na expressão da experiência do falante em relação ao mundo real (incluindo noções de tempo e espaço) e ao mundo interno da sua consciência.

b) função textual – consiste na construção e organização do texto.

c) função interpessoal – consiste na interação entre a expressão, o desenvolvimento da personalidade do falante e a expectativa do ouvinte.

Além das funções descritas acima, a gramaticalização é associada também a processos de subjetivização e intersubjetivização⁵¹, segundo Snichelotto e Görski que baseiam-se em Traugott (2010, apud SNICHELOTTO, GÖRSKI, 2011). De acordo com os processos, também chamados de *teoria de inferência sugerida*, a depender do contexto, o ouvinte atribui valores pragmáticos a elementos sugeridos pelo falante. É o caso de alguns marcadores discursivos, por exemplo.

⁵⁰ “Verbos *plenos* funcionam como núcleos sentenciais, selecionando argumentos e atribuindo-lhes papéis temáticos. Verbos *funcionais* são os que transferem esse papel aos constituintes à sua direita, geralmente sintagmas nominais, sintagmas adjetivais, sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais, reduzindo-se a portadores de marcas morfológicas e especializando-se na constituição de sentenças apresentacionais, atributivas e equativas. Verbos *auxiliares* são os que desempenham papel assemelhado ao dos verbos funcionais, com a diferença que à sua direita ocorrem verbos plenos em sua forma nominal, aos quais os auxiliares atribuem categorias de pessoa e número, especializando-se como indicadores de aspecto, tempo, voz e modo.” (CASTILHO, 2012, p. 397).

⁵¹ “A subjetivização – processo que se desenvolve a partir do uso de expressões cujo significado é o de indexar a atitude ou ponto de vista do falante em relação ao conteúdo do que é dito; e a intersubjetivização – processo que se desenvolve a partir do uso de expressões cujo significado é o de indexar a atenção do falante à face/imagem do ouvinte”. (SNICHELOTTO, GÖRSKI, 2011).

3.3 Marcadores Discursivos (MDs)

Partindo da heterogeneidade da língua, característica esta que também contempla os Marcadores Discursivos (MDs)⁵², os quais são fundamentais em um ato de fala, mas sua complexidade os tornam meticulosos para definirmos, até mesmo já caracterizados como vícios de linguagem e que não tem reconhecimento nas gramáticas normativas (FREITAG, 2007). Dessa forma, decidimos listar alguns estudiosos da área que atribuem características e definições para os MDs.

Segundo Martellota, Votre e Cezário (1996 p. 61), os MDs são usados “para reorganizar a linearidade das informações a nível de discurso”, portanto, os autores destacam certas funções que os MDs tem na comunicação, ou mais especificamente na fala, pois para os autores a fala é uma constante reformulação de ideias. As funções destacadas por eles são: “marcar hesitações ou reformulações” (né?); “modalizar o discurso” (marcar insegurança ou não comprometimento) (né?); “marcar mudanças de direção comunicativa” (tá?); “criar reticências” (e tal...tal... tal...); “retomar referentes já mencionados” (entendeu?, não é? tá?); “marcar plano discursivo de fundo” (né?, entendeu?); “preencher vazios causados por pausas para calcular as informações subsequentes” (assim).

Já Silva e Macedo (1996) em *Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais* classificam alguns usos dos MDs no português brasileiro como: “iniciadores” (bom, bem, ih, olha), “redutores” (pô, sei lá), “esclarecedores” (quer dizer, deixa eu ver), “preenchedores de pausa” (assim, é, bem), “sequenciadores” (aí, então, depois), “resumidores” (essas coisas, e tal), “argumentadores” (agora, não mas, é mas, eu pra mim), “finalizadores” (então tá, é isso aí) e “requisito de apoio discursivo” (né?, tá?, viu?, sabe?).

Urbano, Silva e Risso (1996) caracterizam os MDs como recursos que não se fecham em uma só categoria, são diversificados, estão em constante ampliação, são muito presentes na fala, possuem cunho pragmático e funcional, e cada vez mais são estudados linguisticamente. Dessa forma, os autores os definem:

Trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo

⁵² Alguns pesquisadores utilizam outras nomenclaturas, como Marcadores Conversacionais ou Operadores Argumentativos, porém em nossa pesquisa usaremos a terminologia: Marcadores Discursivos.

tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa. (URBANO; SILVA; RISSO, 1996, p.21).

Schiffrin (2010, p. 57) postula que os MDs são expressões ou grupo de expressões linguísticas compostas de várias classes gramaticais como conjunções, interjeições, advérbios, expressões lexicalizadas, definindo-os como “elementos sequencialmente dependentes que agrupam unidades de fala”⁵³ (tradução nossa) (SCHIFFRIN, 2010, p. 57). E, adiciona:

Marcadores discursivos nos dizem não somente sobre propriedades linguísticas (ex. significados semânticos e pragmáticos, fontes/causas, funções) de um grupo de expressões usadas frequentemente, e da organização de interações sociais e situações em que elas são usadas, mas também sobre a competência cognitiva, expressiva, social e textual daqueles que as usam. (tradução nossa) (SCHIFFRIN, 2010, p. 67).⁵⁴

Schiffrin (2010) ainda enfatiza a questão do contexto em que o MD é utilizado, pois é justamente o contexto que determina a função de um MD.

Castilho (1989) pontua que os MDs possuem certas propriedades como: pragmáticas, semânticas e sintáticas. A propriedade pragmática está relacionada à interação, quando o turno é tomado; a propriedade semântica se refere aos marcadores delimitarem o próximo subtema; e a propriedade sintática, em que os marcadores interligam partes do texto. (CASTILHO, 1989, p. 265).

Marcuschi (1989) em relação às propriedades interacionais e (intra)textuais postula que “os MCs operam simultaneamente, como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória, sendo pois *multifuncionais*” (MARCUSCHI, 1989, p. 282).

Marcuschi (1987 apud CASTILHO, 1989) aponta:

Marcuschi (1987) assinala que os MDs não constituem uma classe gramatical própria, compondo quatro tipos: (i) simples: têm um só lexema ou para-lexema, como os interrogativos, os advérbios, os verbos, os adjetivos, as conjunções e os pronomes; (ii) compostos: são sintagmas, muitas vezes estereotipados como “tá certo”, “que coisa né”, “si mas”, etc; (iii) oracionais: “eu acho que”, “não sei não”, etc; (iv) prosódicos: hesitações, ligadas em geral a um marcador verbal. (grifo do autor) (CASTILHO, 1989, p. 270)

⁵³ “...sequentially dependent elements that bracket units of talk” (SCHIFFRIN, 2010, p. 57).

⁵⁴ “Discourse markers tell us not only about the linguistic properties (e.g. semantic and pragmatic meanings, source, functions) of a set of frequently used expressions, and the organization of social interactions and situations in which they are used, but also about the cognitive, expressive, social, and textual competence of those who use them.” (SCHIFFRIN, 2010, p. 67)

Freitag (2007) define MDs usando estas funções “MDs é um rótulo amplo que recobre construções que atuam tanto no plano textual, estabelecendo eles coesivos entre partes do texto, como no plano interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala”. (FREITAG, 2007).

Martellota, Votre e Cezário (1996) também corroboram com os aspectos multifuncionais dos MDs:

Os marcadores discursivos desempenham um conjunto de funções que, na prática, se sobrepõem e se confundem, uma vez que estão ligadas a reformulações de fala, que são feitas em nome de uma melhor compreensão das informações transmitidas. Essas funções estão relacionadas direta ou indiretamente às preocupações do falante, no momento de processar a fala, em relação ao seu discurso e em relação à percepção do ouvinte. (MARTELLOTA, VOTRE, CEZÁRIO, 1996).

Urbano (2006, p. 499) destaca a multifuncionalidade dos MDs no âmbito textual-interativa e explana sobre outras subfunções envolvendo falante e ouvinte “indo do maior envolvimento do falante consigo mesmo e menor com o interlocutor (maior grau de *subjetividade*) até uma situação oposta (maior grau de *intersubjetividade*).”⁵⁵

Urbano, Silva e Risso (1996, p. 28) atentam para o fato de que dificilmente um MD exercerá apenas uma função permanente, uma forma pode ter diferentes funções. Também apontam que os MDs, em alguns casos, passam por um processo de adaptação tanto estrutural como lexical, assim, os itens adquirem novos usos.

De acordo com os estudiosos citados acima, destacamos algumas características comuns dos MDs: pertencem a uma classe funcional, têm papel fundamental na interação entre falantes e na organização textual, assim como papel cognitivo, são provenientes de várias classes gramaticais e possuem múltiplas funções na língua, a depender do contexto em que são usados e devido ao processo de mudança que é inerente a língua.

Como a categoria dos MDs é recorrente no português brasileiro (MARCUSCHI, 1989) e exerce funções importantes na fala, realizamos uma breve busca para averiguar pesquisas realizadas na região sul que descrevem e caracterizam contextos de uso de MDs de base verbal. Exemplificamos alguns estudos encontrados os quais utilizaram o banco de dados VARSUL: *Sabe? ~ Não tem? ~ Entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo* de Carla Regina Martins Valle; *Quer dizer: percurso de*

⁵⁵ Subjetivação – processo que se desenvolve a partir do uso de expressões cujo significado é de o indexar a atitude ou ponto de vista do falante em relação ao conteúdo do que é dito; e a intersubjetivação – processo que se desenvolve a partir do uso de expressões cujo significado é o de indexar a atenção do falante face/imagem do ouvinte”. (SNICHELOTTO, GÖRSKI, 2011, p. 427).

mudança via gramaticalização e discursivização de Diane Dal Mago; *Olha e veja: multifuncionalidade e variação* de Claudia Andrea Rost.

4 METODOLOGIA

Nesta seção, tratamos da metodologia, detalhamos os *corpora* utilizados, descrevemos as cidades investigadas e delimitamos os fatores linguísticos, sociais e estilísticos que consideramos na análise, bem como o tratamento dos dados.

4.1 A Análise

O fenômeno investigado será analisado com base na teoria funcionalista, em que a gramática é uma estrutura maleável e pode se adaptar, a depender do contexto em que está inserida. Assim, é a partir do uso real da língua que a gramática emerge. Dessa forma, através da produção do fenômeno em um determinado contexto é que surgem constantemente novas funções e formas. Com base nesse princípio do funcionalismo, analisamos dois *corpora*, o projeto VMPOSC e o Banco de Dados VARSUL/SC, nos quais buscamos encontrar usos do item linguístico para delimitarmos fatores linguísticos, sociais e estilísticos e a etapa do processo de gramaticalização em que se encontram. Para a análise, foram considerados apenas os dados de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes como MDs. Excluímos ocorrências em que o falante pede permissão para visualizar algo como na ocorrência (22):

- (22) F – [...] A mamãe ela tinha horas pra tudo. Tanto [que] que ela [tinha] ela fazia tricô, ela costurava, e ela bordava (dirigindo-se ao interveniente) Sim? A chave do, acho que eu deixei meu passe.
 F - (dirigindo-se ao interveniente) Tá! Qual é a do escritório?
 F - (dirigindo-se ao interveniente) Ah, do escritório? **Deixa eu ver**. Tá. . Queres ver que as duas são iguais? É que eu deixei o passe lá.
 F - (dirigindo-se ao interveniente) Essa aqui ó. . Tá? A mamãe, ela de manhã ela fazia tricô, de tarde [ela] [ela] ela costurava e de noite ela fazia outro [<borda>] um bordado, uma coisa assim diferente, entende? Pra não ficar sempre naquele ali e aborrecer, né? (VARSUL, SC FL 22).

Na ocorrência acima, podemos perceber que o informante é interrompido durante a entrevista por alguém que solicita a chave do escritório. Porém, o informante se questiona sobre qual realmente é a chave do escritório, é quando utiliza *deixa eu ver*, depois ainda propõe ao interveniente que visualize as chaves, pois elas são iguais. O fato de o informante requisitar que o interveniente veja as chaves, sugere que *deixa eu ver*, na ocorrência (22), não esteja sendo usado como MD.

4.2 Os corpora

Para analisar as ocorrências dos MDs *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes na fala de Santa Catarina, os dados que foram foco de análise são derivados do projeto VMPOSC e do Banco de Dados VARSUL/SC⁵⁶, totalizando 108 entrevistas.

4.2.1 O projeto VMPOSC

O projeto VMPOSC é financiado com recursos da Chamada Pública FAPESC nº 04/2012 Universal, coordenado pela professora Cláudia Andrea Rost Snichelotto, o qual constitui-se por 32 entrevistas de informantes de Chapecó/Santa Catarina, monolíngues em português, estratificados, conforme Quadro 13. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS (Processo CAAE: 17011413.2.0000.5564) e encontra-se na fase de coleta das entrevistas. Devido à etapa em que o projeto se encontra, ouvimos somente 12 entrevistas (crianças do 1º e 2º ciclos do ensino fundamental e adultos, geração B, do ensino superior) para averiguar os contextos de uso e a frequência do item linguístico em análise.⁵⁷

Apresentamos no quadro a seguir as células sociais que contemplam o projeto VMPOSC:

Quadro 13 – Células VMPOSC

	Escolaridade							
	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
Idade / Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F
C	2	2	2	2	-	-	-	-
J	2	2	2	2	2	2	2	2
B	-	-	-	-	-	-	2	2
A	-	-	-	-	-	-	2	2
Total parcial	4	4	4	4	2	2	6	6
Total	8		8		4		12	
Total de 32 informantes								

Fonte: Rost Snichelotto (2013).

⁵⁶ Mais informações sobre o Varsul, disponível em <<http://www.varsul.org.br>> Acesso em: 26/09/2014.

⁵⁷ Até este momento foram coletadas 12 entrevistas, oito que contemplam as células das crianças de ambos os sexos/gêneros de dois ciclos do ensino fundamental, realizadas por Eliane Scherer e Eduardo Berger; e quatro entrevistas dos adultos da geração B (25 a 49 anos) de ambos os sexos/gêneros do ensino superior, realizadas por André Fabiano Bertozzo e Kelly Trapp, mestrands em Estudos Linguísticos da UFFS.

Conforme quadro 13, o projeto VMPOSC considera as células: crianças (C, idade entre 7 e 14 anos), jovens (J, idade entre 15 e 24 anos) e adultos da geração B (25 a 49 anos) e da geração A (mais de 50 anos), em quatro níveis de escolaridade, ensino fundamental I e II, ensino médio e ensino superior de ambos os sexos F – feminino e M – masculino, dois informantes em cada célula, totalizando 32 informantes.

O projeto VMPOSC é inspirado no Banco VARSUL, cujos dados também servirão para nossa análise. Esta é a razão pela qual as células do ensino fundamental I e II e ensino médio não são contempladas nas idades de 25 a 49 anos e mais de 50 anos, em ambos os gêneros/sexos, pois a amostra do VARSUL apresenta estes dados. As crianças de ambos os gêneros/sexos também não foram incluídas nos níveis de escolaridade ensino médio e ensino superior, pelo fato de ser mais difícil encontrarmos informantes disponíveis com estas características.

4.2.2 O Banco de Dados VARSUL

O VARSUL⁵⁸ é um Banco de Dados da Região Sul que abrange os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul com 4 cidades pesquisadas em cada estado, formando um conjunto de 24 entrevistas por cidade, 96 por estado em um total de 288 entrevistas. O objetivo geral do VARSUL é descrever o português falado e escrito na região sul do Brasil.

Os informantes estão estratificados socialmente divididos em idade (25 a 49 anos e mais de 50 anos), sexo (masculino e feminino) e escolaridade (primário, ginásial e colegial⁵⁹).

Em cada cidade, Blumenau, Chapecó, Lages e Florianópolis, o quadro 14, a seguir, demonstra as células sociais investigadas:

⁵⁸ As entrevistas do VARSUL foram cedidas pela coordenadora da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, professora Izete Lehmkuhl Coelho.

⁵⁹ Adotaremos em nossa análise a seguinte terminologia para identificar os diferentes níveis de escolarização: ensino fundamental I, o qual equivale ao primário, ensino fundamental II, o qual equivale ao ginásial e ensino médio, o qual equivale ao colegial, de acordo com a LDB 9394/96.

Quadro 14 – Células VARSUL

	Escolaridade					
	Fundamental I (4 a 5 anos)		Fundamental II (8 a 9 anos)		Ensino Médio (10 e 11 anos)	
Idade/Sexo	M	F	M	F	M	F
25 a 49 anos	2	2	2	2	2	2
Mais de 50 anos	2	2	2	2	2	2
Total parcial	8		8		8	
Total de 24 informantes.						

Fonte: adaptado do Banco de Dados VARSUL.

O quadro acima apresenta os diferentes níveis de escolaridade coletados, assim como as diferentes gerações, de 25 a 49 anos e mais de 50 anos em ambos os gêneros/sexos F – feminino e M – masculino.

No Banco de Dados VARSUL, as células universitários e menores de 25 anos são contempladas apenas em algumas cidades da amostra, decisão metodológica feita na época da constituição do banco, já o projeto VMPOSC, descrito acima, incluí essas células para a cidade de Chapecó. O Banco de Dados VARSUL seguiu a linha laboviana e inspirou-se no Projeto Censo de Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro, conhecido como PEUL. É importante mencionar que o Banco de Dados VARSUL vem ampliando a amostra básica constantemente, incluindo novas regiões, idades e níveis de escolaridade.

4.3 As cidades da amostra do VARSUL/SC⁶⁰

Blumenau é uma cidade tipicamente alemã, fundada em 1850, sua extensão na época da coleta dos dados do VARSUL era 488 km² com 211.862 habitantes e está localizada às margens do rio Itajaí-açu. As principais atividades econômicas são a indústria, comércio e turismo. Uma das festas típicas é a Oktoberfest.

A cidade de Chapecó foi fundada em 1917 e está situada no oeste de Santa Catarina, fronteira com o estado do Rio Grande do Sul e com o rio Uruguai, próximo à Argentina. No

⁶⁰ As informações contidas nesta seção foram extraídas da página online do banco de dados VARSUL. Disponível em <<http://www.varsul.org.br>> Acesso em 26/09/2014.

início do século XX foi colonizada, em sua maioria, pelos gaúchos, principalmente descendentes de italianos. As atividades econômicas que predominam são a agropecuária e a agroindústria. Quando a entrevista foi realizada, a extensão territorial era de 990 km² com 122.889 habitantes.

Florianópolis é localizada no leste do estado de Santa Catarina e foi fundada em 1726. Na época em que as entrevistas foram realizadas, a extensão era de 451 km² com 244.941 habitantes. As atividades econômicas que predominam são a pesca, a maricultura, o comércio e o turismo. Os imigrantes da Ilha dos Açores e de Madeira foram os principais colonizadores entre 1748 e 1756.

Lages é situada no planalto serrano de Santa Catarina, faz divisa com o estado do Rio Grande do Sul. A cidade foi fundada em 1766 e serviu de pouso para muitos viajantes e tropeiros que saíam do campo de Vacaria (RS) até São Paulo e Minas Gerais. As principais atividades econômicas são a agropecuária e a indústria madeireira.

A seguir, ilustramos as cidades de Blumenau, Chapecó, Florianópolis e Lages no mapa de Santa Catarina:

Mapa 1 – Estado de SC



Fonte: Map data © 2014 Google Inav/ Geosistemas SRL.

A ilustração acima localiza as cidades da amostra do Banco de Dados VARSUL/SC no estado de Santa Catarina.

4.4 Fatores linguísticos, sociais e estilísticos

Trataremos aqui mais detalhadamente sobre os grupos de fatores que consideramos para a análise do fenômeno *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes.

A fim de detectar os contextos de uso de cada uma das formas, são controlados nove fatores que abarcam aspectos linguísticos, sociais e estilísticos, conforme os quadros a seguir.

Quadro 15 – Fatores linguísticos.

LINGUÍSTICOS	FORMA	<i>Deixa eu ver</i> , <i>deixa eu pensar</i> e <i>deixa eu lembrar</i> e variantes Presença/ausência de pronome (átono e/ou tônico)
	POSIÇÃO	Início Meio Fim
	CONTEXTO DE USO	De enumeração (SILVA; MACEDO, 1996; MARTINS, 2003) De exemplificação (ROST, 2002) De especificação (VALLE, 2001) De parênteses (JUBRAN, 2002) De prefaciação (ROST, 2002; RISSO, 2002) De interrupção de resposta
	INDEPENDÊNCIA SINTÁTICA	Independência ou restrição sintática
	SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS	Descritiva Narrativa Dissertativa

Fonte: a autora.

Quadro 16 – Fatores sociais

SOCIAIS	IDADE	VMPOSC 7 a 14 anos 25 a 49 anos
		VARUL/SC 25 a 49 anos Mais de 50
	GÊNERO/SEXO	Feminino Masculino

	ESCOLARIDADE	VMPOSC
		Ensino fundamental I Ensino fundamental II Universitários
		VARSL/SC
		Ensino fundamental I Ensino fundamental II Ensino médio

Fonte: a autora.

Quadro 17 – Fatores estilísticos

ESTILÍSTICOS	GÊNERO/ SEXO ENTREVISTADOR	VMPOSC
		Entrevistas realizadas por homens e mulheres.
		VARSL/SC (apenas para Chapecó) ⁶¹
		Entrevistas realizadas por mulheres.

Fonte: a autora.

4.5 Tratamento dos dados

A coleta de dados foi feita através da checagem das entrevistas. Para isso, ouvimos a gravação em áudio de 12 entrevistas identificando os contextos de ocorrência dos MDs no projeto VMPOSC e transcrevemos trechos em que o fenômeno ocorria. Em relação ao Banco de Dados VARSUL, uma busca eletrônica foi realizada nos 96 arquivos transcritos das entrevistas, conferindo a existência de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes. Não foi possível ouvirmos todos os dados da amostra do VARSUL/SC, pois não tínhamos acesso às entrevistas gravadas em áudio das cidades de Blumenau, Lages e Florianópolis.

Para a computação dos dados, usamos o programa computacional EXCEL, o qual fornece uma análise da frequência de uso do fenômeno investigado para comparação nos diferentes contextos de uso e forma gráficos para visualização dos resultados. Através dessa ferramenta, analisamos apenas a frequência dos itens, pois devido à escassez de dados, não foi possível realizar uma análise probabilística, porém buscamos através da frequência do item linguístico identificar os contextos preferenciais do uso dos MDs.

⁶¹ Quanto aos fatores estilísticos na amostra do banco de dados VARSUL, consideramos apenas a cidade de Chapecó, pois temos acesso às entrevistas em áudio.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção apresentamos mais detalhadamente a caracterização e as hipóteses em relação a cada fator controlado: linguístico, social e estilístico. Posterior a cada hipótese, descrevemos os resultados de frequência obtidos a partir da análise dos dados da amostra do Banco de dados VARSUL/SC e do Projeto VMPOSC.

Na amostra do Banco de Dados VARSUL/SC em um total de 96 entrevistas e 24 informantes nas quatro cidades pesquisadas, foram coletados 22 ocorrências. Chapecó apresentou 9 ocorrências, Blumenau 6, Florianópolis 5 e Lages apenas 2 ocorrências. No VMPOSC, na amostra de 12 informantes entrevistados, verificamos 4 ocorrências do fenômeno investigado.

5.1 Fatores linguísticos

Nas seções seguintes são apresentadas as características, hipóteses e resultados obtidos em relação aos fatores linguísticos: contextos de uso, forma e extensão, presença/ausência de pronome (objeto/sujeito), posição, independência sintática e sequência discursiva.

5.1.1 Contextos de uso dos MDs nas amostras

Apresentamos, nesta seção, contextos de usos da forma *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes localizados nas duas amostras.

Iniciamos com a descrição do uso de *deixa eu ver* usado com valor cognitivo:

(23)E - [Sim,] estavam no mesmo hospital?

F - Não. Só que a tia estava lá em Biguaçu, lá, ela morava lá pra Biguaçu. Ela estava, parece, no Hospital Florianópolis. Parece que ela estava lá. Aí a tia se enterrou no domingo, e a mãe se enterrou na segunda. As duas únicas irmãs que tinham. Eram as únicas duas vivas, e quando morreu uma, morreram todas as duas [<plati>] praticamente juntas. Cerca de, **deixa eu ver**, nove, dez, onze, doze. Uma, duas, três, quatro, cinco. Cerca de oito horas, a outra morreu. (VARSUL, SC FL 03).

A ocorrência número (23) mostra que *deixa eu ver* está sendo usado como uma forma de o falante manter o turno de fala, ganhando tempo para reorganizar seu pensamento para definir as horas entre as mortes da tia e da mãe. Destacamos que o verbo *deixar* parece ser empregado com um sentido de pedir permissão enfraquecido e o sentido de *ver* não remete ao

significado de olhar para alguma coisa concreta, mas sim a pensar ou refletir sobre uma lembrança. Isso sugere que *deixa eu ver* parece perder seu significado literal, cristalizando a forma e mudando de categoria na língua, isto é, começa a atuar como MD. Nesse caso, tratamos de um significado mais abstrato para o fenômeno *deixa eu ver*, em que o verbo *ver* atua no plano mental, conforme Martelotta, Votre e Cezário (2004) propõem. Cezário, Gomes e Pinto (1996), Gonçalves, Longhin-Tomazi, Lima-Hernandes, et al. (2007) assim como Martelotta, Votre e Cezário (2004, p. 73) e Votre (2004) tratam brevemente sobre a mudança categorial de verbo para MD. Já Rost (2002), apresenta a expansão semântica de *ver* > *veja*, atuando como MD.

Observemos uma ocorrência em que a forma encontra-se reduzida, sem pronome, composto por duas palavras. Esse encurtamento na forma é citado por Cezário, Gomes e Pinto (1996):

- (24) E – E tem quantos casados mesmo que a senhora falou?
 F – **Deixa ver**: tem um em casa, dois, três, quatro, cinco, seis, seis casados.
 E - Seis casados?
 F - Seis, sete, oito, daí tem as outras duas meninas. Oito.
 E – E todos tem filhos?
 F – Não. (VARSUL, SC CHP 06)

Em (24) *deixa ver* é utilizado pelo informante para reorganizar seu pensamento e decidir quantos filhos já estão casados.

Também percebemos o uso mais reduzido do MD usado com *ver*, composto por apenas uma palavra em:

- (25) E: E você lembra que de alguma história que ela te contava?
 F: Geralmente eram de livros, tipo, contos clássicos...
 E: Me conta um pouquinho de uma história então...
 F: Ah... ai, **dexovê** todas as que... as que, os contos clássicos eu não gosto muito, mas a mais assim, melhorzinha, acho que é o patinho feio, que ele, ele nasceu e a mãe dele não quis ele, daí ele encontro... virou um belo, acho que é cisne no final. Mas eu não gosto muito mais de contos clássicos eu prefiro outros tipos de livros. (VMPOSC CHP 03)

Na ocorrência (25) *deixar* + *pronome* + *ver* formam uma única expressão *dexovê*, usada para manter o turno, enquanto o informante planeja o que vai dizer.

Vejamos agora outras ocorrências em que *deixar* é acompanhado de *lembrar*:

- (26)F - Se bem que é tudo macete, né? Tem umas coisas que eu não posso dizer aqui. **Deixa eu lembrar** uma aqui que eu posso te dizer. É muito maroto aqueles ensaio lá. (VARISUL, SC CHP 18).

Na ocorrência (26), percebemos que *deixa eu lembrar* atua como uma forma de planejamento cognitivo e de manutenção de turno, pois o informante deseja recordar de algo que possa ser dito. Além disso, a ocorrência (26) apresenta como complemento de lembrar “uma aqui que eu posso te dizer”, após a forma *deixa eu lembrar*, o que pode ser um contexto de restrição sintática do MD. Vale mencionar que não encontramos nenhum estudo que trouxesse o fenômeno com o verbo *lembrar* como um MD.

A seguir, apresentamos outras ocorrências em que *deixar* é acompanhado de *lembrar*:

- (27)E - E tem alguma cena, alguma coisa que aconteceu aqui em Chapecó de violência que lembra muito a senhora?
F - Tem, só **deixa eu me lembrar**. Foram tantas, né? Que [a gente] eu assisti muito porque com esse meu tipo de trabalho assim a gente, a gente participou de bastante...(VARISUL, SC CHP 07)

- (28)E - E a senhora tem filhos gêmeos? Que bom! E qual é o nome deles?
F - Não, daí tem o Aldair que tu já conhece, tem o Irineu, que daí é o segundo filho, daí tem o Valdir. Me **deixa me (a)lembrar** o Valdir. Depois dele qual é que tem? (VARISUL, SC CHP 06)

Na ocorrência (27), *deixa lembrar* é acompanhado de dois pronomes, átono e tônico, e na ocorrência (28) de pronome átono. Observamos que as formas com *lembrar* nessas ocorrências ocorrem com pronome, pois *lembrar*, em sua regência, requer o acompanhamento de pronomes átonos, segundo Cunha e Cintra (2008). Ainda vale destacar que além dos pronomes reiterados por Cunha e Cintra (2008), o verbo *lembrar* se apresenta com sujeito reto *eu*.

Vejamos, a seguir, ocorrências em que *deixar* ocorre seguido de *pensar* no infinitivo:

- (29)E - A senhora correu algum perigo de vida, alguma situação muito ruim, com a senhora, que tenha marcado?
F - **Deixa eu pensar** um pouquinho. Ah, aquela do homem, aquele que se incomodou porque eu não aceitei a esmola dele, né? E depois eu fiquei com medo. (VARISUL, SC CHP 21).

Na ocorrência (29) *pensar* está sendo usado com sentido de origem, pois o falante requer um tempo para pensar, refletir e depois continuar falando, assim conseguindo organizar seu pensamento e manter o turno simultaneamente. Destacamos também o

complemento “um pouquinho” utilizado após *deixa eu pensar*, que consideramos um possível delimitador de restrição sintática do MD.

Apresentamos uma ocorrência com o verbo *pensar* em uma forma alongada em *deixa eu dar uma pensada*, no qual o verbo-suporte *dar* auxilia o verbo seguinte no particípio, usado na ocorrência (30). *Dar* parece expressar uma curta duração de tempo necessário requisitado para refletir e continuar falando, em oposição a somente usar o infinitivo *pensar*, que não sugere duração de tempo (NEVES, 2011):

(30)E - Não, na [tua]- tua época de quartel, como que foi nessa época? Tu gostou desse ano, ficastes um ano no quartel, né?
F - **Hum, deixa eu dar uma pensada.** Époça do quartel, eu na verdade não queria ir. Fui ali fiz os exame tudo, ficaram três pessoas pra trás. (VARSUL, SC CHP 18).

Na ocorrência (30), o informante usa *deixa eu dar uma pensada* como manutenção de turno e para planejamento cognitivo sobre como iniciar o relato da época em que permaneceu no quartel.

Buscamos agora substituir *lembrar*, *pensar* e *ver* das ocorrências listadas acima a fim de constatar se elas podem ser intercambiáveis entre si ou não. Optamos em não mudar o(s) pronome(s) nem os complementos que acompanham o fenômeno.

Em “Cerca de, **deixa eu ver**, nove, dez, onze, doze. Uma, duas, três, quatro, cinco.” por “Cerca de, **deixa eu pensar/lembrar**, nove, dez, onze, doze. Uma, duas, três, quatro, cinco.” verifica-se a possibilidade de intercambiar os itens, pois *ver* tem seu sentido expandido passando a atuar como um verbo cognitivo, assim como *lembrar* e *pensar*.

Na ocorrência: “**Deixa ver**: tem um em casa, dois, três, quatro, cinco, seis, seis casados.” por “**Deixa pensar/lembrar**: tem um em casa, dois, três, quatro, cinco, seis, seis casados.” nos parece possível intercambiar *ver* por *pensar/lembrar*, apesar de *lembrar*, em sua regência, requisitar acompanhamento de pronome.

Na ocorrência “Ah... ai, **dexovê** todas as que... as que, os contos clássicos eu não gosto muito, mas a mais assim, melhorzinha, acho que é o patinho feio...” nos parece possível intercambiar as formas, podendo existir a possibilidade de redução para os verbos *lembrar* e *pensar* em: *dexolebrá* e *dexopensá*. Apesar de estas reduções apresentarem mais sílabas do que *dexovê*, tornando-o o item mais favorecido.

Em: “**Deixa eu lembrar** uma aqui que eu posso te dizer...” por “**Deixa eu pensar/ver** uma aqui que eu posso te dizer...”, nessa ocorrência notamos que é possível intercambiar os

itens, pois eles estão relacionados ao processo de pensamento, neste caso *ver* apresenta sentido cognitivo.

Na ocorrência com *lembrar* e com pronome átono: “*Me deixa me (a)lembrar... o Valdir*” por “*Me deixa me pensar/ver... o Valdir*”, observamos que é possível trocar *lembrar* por *pensar* e *ver*, pelo motivo de *ver* estar associado a cognição.

Na ocorrência que apresenta dois pronomes que acompanham *lembrar*: “*Tem, só, deixa eu me lembrar. Foram tantas, né?*” para “*Tem, só, deixa eu me pensar/ ver. Foram tantas, né?*”, constatamos que não é possível alternar o verbo *lembrar* por *pensar* ou *ver*, pois o uso de dois pronomes pessoais de primeira pessoa dificultam a substituição de *lembrar* para um dos dois outros itens analisados.

Com *pensar* em: “*Deixa eu pensar um pouquinho. Ah, aquela do homem...*” por “*Deixa eu lembrar/ver um pouquinho. Ah, aquela do homem...*”, nesse caso, há possibilidade de alternar os itens, tanto com o verbo *lembrar* quanto com *ver*. Destacamos que o uso com o *ver* também pode remeter a visualizar algo.

Na ocorrência: “*Hum, deixa eu dar uma pensada. Época do quartel, eu na verdade não queria ir.*” por “*Hum, deixa eu dar uma lembrada/(um) visto. Época do quartel, eu na verdade não queria ir.*” é possível intercambiar *dar uma pensada* por *dar uma lembrada*, mas *dar uma (um) visto* não se encaixa, a não ser que o contexto fosse outro.

Dessa forma, percebemos, em alguns contextos, que os verbos podem ser intercambiáveis, mas depende da estrutura da frase, isto é, do uso do pronome, do uso do verbo-suporte *dar* seguido de um particípio, dos sentidos apresentados pelos verbos como de percepção e de cognição e de uso de complementos após os verbos no infinitivo.

O quadro 18 sintetiza as formas do fenômeno de acordo os contextos de uso analisados nas duas amostras investigadas:

Quadro 18 – Síntese das formas do fenômeno em estudo nas duas amostras

Deixar acompanhado de verbos cognitivos	Deixar acompanhado de verbo de percepção	Deixar como MD
<i>Deixa eu pensar</i> <i>Deixa eu lembrar</i> <i>Deixa-me lembrar</i> <i>Deixa eu me lembrar</i>	<i>Deixa eu ver</i> <i>Deixe eu ver</i>	<i>Dexovê</i> <i>Deixa ver</i> <i>Deixa eu ver</i> <i>Deixe eu ver</i> <i>Deixa eu pensar</i> <i>Deixa eu dar uma pensada</i> <i>Deixa eu lembrar</i> <i>Deixa-me lembrar</i> <i>Deixa eu me lembrar</i>

Deixar sem preenchimento do pronome e de forma reduzida	Deixar com pronome – função de sujeito ou complemento	Deixar acompanhado de verbo no infinitivo e de particípio (forma alongada)
<i>Deixa ver</i> <i>Dexovê</i>	<i>Deixa-me lembrar</i> <i>Deixa eu me lembrar</i> <i>Deixa eu lembrar</i> <i>Deixa eu pensar</i> <i>Deixa eu ver</i> <i>Deixe eu ver</i>	<i>Deixa eu dar uma pensada</i>

Fonte: a autora.

Assim, constatamos que *deixa eu dar uma pensada*, *deixa eu pensar*, *deixa eu me lembrar*, *deixa me lembrar*, *deixa eu lembrar*, *deixe eu ver*, *deixa eu ver*, *deixa ver* e *dexovê* são usados como MDs para garantir o turno de fala para si e requisitar um momento para recordar de algo e continuar falando.

Com o objetivo de verificar os contextos de uso em que o fenômeno é mais recorrente, primeiramente nos respaldamos em Marcuschi (1989, p. 282) que “supõe que o uso da língua na interação verbal ocorre com a aplicação de princípios pragmáticos e de regras linguísticas.” A pragmaticidade está relacionada à propriedade interacional, e em um nível sintático liga unidades discursivas, ou seja, a propriedade (intra)textual. Marcuschi (1989) ainda aponta que as propriedades não são excludentes e os MDs “operam simultaneamente como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores da força ilocutória, sendo pois multifuncionais”. (MARCUSCHI, 1989, p. 282).

Retomemos Martelotta, Votre e Cezário (2004) que tratam de *deixa eu ver* como um recurso que o falante utiliza para lembrar de algo e continuar falando, como nas ocorrências a seguir:

(31)E - E tu lembra de alguma época que chegou a dar neve aqui ou não?
F - Não Chapecó eu me lembro, **deixa eu ver**, tempo de criança, deu uma [nev] deu, [deu] deu neve, e depois foi em [oitenta e] oitenta e o quê? Oitenta e quatro? Oitenta e quatro, ou oitenta e cinco, eu não recordo bem, deu uma neve também, [deu]- deu uma tempestade de neve, ela não foi tão forte, mas, branqueou tudo. Até, naquele dia, nós tínhamos um baile pra ir [no] no sábado noite, (est) e a gente pegou e foi no baile, mesmo com todo aquele frio.... (VARSUL, SC CHP 10).

(32)E - E tem alguma cena, alguma coisa que aconteceu aqui em Chapecó de violência que lembra muito a senhora?
F - Tem, só **deixa eu me lembrar**. Foram tantas, né? Que [a gente] eu assisti muito porque com esse meu tipo de trabalho assim a gente, a gente participou de bastantepor exemplo, um acidente. Até, ontem, né? (hes) que teve um acidente que morreu um filho duma colega minha assim brutalmente,né, assim, aquilo me marcou, faz uns dez anos que isso aí que

aconteceu. Bastante. Um outro vizinho que mataram ele na frente da minha casa (VARFUL, SC CHP 07)

(33)E – Não na [tua] tua época de quartel, como, que foi essa época? Tu gostou desse ano, tu ficastes um ano no quartel, né?

F - **Hum, deixa eu dar uma pensada.** Époça do quartel eu na verdade não queria ir. Fui ali, fiz os exame tudo, ficaram três pessoas pra trás. Eu, o Feródio e o Zezak, que hoje trabalha [na] (hes) na Tevê Barriga Verde ali, ele é filgador. Começamos a penar ali em Curitiba já, que deixaram nós num batalhão lá e tratavam pior que cachorro, né? (VARFUL, SC CHP 18).

Podemos observar, nas ocorrências (31), (32) e (33), que os MDs são utilizados como requisito para manter o turno por um período de planejamento cognitivo para continuar a fala. Assim, abrangendo as propriedades interacional e (intra)textual: interacional voltada para quem tem o turno de fala e procura mantê-lo, e (intra)textual, que procura manter o turno por um curto período de planejamento cognitivo e continuar a fala.

Dessa forma, consideramos que os MDs estudados possuem contextos de uso que se sobrepõem, isto é, ao mesmo tempo, são utilizados para organizar o pensamento e continuar falando, assim como para manter o turno de fala para si. Para tal, nos fundamentamos em Martellota, Votre e Cezário (1996), Marcuschi (1989), Urbano, Silva e Risso (1996) e Martellota, Votre e Cezário (1996) que explanam sobre a multifuncionalidade ou diferentes funções que os MDs exercem.

Lembramos que Marcuschi (1989) e Schiffrin (2010) apontam a importância da investigação de contextos de produção dos MDs e, portanto, acreditamos que é possível delimitar outros contextos de uso dos MDs além da manutenção de turno e do planejamento cognitivo, que definimos como macrofunção dos itens.

A partir de análise detalhada das ocorrências das amostras investigadas, listamos alguns possíveis contextos de uso dos MDs analisados.

5.1.1.1 Contexto de Enumeração

Nesses contextos, ocorre enumeração de elementos como os membros da família ou idade ou anos. Silva e Macedo (1996) e Martins (2003) identificaram esse contexto de uso do MD *Bom*. Na ocorrência (34) podemos observar o MD em contexto que consideramos de enumeração:

(34) E tem quantos casados mesmo que a senhora falou?

F – **Deixa ver**: tem um em casa, dois, três, quatro, cinco, seis, seis casados.

E - Seis casados?

F - Seis, sete, oito, daí tem as outras duas meninas. Oito.

E – E todos tem filhos?

F – Não. (VARSUL, SC CHP 06)

Em (34) há um contexto de enumeração, pois a entrevistadora pergunta quantos filhos já estão casados e, para responder, a informante recorre ao uso do MD *deixa eu ver*.

5.1.1.2 Contexto de Exemplificação

O contexto de exemplificação ocorre nas amostras investigadas. Rost (2002) conferiu este mesmo contexto de uso para os itens *olha* e *veja*, em que o informante apresenta informações que exemplificam o que foi perguntado pelo entrevistador ou para exemplificar a própria fala do informante. A ocorrência (35) ilustra este contexto:

(35) E: E qual que você acha o mais engraçado de toda essa tua família? Qual que você acha o mais engraçado?

I: Meu irmão.

E: É... porque que ele é o mais engraçado?

I: Porque, assim, ele costuma fazer bastante brincadeira com a gente, brinca assim,

E: Que, por exemplo, que brincadeira que ele faz contigo?

I: **Dexovê...** ele, como tipo assim, quando a gente tá reunido assim ele costuma, tipo, brinca com a gente que a gente tem que i lá faze um negócio pra ele, porque ele tá com preguiça coisa assim. (VMPOSC CHP 06)

Nesta ocorrência percebemos que a própria pergunta do entrevistador (utilizando *por exemplo*) requer que o informante exemplifique o motivo pelo qual o irmão dele é a pessoa mais engraçada da família.

5.1.1.3 Contexto de Especificação

O contexto de especificação ocorre quando o falante relata detalhadamente uma experiência, assim utiliza o MD para dar início ao relato. Valle (2001) postula que esta função é marcada por detalhes e características, vejamos a ocorrência (36):

(36) E - Como é que a senhora conheceu o seu marido, assim? Como que foi namoro com ele?

F - Ele, **deixa eu ver**: foi numa festinha de aniversário. Até que foi o meu irmão (que) que era mais assim, amigos do meu irmão, né,? Então daí, teve umas meninas que a gente jogava vôlei junto. Então ela disse assim: "Ô, Irineu, leva a tua irmã hoje na na festinha. Daí o meu irmão disse assim, ah, ela não é muito de festinha ela não vai querer ir, né? (VARSUL, SC CHP 09)

A ocorrência (36) ilustra o contexto de especificação, pois o informante relata com detalhes como conheceu o marido, contando como aconteceu este momento.

5.1.1.4 Contexto de parênteses

Neste contexto percebemos que ocorre um desvio do assunto abordado/questionado. Jubran (2002) define que “os parênteses operam desvios momentâneos do quadro de relevância tópica de um segmento textual” (JUBRAN, 2002, p. 132). Neste caso os desvios ocorrem por um tempo em que o informante está planejando como continuar a fala, relatar ou exemplificar uma situação. A ocorrência (37) ilustra este contexto:

- (37) F- (...) Mas foi minha sorte porque eu já que tenho problema [de] o meu caso, de problema não é que nem eu te disse: é uma questão de desenvolver, né,? Que o cara consegue. Nunca diga que tu não consegue.
E- Lógico!
F - Gravar as músicas, né? Se bem que é tudo macete, né? Tem umas coisas que eu não posso dizer aqui. **Deixa eu lembrar** uma aqui que eu posso te dizer. É muito maroto aqueles ensaio lá. (hes) Tipo (hes) uma música um tom, daí no caso, eles colocam assim... (VARSUL, SC CHP 18)

Na ocorrência (37) podemos perceber um certo desvio do tópico quando o informante fala “*Deixa eu lembra(r)* uma aqui que eu posso te dizer. É muito maroto aqueles ensaio lá” no interior de um relato sobre as gravações da banda de música de que participava no quartel.

5.1.1.5 Contexto de prefaciação

No contexto de prefaciação, o falante se prepara para falar algo até mesmo retomando algum assunto já mencionado ou indo mais além do que foi questionado e, posteriormente responde à pergunta feita pelo entrevistador. Conforme Rost (2002, p. 73), “o falante não desenvolve imediatamente o tópico que o 1º turno propõe, adiando o atendimento imediato do ponto relevante da informação suscitada pela pergunta do interlocutor”. Ainda, segundo Riso (2002, p. 272) “[...] logo na abertura do segundo turno, nem sempre implica o

desenvolvimento imediato do tópico que o primeiro turno propõe”. Vejamos a ocorrência (38):

- (38) F- Eu gosto [mas tem samba] mas tem samba falso, né? Aquele samba, uma coisa nata, né? está muito misturado demais. Quando é o Martinho da Vila, ou como é uma Alcione, aí já é uma coisa mais...
 E- Um samba canção, né? Assim, tu gostas mais disso, né? E comida, comida? Tu gostas de cozinhar, fazer pratos bem temperados ou não? Tu gostas que alguém faça?
 F- Eu prefiro fazer? **Deixa eu ver**, tu perguntaste [o] dos sonhos, no caso, né? É, eu queria ter uma academia e outra coisa, eu queria conhecer a Bahia, não sei se , acho que vou conhecer e eu queria ter um restaurante meu mesmo. Eu trabalhando e cozinhando.
 E - É uma boa. Mas, um restaurante com que tipo de comida, assim, com frutos do mar ou?
 F- Bom, o que for, qualquer espécie. (VARSQL, SC FL 19).

Na ocorrência (38), percebemos que o falante utiliza *deixa eu ver* para organização mental e então retoma outra pergunta feita pelo entrevistador, não respondendo de imediato o que lhe foi perguntado, isto é, adia a resposta, mas em seguida atende à pergunta que lhe foi feita.

5.1.1.6 Contexto de interrupção de resposta

O contexto de interrupção de resposta está atrelado à busca de uma resposta pelo informante, mas durante o processo mental de localizar uma informação, o falante questiona sobre a pergunta efetuada, o que possivelmente também poderá conduzir à mudança de tópico.

- (39) E- Que tipo de filme você gosta?
 F- Gosto mais de ação. Ah, da ação.
 E - Ultimamente você viu uma coisa boa?
 F- De filme, né? De filme bom, atualmente, **deixa eu ver** em vídeo ou na televisão?
 E - Você tem vídeo ou então assiste no [vizinho?]
 F - [Não, às vezes] eu alugo, às vezes emprestado. Não deu pra comprar, era muito caro pra comprar. (VARSQL, SC FL 10).

Nesta ocorrência, percebemos que o MD é utilizado pelo informante na resposta da pergunta sobre um bom filme que tenha visto ultimamente. Enquanto o informante busca mentalmente o nome de um filme para citar, ele indaga o entrevistador se é um filme em vídeo ou na televisão, o que conseqüentemente acaba interrompendo a resposta e mudando o tópico da primeira pergunta.

5.1.1.7 Contextos especiais

Além dos contextos anteriores, também foram identificados contextos de introdução de tópico, utilizados por entrevistadores na amostra do VARSUL/SC. Outro contexto identificado é o de discurso direto, empregado por um informante. Esses contextos não foram computados na análise, porque desconhecemos os fatores sociais associados ao entrevistador e pelo discurso direto apresentar características que são questionáveis como veremos a seguir.

Contexto de introdução

O contexto de introdução ocorre quando o falante introduz um novo assunto ou tópico. Martelotta e Silva (1996) que descrevem o MD *então*, o contexto de introdução de informações “organiza uma sequência de informações novas sem que haja relação necessária (temporal e lógica) com a cláusula anterior”. Vejamos a ocorrência (40):

- (40) F - É, revista aquele dia a Marluce falou, né? Eu, atualmente eu não tenho assim, né? Eu gosto muito de ler é a Veja. Até quando eu trabalhava, sempre a gente tinha assinatura da Veja, né? na firma, e jornal, então eu lia direto, né? ficava ali lendo, né? Terminava de ler, começava tudo de novo, né? Então a revista que eu gostava muito de ler é a Veja. A Veja, ali fala do mundo, né? o mundo em geral, né? E gostava muito de ler jornal também. Mas agora, agora que eu estou em casa, né? estou só assim, né? A gente não tem assinatura de jornal, né? Mas sempre [que a gente] que eu chego num local, né? que tem alguma revista assim, eu sempre procuro, né? Eu gosto de ler muito é a Veja e a Manchete.
 E - Ah, tá. **Deixa eu ver** o que mais Ah, e cinema assim, a senhora costumava ir quando era [mocinha, ou]
 F - [É, [de <ve>]] é de vez em quando. Agora a gente não foi mais, né? cinema. Mas sempre a gente ia, cinema assim, agora a gente já [não] não foi mais, não procurou ir mais, mas sempre [a gente] [("a gente ia")]
 E - [Só tem um cinema] aqui na cidade, né? (VARSUL, SC LA 17).

Na ocorrência (40), podemos perceber que o entrevistador faz uso de *deixa eu ver* para introduzir uma nova pergunta, assim dando continuidade à entrevista. A pergunta feita pelo entrevistador encadeia o assunto cinema.

Contexto de discurso direto

Segundo Urbano (2002, p. 233), reproduzir uma fala dentro de outra merece alguns questionamentos. É relevante para nossa pesquisa nos indagarmos se o MD realmente existia

na fala reproduzida e se pertence ao informante ou ao falante citado, bem como a sua função. A ocorrência (41) ilustra o MD em contexto de discurso direto.

(41)E - Aí tinha que ficar morando lá.

F - Meu santo, aquilo lá foi difícil. Se a gente ainda falasse tão corretamente o inglês, né? mas a cunhada estava junto, ela fala bem e esse então ligou aí e [a] ele ficou de né? de a gente quando achar, devolver aquele outro. Ele nos deu um novo lá, aquele advogado [muito] muito <a tencio> o povo lá é muito atencioso assim. É. [não] [não] não é assim estúpido não, né? Agora o mexicano é mais estúpido, sim, porque ele é muito porque ele sempre atravessa o Texas, né? [eles] eles vivem combatendo aquilo, né? [então pra não] daí então ele fica assim estúpido também, né? Tá. [Ali então o] [mas nós] o pai disse que ele de certo a última vez que estava em Las Vegas, quando embarcamos para o Texas, ele pegou todos esses papéis como assim, né? Convites - jogou tudo no lixo. Foi aquilo de certo. Juntei, pois, de outro jeito, ele não pode saber como foi, caiu fora, pegou aquilo, jogou, ou caiu na hora que mostrou, caiu, né? ali. Mas que vale, era bem perto de nós sair, porque de lá nós já fomos [pra] pra Nova Iorque, daí ficamos dois dias lá, fomos pra Miami de novo, né? e o casamento depois nós já saímos, mas tínhamos o passe aí depois direitinho, que mostramos aquilo não tinha, né? mas é chato, a gente ficou assim coitado [do] do cunhado, mas o cunhado, também, ("já") fez muitos ele é de Caxias, ele também fez já muitos favores. Ele também tem uma prótese dentária, né? favores pra ele, um paga [o] o outro assim, tem coisa mais [eram muito <am>] são muito amigos que valem, né? e Deus nos protegeu aquilo lá que foi também, fiquei tão agradecida. Foi que eu pensei: "Puxa, como é que a gente poderia **deixa ver**, se a gente estivesse lá sozinho, assim."

E - Foi um susto, né? (VARSUL, SC BL 13)

Como podemos observar na ocorrência (41), o informante introduz, por meio do discurso direto, pensamento e faz uso do MD "Puxa, como é que a gente poderia *deixa ver*, se a gente estivesse lá sozinho, assim" em que finaliza o relato sobre uma viagem ao exterior.

A seguir, o quadro 19 apresenta uma síntese da macrofunção do MD e dos possíveis contextos de uso em que o MD aparece:

Quadro 19 – Macrofunção e contextos de uso de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes

Macrofunção	Manutenção de turno e planejamento cognitivo
Contextos de uso	De enumeração De exemplificação De especificação De parênteses De prefaciação De interrupção de resposta

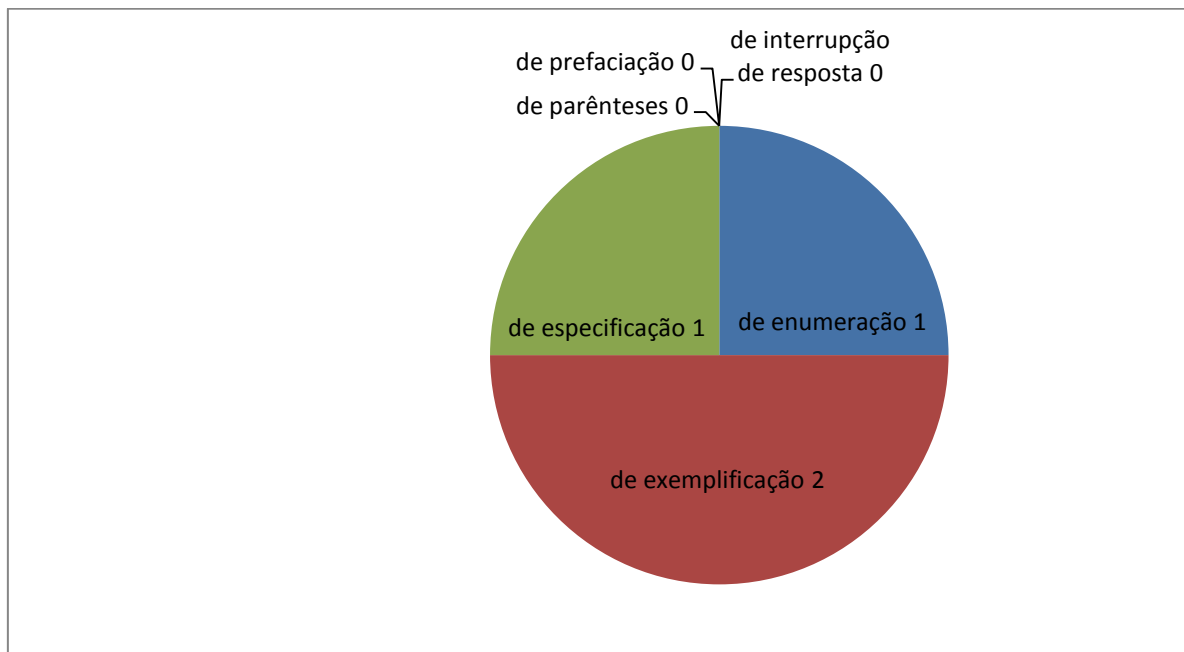
Fonte: a autora

A partir dos contextos de uso delimitados, como podemos observar no quadro 19, pensamos que a frequência de uso dos MDs estudados será maior para os contextos em que o falante necessite lembrar de fatos mais precisos, como números, por exemplo. Portanto, o contexto de enumeração apresentará mais frequência de uso de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes.

5.1.1.8 Resultados e discussão

Os gráficos, a seguir, nos indicam a frequência de uso dos MDs segundo os contextos de uso nas duas amostras investigadas. O gráfico 1 representa a frequência do contexto de uso do fenômeno na amostra do projeto VMPOSC:

Gráfico 1 – Frequência dos contextos de uso dos MDs na amostra do VMPOSC

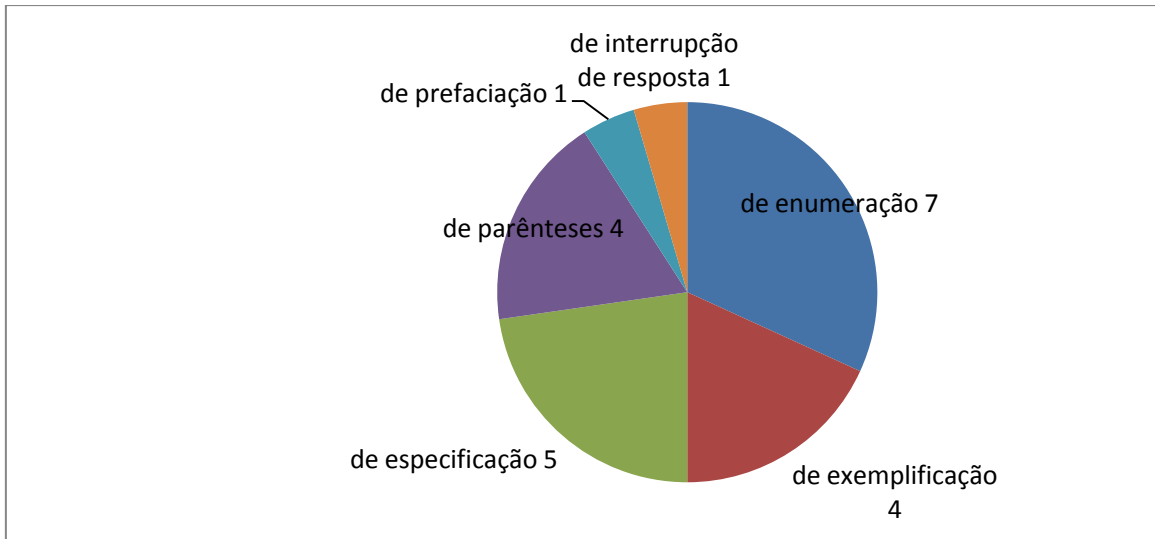


Fonte: a autora.

Na amostra do projeto VMPOSC, o MD apresentou duas ocorrências em contextos de exemplificação. Nos contextos de especificação e de enumeração, houve uma ocorrência de cada. Os demais contextos não foram encontrados nesta amostra. Devido a encontrarmos apenas 4 ocorrências de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes, não é possível atestar nossa hipótese.

O gráfico 2 demonstra a frequência dos contextos de uso dos MDs da amostra do banco de dados VARSUL/SC:

Gráfico 2 – Frequência dos contextos de uso dos MDs na amostra do VARSUL/SC

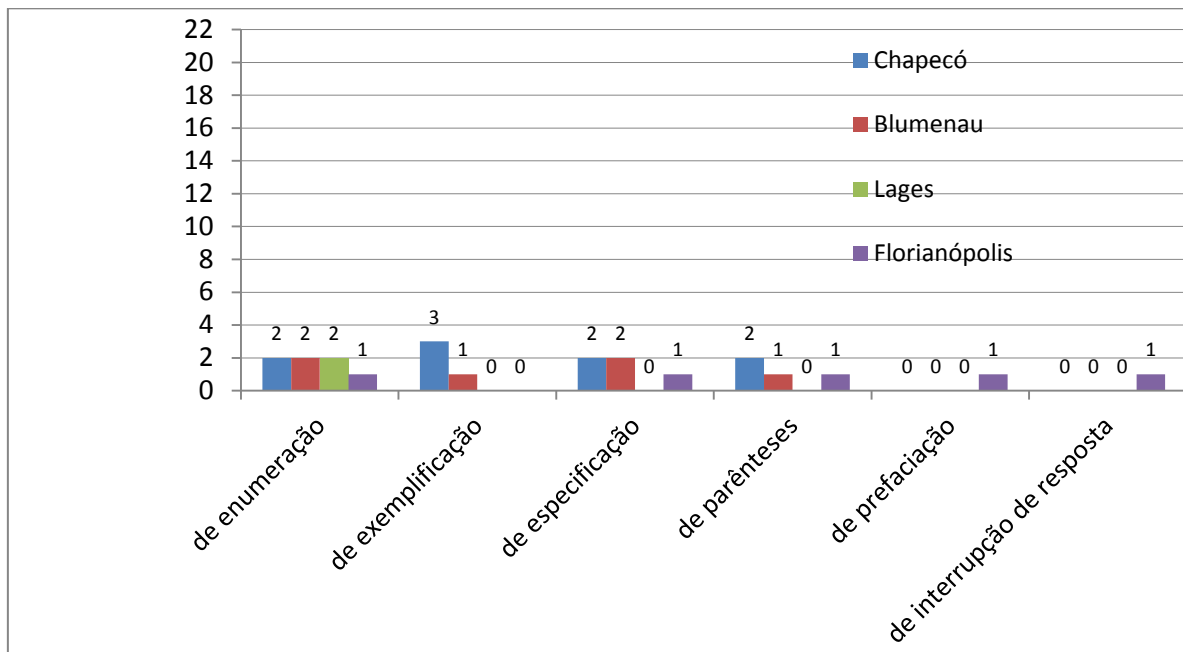


Fonte: a autora.

Na amostra do Banco de Dados VARSUL/SC, observamos mais variedade de contextos de uso dos MDs, como: de enumeração, de exemplificação, de especificação, de parênteses, de prefaciação e de interrupção de resposta. O contexto com mais ocorrências é o de enumeração, 7 realizações, seguido pelo de contexto de especificação com 5. Na sequência, temos 4 ocorrências de contextos de exemplificação e de parênteses e, por último, uma ocorrência de contextos de prefaciação e de interrupção de resposta. Dessa forma, não é possível afirmarmos que o contexto de enumeração é mais frequente com base em 22 dados, os quais apresentam-se em 6 contextos diferentes.

A seguir o gráfico revela a distribuição dos contextos de uso dos itens em relação às cidades da amostra do VARSUL/SC:

Gráfico 3 – Distribuição dos contextos de uso dos MDs nas cidades da amostra do VARSUL/SC



Fonte: a autora.

Segundo o gráfico 3, nas cidades de SC da amostra VARSUL, de modo geral, houve mais contextos de uso de enumeração com 7 ocorrências, em que todas as cidades da amostra apresentaram uso dos MDs nesse contexto.

De modo específico, Chapecó totalizou a distribuição de 9 ocorrências dos MDs segundo o contexto de uso. Houve 3 ocorrências no contexto de exemplificação, seguido de duas ocorrências nos contextos de enumeração especificação e de parênteses. Blumenau demonstra duas ocorrências no contexto de enumeração e duas no contexto de especificação, sucedido pelos contextos de exemplificação e de parênteses, uma ocorrência para ambos os contextos. Lages apresenta apenas um contexto de produção, o de enumeração com duas ocorrências registradas. Em Florianópolis houve cinco diferentes contextos de uso, ocorrendo um em cada item analisado, tais como: de enumeração, de especificação, de parênteses, de prefaciação e de interrupção de resposta.

5.1.2 Forma e extensão

Em relação à forma e sua extensão, localizamos nas duas amostras as variáveis *deixa eu dar uma pensada*, *deixa eu pensar*, *deixa eu me lembrar*, *deixa me lembrar*, *deixa eu lembrar*, *deixe eu ver*, *deixa eu ver*, *deixa ver* e *dexovê*.

A ocorrência de *deixa eu dar uma pensada* indica um alongamento da forma *deixa + pronome(s) + verbo de cognição ou percepção* para *deixa + pronome(s) + verbo dar + verbo de cognição no particípio*, como em:

- (42) E – Não, na [tua]- tua época de quartel, como que foi nessa época? Tu gostou desse ano, ficastes um ano no quartel, né?
 F – **Hum, deixa eu dar uma pensada.** Época do quartel, eu na verdade não queria ir. Fui ali fiz os exame tudo, ficaram três pessoas pra trás. (VARSUL, SC CHP 18).

Consideramos *deixa eu dar uma pensada* na ocorrência (42) como MD mantenedor de turno e planejamento cognitivo.

Observamos ocorrências do fenômeno em que pronome(s) átono(s) ou tônico(s) se apresenta(m) em posição de objeto/sujeito entre o verbo *deixar* e o verbo de cognição ou percepção. As ocorrências (43) e (44) apresentam esses usos:

- (43) E – E os seus filhos assim quantos a senhora tem? Qual é o nome deles?
 F – Olha, eu tenho 12 partos mas tenho 13 filhos, tenho gêmeos também.
 E – E a senhora tem filhos gêmeos? Que bom! E qual é o nome deles?
 F – Não, daí tem o Aldair que tu já conhece, tem o Irineu, que daí é o segundo filho, daí tem o Valdir. Me **deixa me (a)lembrar** o Valdir. Depois dele qual é que tem?
 E – Não precisa ser na ordem.
 F – Bom, depois do Valdir, daí tem o Dirceu, daí tem o Germa... , é daí tem o Dirceu. Depois tem os dois gêmeos, depois tem mais um guri, mais o Germano e daí tive, daí tive mais uma menina, que é a Zenaide, E depois daí, tive mais outra menina, que é a Ana Maria, depois tinha... tive mais outra menina, ali, aquela é falecida, aquela nasceu e logo faleceu. (VARSUL, SC CHP 06)
- (44) E - Como é que a senhora conheceu o seu marido, assim? Como que foi o namoro com ele?
 F – Ele, **deixa eu ver**: foi numa festinha de aniversário. Até que foi o meu irmão (que) que era mais assim, amigos do meu irmão, né’? Então daí, teve umas meninas que a gente jogava vôlei junto. Então ela disse assim: “Ô, Irineu, leva a tua irmã hoje na na festinha. Daí o meu irmão disse assim, ah, ela não é muito de festinha ela não vai querer ir, né?... (VARSUL, SC CHP 09)

Em ambas as ocorrências percebemos os MDs *deixa me (a)lembrar* e *deixa eu ver* em que os informantes requerem lembrar de algo como os nomes dos filhos em (43) e sobre como conheceu alguém em (44).

Também analisamos o uso em que ocorre uma redução, do MD, como em (45):

- (45) E – E tem quantos casados mesmo que a senhora falou?
 F – **Deixa ver**: tem um em casa, dois, três, quatro, cinco, seis, seis casados.
 E – Seis casados?
 F – Seis, sete, oito, daí tem as outras duas meninas. Oito.
 E – E todos tem filhos?
 F – Não. (VARSUL, SC CHP 06)

Na ocorrência (45), *deixa ver*, sem pronome explícito, sugere o mesmo uso que para (42), (43) e (44) nesta seção, a informante ganha tempo para enumerar quantos filhos já estão casados.

Segundo Cezário, Gomes e Pinto (1996), *deixa eu ver* está sofrendo redução fonológica pelo fato de já estar cristalizado, tornando-se *xovê*. De acordo com Bagno (2001, p. 112), “o grupo DEIXA+ EU é tão frequente na fala brasileira que suas três sílabas sofreram uma *contração* e se reduziram a uma só, pronunciada “xô”. É por isso que “deixa eu ver” na nossa fala espontânea se diz “xovê”.” (grifo do autor). Na ocorrência (46) percebemos uma redução da forma *deixa eu ver*:

- (46) E: E você lembra que de alguma história que ela te contava?
 F: Geralmente eram de livros, tipo, contos clássicos...
 E: Me conta um pouquinho de uma história então...
 F: Ah... ai, **dexovê** todas as que... as que, os contos clássicos eu não gosto muito, mas a mais assim, melhorzinha, acho que é o patinho feio, que ele, ele nasceu e a mãe dele não quis ele, daí ele encontro... viro um belo, acho que é cisne no final. Mas eu não gosto muito mais de contos clássicos eu prefiro outros tipos de livros. (VMPOSC CHP 03)

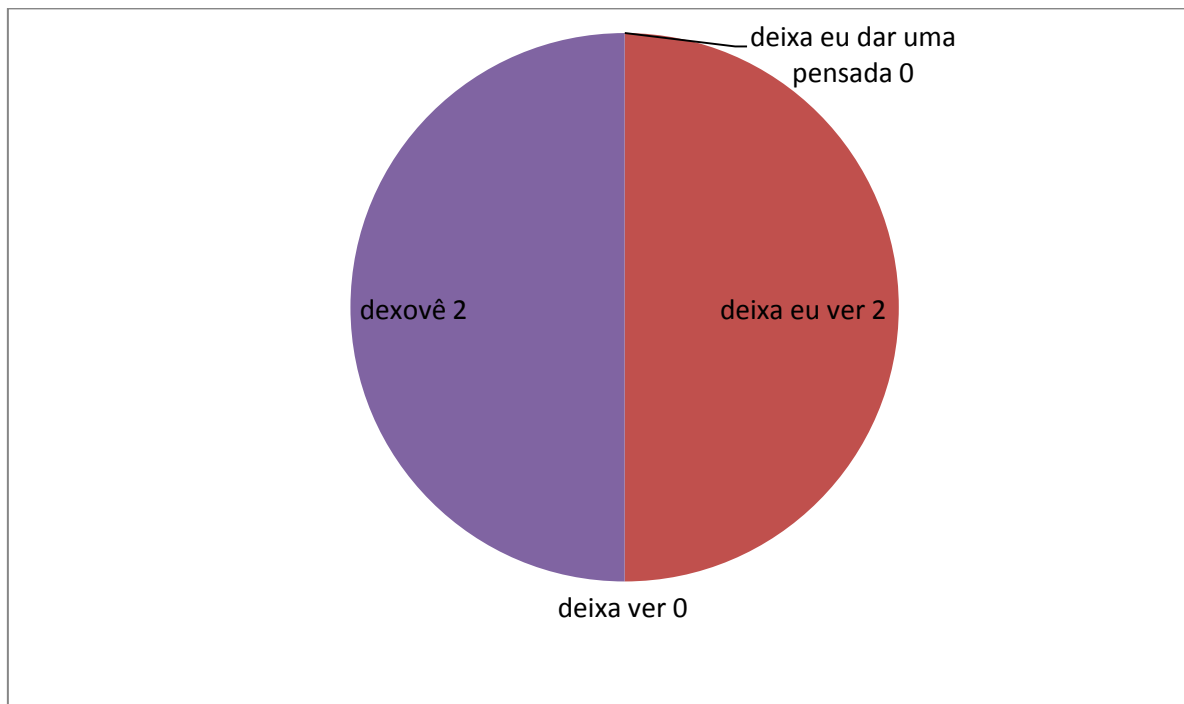
Na ocorrência (46) o MD também é utilizado pelo falante para manutenção de turno e planejamento mental como nas outras ocorrências e apresenta-se na forma reduzida *dexovê*.

De acordo com o levantamento bibliográfico (ALVES, 2006; BAGNO, 2001; MARTELOTTA, VOTRE, CEZÁRIO, 2004; CEZÁRIO, GOMES E PINTO, 1996; GONÇALVES, LONGHIN-THOMAZI, LIMA-HERNANDES, et al., 2007), foram encontrados nestes estudos mais ocorrências da forma em que o pronome objeto/sujeito aparece entre os dois verbos, seguido de *ver*. Portanto, espera-se que a forma mais recorrente nas duas amostras analisadas seja com *ver*: *deixa + pronome + verbo de percepção*, ocorrendo menos com os verbos *pensar e lembrar*.

5.1.2.1 Resultados e discussão

Os resultados quanto à frequência da forma dos MDs mais utilizados nos *corpora* analisados são apresentados a seguir. O primeiro gráfico ilustra a frequência das formas usadas por informantes de Chapecó na amostra do projeto VMPOSC:

Gráfico 4 – Frequência de uso das formas dos MDs na amostra do VMPOSC

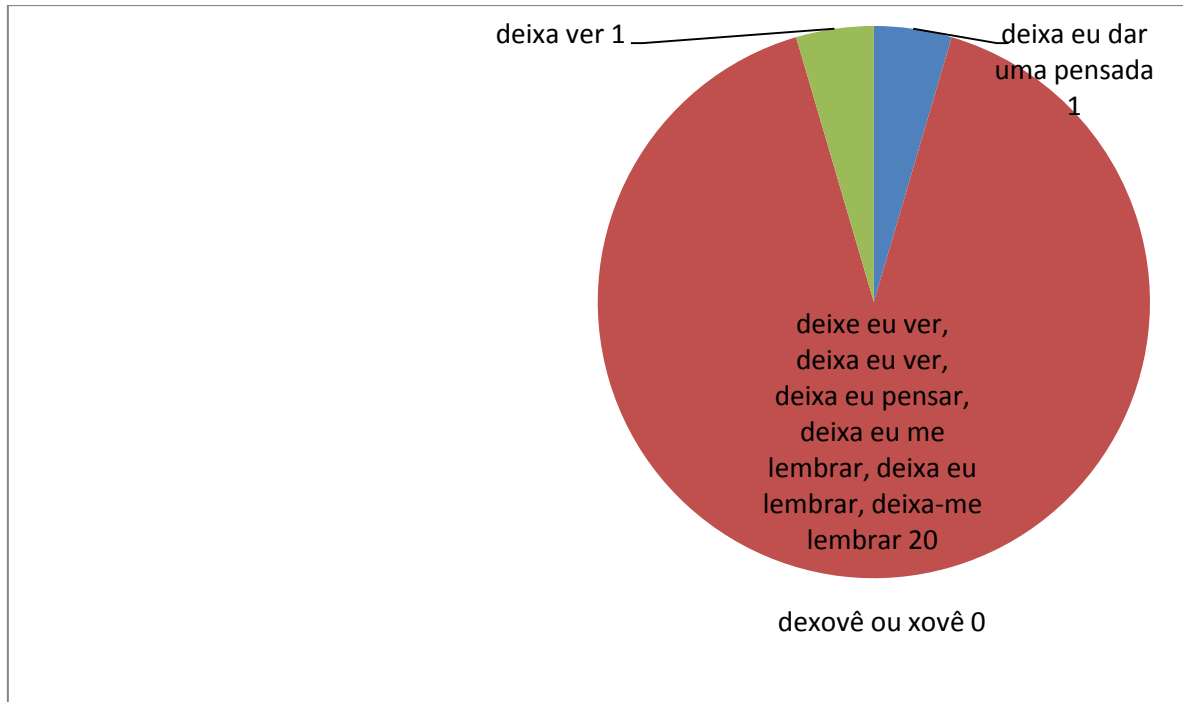


Fonte: a autora.

No projeto VMPOSC, foram encontradas as formas *deixa eu ver* e *dexovê*, forma reduzida do MD investigado. Observe que o MD na forma reduzida como *dexovê* apresenta duas ocorrências, equivalendo-se com *deixa eu ver*. A identificação da redução fonética foi possível devido às entrevistas estarem gravadas em áudio. Também é importante apontar que o fenômeno apresentou-se apenas com o verbo *ver*, não ocorrendo com os verbos *pensar* e *lembrar* e, quando houve ocorrências com pronome, registrou-se o uso apenas do pronome reto *eu*, porém, é difícil afirmar nossa hipótese com base em 4 ocorrências.

O próximo gráfico demonstra a frequência dos MDs utilizados por informantes de SC do banco de dados VARSUL:

Gráfico 5 – Frequência de uso das formas dos MDs na amostra do VARSUL/SC

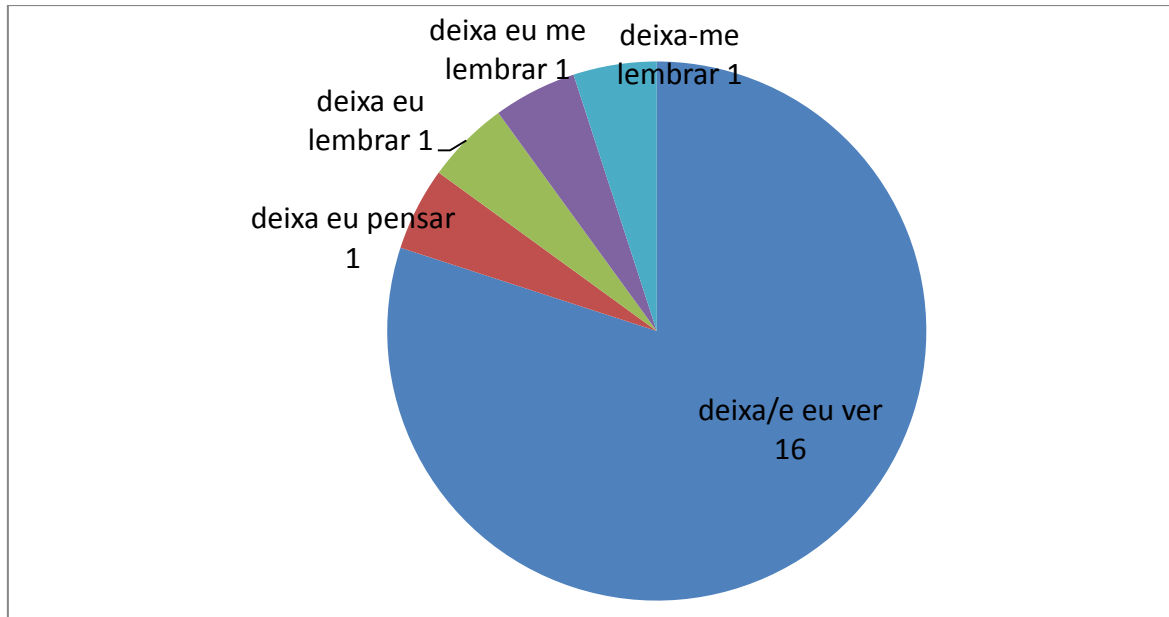


Fonte: a autora.

Neste gráfico podemos perceber a frequência de uso de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes na amostra do VARSUL/SC. Foram localizados 22 dados, enquanto que os usos sem pronome e os usos das formas mais alongadas aparecem com uma ocorrência cada. Neste caso, podemos afirmar que há uma tendência para o uso da forma *deixa + pronome + infinitivo*.

Vejamos o gráfico que detalha a distribuição de uso das formas do fenômeno na amostra do Banco de Dados VARSUL/SC:

Gráfico 6 – Frequência de uso das formas dos MDs na amostra do VARSUL/SC

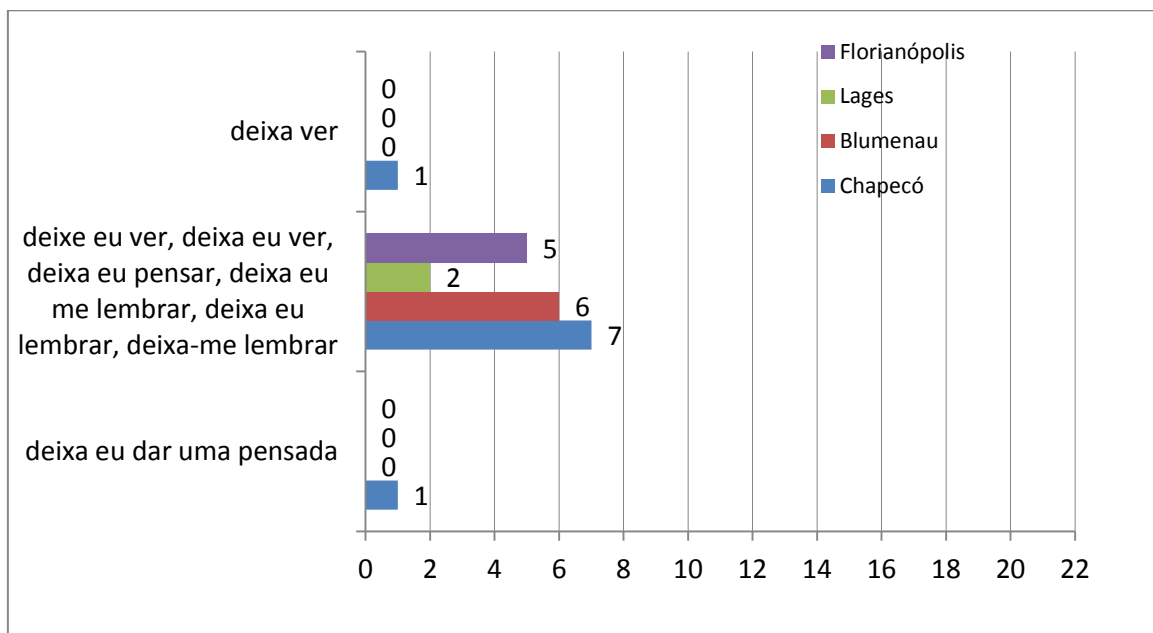


Fonte: a autora.

Os resultados dos dados coletados nas entrevistas do banco de dados VARSUL/SC, indicam que a forma *deixa/e eu ver* está se especializando, pois houve 16 ocorrências da forma com uso de pronome e com verbo de percepção. O grupo de MDs constituídos com os verbos de *cognição* foram menos recorrentes: 3 ocorrências de *lembrar* e uma de *pensar*.

O gráfico a seguir indica o uso das formas nas diferentes cidades pesquisadas:

Gráfico 7 - Distribuição dos MDs nas cidades da amostra do VARSUL/SC



Fonte: a autora.

De modo geral, em todas as cidades da amostra do VARSUL/SC houve 22 ocorrências da forma *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes. A forma com pronome apresentou 20 ocorrências, enquanto que as formas sem pronome e a forma alongada ocorreu uma vez cada nas cidades da amostra.

De modo específico, na cidade de Chapecó verificou-se a incidência da forma alongada como em *deixa eu dar uma pensada* e é a única cidade que apresenta uma ocorrência de uso da forma sem pronome como em *deixa ver*. Não podemos deixar de mencionar que a cidade de Chapecó apresenta usos mais diversificados, como *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu/me lembrar* com 7 ocorrências. Enquanto que nas cidades de Blumenau, Florianópolis e Lages, houve ocorrência apenas com *ver* como em *deixa eu ver* apresentando 6, 5 e duas ocorrências respectivamente. Observou-se uma ocorrência de *deixe eu ver* na cidade de Florianópolis.

5.1.3 Presença/ausência de pronome (objeto/sujeito)

Ainda considerando a forma, levaremos em conta o tipo de pronome objeto/sujeito, átono ou tônico, presente ou ausente, no MD.

Para Bagno (2001, p. 111-112), o pronome *me* ainda conserva seu uso por brasileiros no português⁶², enquanto que o pronome *eu* é usado pela maioria dos falantes em todas as regiões brasileiras, independente da escolaridade, como em “Deixa eu dizer o que penso disso.” (BAGNO, 2001, p. 111)⁶³. Já Azeredo (2011) descreve sobre o uso do pronome *me* após verbos como *deixar* seguido de infinitivo, funcionando como objeto. Neves (2000) aponta o uso de ambos os pronomes átonos ou tônicos usados com *deixar* acompanhado de infinitivo.

As ocorrências a seguir mostram o uso do MD constituído por diferentes pronomes objeto/sujeito, átonos ou tônicos, respectivamente:

(47)E – E os seus filhos assim quantos a senhora tem? Qual é o nome deles?

F – Olha, eu tenho 12 partos mas tenho 13 filhos, tenho gêmeos também.

E - E a senhora tem filhos gêmeos? Que bom! E qual é o nome deles?

F - Não, daí tem o Aldair que tu já conhece, tem o Irineu, que daí é o segundo filho, daí tem o Valdir. Me **deixa me (a)lembrar** o Valdir. Depois dele qual é que tem?

E – Não precisa ser na ordem.

⁶² Como exemplo de uso com o pronome *me*, Bagno (2001, p.111) sugere: “Deixa-me dizer o que penso disso”.

⁶³ Bagno propõe chamar de pronomes sujeito-objeto, devido as duas funções que o mesmo exerce nesta forma.

F – Bom, depois do Valdir, daí tem o Dirceu, daí tem o Germa... , é daí tem o Dirceu. Depois tem os dois gêmeos, depois tem mais um guri, mais o Germano e daí tive, daí tive mais uma menina, que é a Zenaide, E depois daí, tive mais outra menina, que é a Ana Maria, depois tinha... tive mais outra menina, ali, aquela é falecida, aquela nasceu e logo faleceu. (VARFUL, SC CHP 06).

- (48)E – E se fosse pensar em algum outro bairro em Chapeco, você trocaria este que você mora por algum outro que você avalia também de forma positiva, enfim?
 I – Ah ah... É se fosse tipo, eu penso assim, aqui perto, né? Bairro do lado aqui assim, tipo Saic aqui ou Jardim América, né que são bairros assim, também próximo **Deixa eu ver**, ah sei lá talvez o Santa Maria eu vejo um bairro bom assim de morar, né que é o outro lado da cidade. (VMPOSC CHP 09)

Nas ocorrências os MDs *deixa me (a)lembra(r)* e *deixa eu ve(r)*, são constituídos por pronome átono *me* na ocorrência (47), e por pronome tônico *eu*, na ocorrência (48).

Também foram encontradas ocorrências em que os MDs ocorrem com ambos os pronomes, como em (49):

- (49)E - E tem alguma cena, alguma coisa que aconteceu aqui em Chapecó de violência que lembra muito a senhora?
 F - Tem, só **deixa eu me lembrar**. Foram tantas, né? Que [a gente]- eu assisti muito porque com esse meu tipo de trabalho assim a gente, a gente participou de bastante, por exemplo, um acidente. Até, ontem, né? (hes) que teve um acidente que morreu um filho duma colega minha assim brutalmente, né, assim, aquilo me marcou, faz uns dez anos que isso aí que aconteceu. Bastante. Um outro vizinho que mataram ele na frente da minha casa. (VARFUL, SC CHP 07).

Na ocorrência (49), os pronomes *eu* e *me* foram utilizados com o verbo de cognição *lembrar*, já não sendo possível ocorrer com os verbos *pensar* e *ver*. Isso se dá devido ao verbo *lembrar* requerer preenchimento do pronome devido a sua regência verbal (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 544).

Ainda, de acordo com Cunha e Cintra (2008, p. 501), verbos causativos podem ser seguidos por verbos no infinitivo, sem a necessidade de preenchimento do pronome. Na ocorrência (50) percebemos o uso do MD sem pronome explícito:

- (50)E – E tem quantos casados mesmo que a senhora falou?
 F – **Deixa ver**: tem um em casa, dois, três, quatro, cinco, seis, seis casados.
 E - Seis casados?
 F - Seis, sete, oito, daí tem as outras duas meninas. Oito.
 E – E todos tem filhos?
 F – Não. (VARFUL, SC CHP 06).

O grupo sem pronome objeto/sujeito seguido de *ver* é utilizado na ocorrência acima, o que comprova a redução da forma estudada.

Segundo Görski (1998), verbos causativos favorecem o preenchimento do sujeito de infinitivo. Também nos respaldamos em Bagno (2001, p. 208) que, da mesma maneira, trata do uso do sujeito de infinitivo:

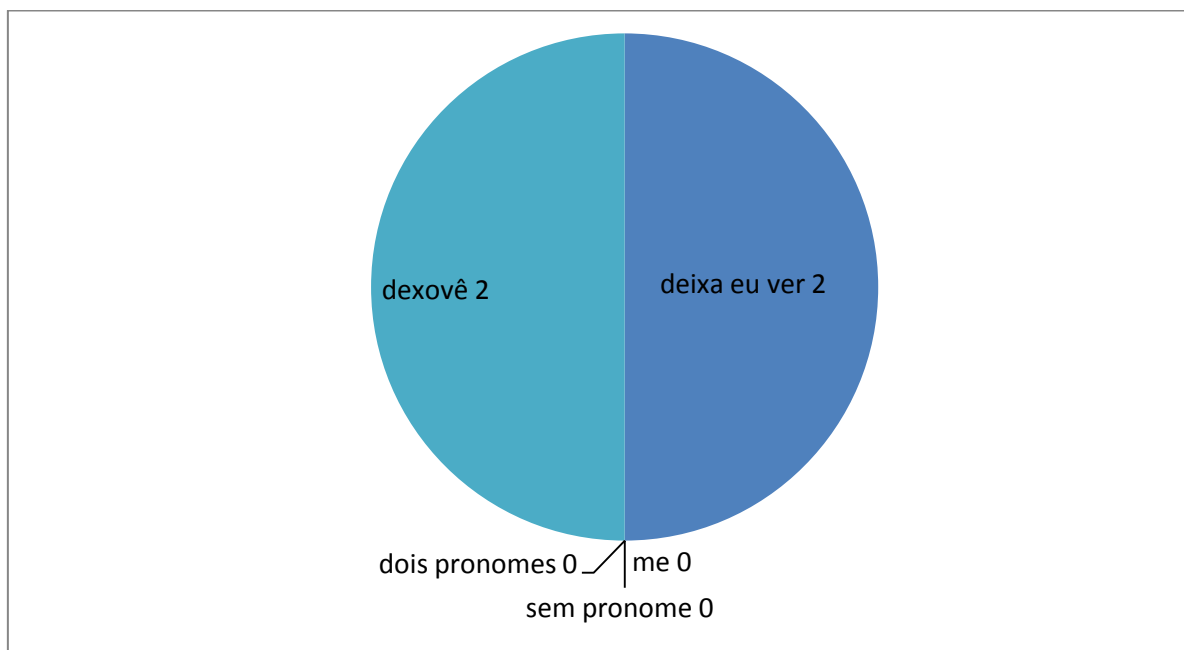
É provável essa tendência cada vez mais acentuada ao apagamento do objeto direto e à explicitação do sujeito que explica a ocorrência quase exclusiva de construções com os pronomes do caso reto (nominativo) no lugar do caso oblíquo (acusativo) preconizado pela norma-padrão. (BAGNO, 2001, p. 208).

Assim, acreditamos que será maior a frequência com o pronome explícito tônico *eu*, como em *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* ou *deixa eu lembrar*, e menor a frequência de uso com o pronome átono (*me*) ou sem pronome.

5.1.3.1 Resultados e discussão

Os gráficos a seguir, expressam os resultados quanto à frequência de uso acerca da presença de pronome junto ao fenômeno investigado. O gráfico 8 refere-se à frequência de uso da amostra do projeto VMPOSC:

Gráfico 8 – Frequência de uso do pronome junto ao MD na amostra do VMPOSC

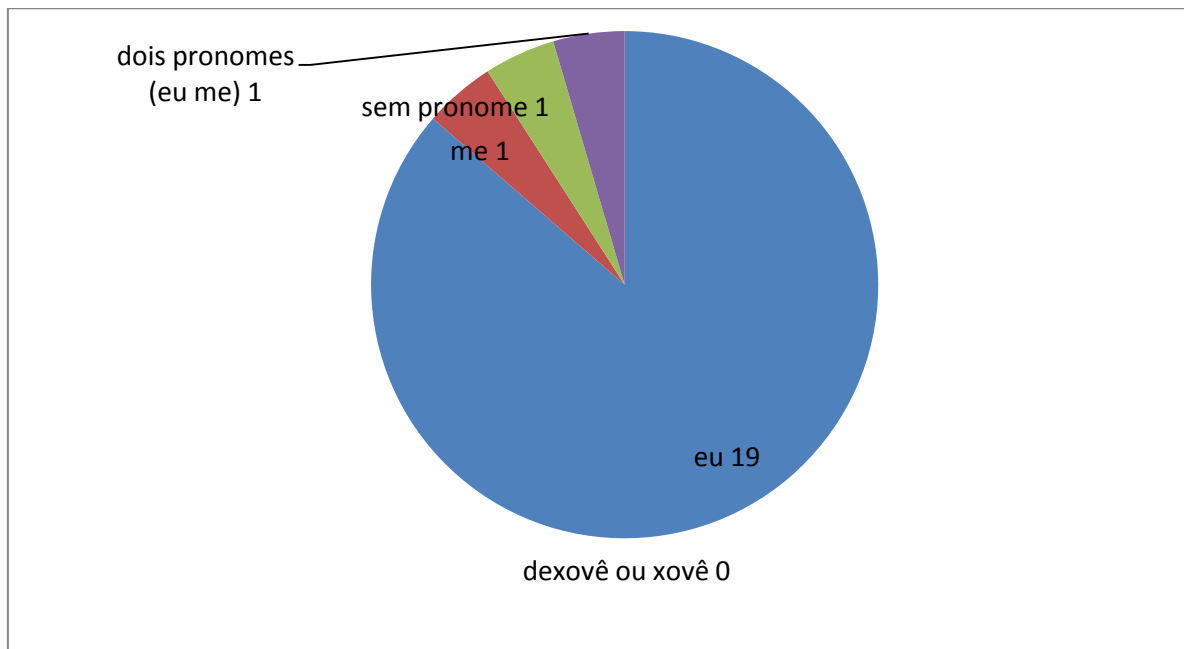


Fonte: a autora.

Na amostra de entrevistas do projeto VMPOSC, para a redução fonológica encontrada, *dexovê*, não há pronome explícito, pois segundo Bagno (2001), *xo* é a junção de três sílabas *deixa eu*. Para a forma com pronome explícito *deixa eu ver*, há a mesma equivalência de ocorrências, duas em cada. O pronome *me* não foi registrado no levantamento de dados das duas amostras, assim como o uso *deixa ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu/me lembrar*. Devido a encontrarmos apenas 4 ocorrências, não é possível afirmar nossa hipótese.

No gráfico 9, apresentamos a frequência de uso referente à amostra do Banco de Dados VARSUL/SC:

Gráfico 9 – Frequência de uso de presença/ausência de pronome(s) junto ao MD na amostra do VARSUL/SC

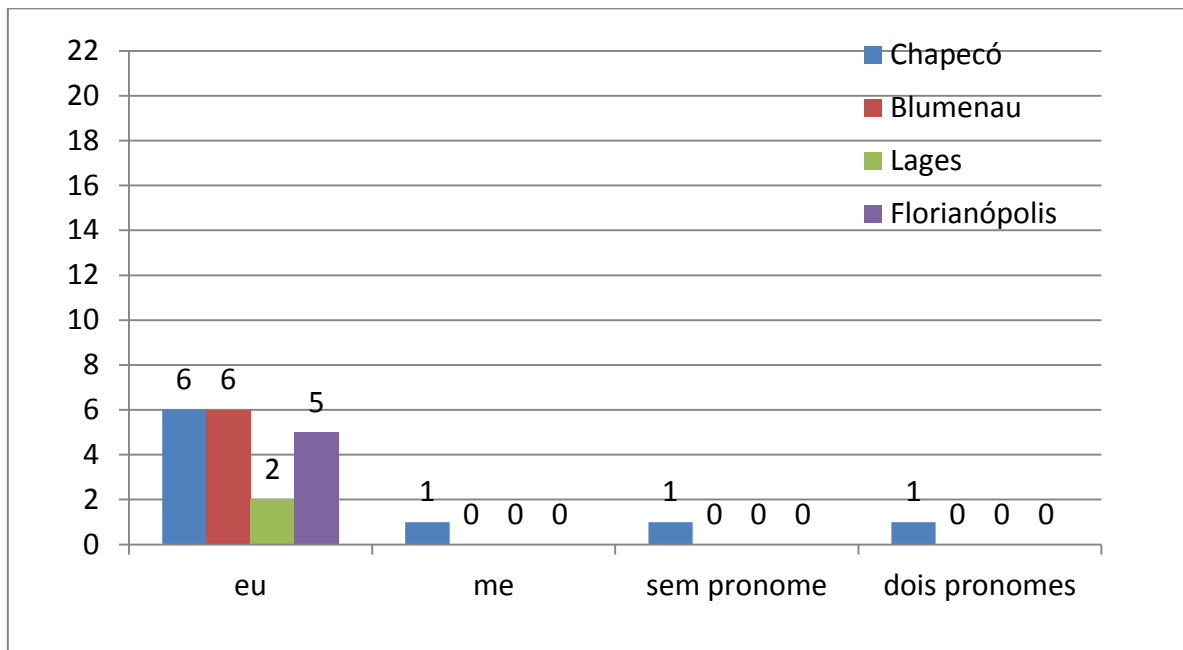


Fonte: a autora.

Na amostra de entrevistas do Banco de Dados VARSUL/SC, podemos afirmar há uma tendência ao uso do pronome explícito *eu* junto aos MDs, visto que houve 19 ocorrências com o pronome *eu*. O grupo constituído por uso do pronome *me*, sem pronome explícito ou por dois pronomes mostrou pouca frequência, apenas uma ocorrência para cada forma. A forma reduzida *dexovê* não foi registrada. Dessa maneira, prevaleceu o uso de sujeito preenchido conforme Görski (1998) e Bagno (2001) apontam.

O gráfico a seguir ilustra a distribuição do fenômeno quanto à presença/ausência do pronome nas cidades da amostra do VARSUL/SC:

Gráfico 10 – Distribuição de presença/ausência de pronome(s) junto ao MD na cidades da amostra do VARSUL/SC



Fonte: a autora.

De modo geral todas as cidades da amostra do VARSUL/SC mostraram mais frequência de uso do pronome *eu* quando utilizavam o fenômeno estudado com 19 ocorrências registradas.

De modo específico, a única cidade que apresentou ocorrências do pronome *me*, de dois pronomes e de ausência de pronome junto aos MDs investigados foi Chapecó. Ainda em relação a Chapecó, houve 6 ocorrências dos MDs com pronome *eu*. Nas cidades de Blumenau, Lages e Florianópolis localizamos apenas o uso do pronome *eu* e foi registrado 6, duas e 5 ocorrências respectivamente.

5.1.4 Posição

Urbano (2002), que denomina funções, características e comportamentos textuais interativos de MDs, trata mais especificamente de quatro posições de MDs em turnos de fala: inicial, a qual está no início de um turno; medial, que se encontra no interior de turnos; final, a qual está no final de um turno; e, não se aplica, que refere-se às “formas que ocorrem solitariamente, isto é, como constituintes únicos de interação, com no casos dos feed back.” (URBANO, 2002, p. 201).

Localizamos ocorrências do item linguístico investigado, nas duas amostras em posição de início de turno, meio de turno e final de turno, respectivamente:

(51)E - Como é que a senhora conheceu o seu marido, assim? Como que foi o namoro com ele?

F - Ele, **deixa eu ver**: foi numa festinha de aniversário. Até que foi o meu irmão (que) que era mais assim, amigos do meu irmão, né? Então daí, teve umas meninas que a gente jogava vôlei junto. Então ela disse assim: "Ô, Irineu, leva a tua irmã hoje na na festinha. Daí o meu irmão disse assim, ah, ela não é muito de festinha ela não vai querer ir, né?... (VARFUL, SC CHP 09).

(52)E – E se fosse pensá em algum outro bairro em Chapeco, você trocaria este que você mora por algum outro que você avalia também de forma positiva, enfim?

I – Ah ah... É se fosse tipo, eu penso assim, aqui perto, né? Bairro do lado aqui assim, tipo Saic aqui ou Jardim América, né que são bairros assim, também próximo **Deixa eu ver**, ah sei lá talvez o Santa Maria eu vejo um bairro bom assim de morar, né que é o outro lado da cidade. (VMPOSC CHP 09)

(53)E - [Você e ela.]

F - Bem assim. Se eu sorria, ela sorria, se eu chorava, ela chorava. [<in>] Aí pegamos, contamos pra mãe dela primeiro. Aí a mãe dela foi lá contar pra minha. Que, assim, pra família dela, eu sou como uma outra filha. [Eles são em <tr>] eles são em três irmãos, dois homens e uma mulher. Então [eu <fa>] eu sempre fui muito amiga dela, eles me consideraram como filha. Então ela foi lá contar pra mãe. A reação do pai: não falava nada. A mãe, assim, como é a mãe: "Isso aí não pode ser, porque que eu fui fazer isso? Eles confiavam tanto em mim, não sei o quê." Aí o pai só disse assim pra mim, poucas palavras: "A tua vida vai mudar daqui pra frente, [e] e teus irmãos nunca vão dizer nada pra ti", tudo que fosse assim: ("brigasse"), me xingasse, me chamasse de qualquer palavra feia, né? ele proibiu. Aí ainda aquele dia, realmente, foi horrível, aquela noite, assim, eu queria morrer, eu queria disparar, não tem? Só que eu parei e pensei: "Eu vou fugir pra onde? No outro dia vai ser bem pior pra mim, né?" E cada dia que passava foi melhorando, o pessoal foi aceitando, a mãe foi melhorando, [até o] daí a família toda também, aí me ajudaram no enxoval. O enxoval da Rafaela [foi] não foi, assim, dos melhores, mas foi um enxoval bonito. [A] [a] a Ana, [a <ma>] que é madrinha dela, tinha uma pulseira de ouro, vendeu pra comprar a cama pra dar pra ela. Então acho assim, como eu falei, nós que estávamos comentando de madrinha, acho que foi uma pessoa que merecia, [que foi] [que] que mais me apoiou, que mais me deu força. Era a forma de eu gratificar [o <a>] o carinho que eu sentia por ela. Então eu convidei ela e o irmão dela pra batizar [a <cami>] a Rafaela. E eles têm adoração porque [eles não] eles [não tem] não têm sobrinho, não têm filho nenhum, né? Então a Rafaela é uma neta pra eles. E [a] devido a o que ela falou, ela até hoje ela até se arrepende, mas eu até entendo o que ela falou pra mim ir abortar. Era o meu bem que ela queria, né? porque hoje ela até se arrepende do dia que ela falou, que ela adora a Rafaela. [E a] **deixe eu ver** o que mais. Faz uma pergunta pra mim. (pausa no gravador) (VARFUL, SC FL 20).

Percebe-se que na ocorrência (51), *deixa eu ver* é usado em posição inicial e parece que o informante necessita lembrar de como conheceu o marido. Já na ocorrência seguinte (52), temos o MD usado em posição medial, pois o falante requer nomear outros bairros para sugerir bons lugares para se morar. Na ocorrência (53), o MD encontra-se em posição final,

visto que o falante quer lembrar de mais alguma coisa para falar, mas não há e sugere que o entrevistador faça outra pergunta.

De acordo com Marcuschi (1989), existe maior probabilidade de os MDs ocorrerem nas posições iniciais do que nas finais: “Isto é compreensível quando se tem em mente que é no início de suas intervenções (turnos) e enunciados (UCs⁶⁴) que o locutor anuncia o quê e como vai fazer. O início é também o lugar de engate, ou seja, da coesividade sintagmática na cadeia discursiva e não pode vir solto” (MARCUSCHI, 1989, p. 292). Ainda segundo o autor, em cerca de 80% dos casos, turnos e UCs iniciam com MDs derivados de forma verbal e 35% a 40% dos casos apresentam-se no final. Em relação aos MDs que se encontram no meio do turno, estes são mais frequentes em turnos mais longos, pois funcionam como uma forma de auxílio ou de preenchimento de pausa (MARCUSCHI, 1989, p. 296).

Esperamos encontrar maior frequência de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes no início de um turno, como Marcuschi (1989) descreve, esta posição que é o “lugar de engate” para a tomada de turno.

5.1.4.1 Resultados e discussão

Visualizamos, a seguir, os gráficos com os resultados relativos à frequência de uso dos MDs nas posições de início, de meio e de fim de turno. O gráfico 11 apresenta a frequência de uso das posições dos MDs na amostra do projeto VMPOSC:

⁶⁴ De acordo com Marcuschi (1989) UCs são unidades comunicativas.

Gráfico 11 - Frequência de uso da posição dos MDs na amostra do VMPOSC

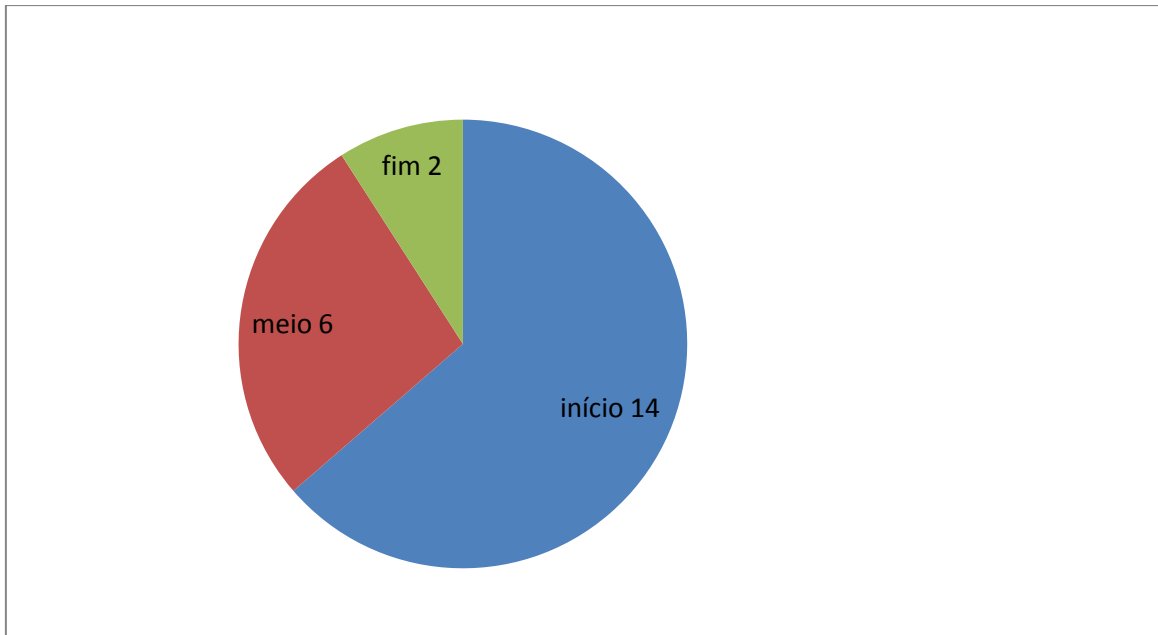


Fonte: a autora.

Na amostra de entrevistas do projeto VMPOSC, percebemos o uso do MD em posição inicial com 3 ocorrências. Houve apenas uma ocorrência em posição de meio de turno e não foi localizada ocorrência em posição final de turno. Não é possível atestar nossa hipótese pelo fato de encontrarmos 4 ocorrências de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes no projeto VMPOSC.

O gráfico 12 apresenta a frequência de uso de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes quanto à posição na amostra VARSUL/SC:

Gráfico 12 – Frequência de uso da posição dos MDs na amostra do VARSUL/SC

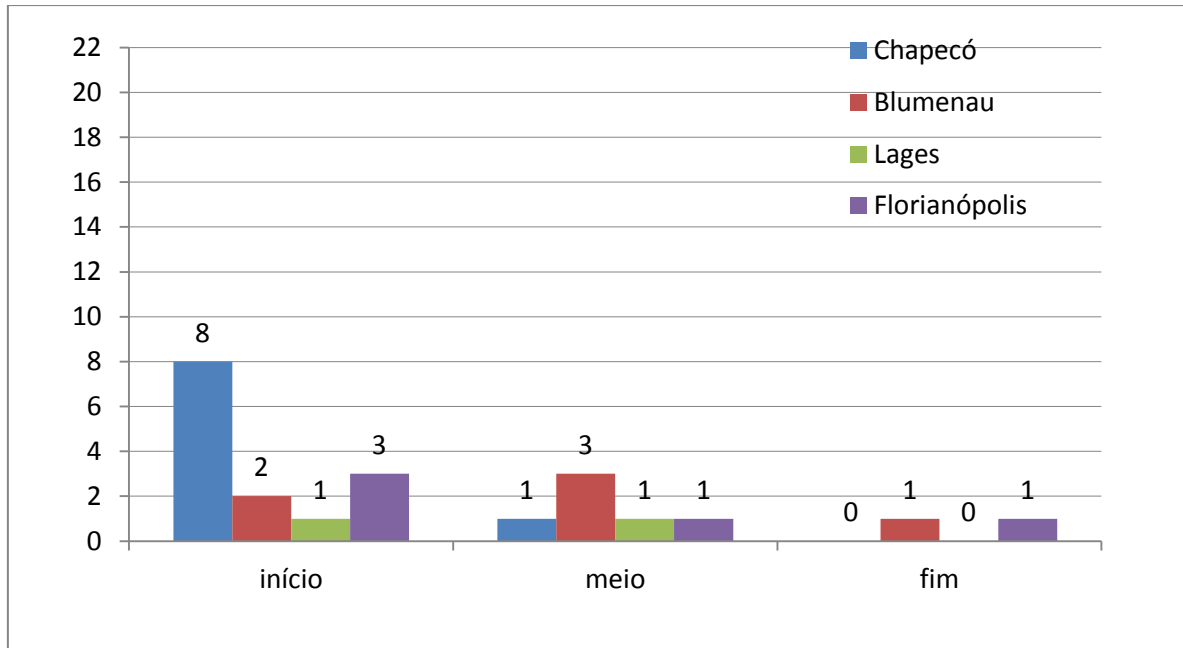


Fonte: a autora.

Podemos perceber que o MD ocorre nas três posições: início, meio e fim de turno em um total de 22 ocorrências. Houve, 14 ocorrências do item em início de turno, 6 ocorrências em posição de meio de turno e duas em fim de turno. Neste caso, se torna mais difícil afirmar nossa hipótese, devido aos poucos dados encontrados.

A seguir no gráfico 13, vejamos a distribuição de uso dos MDs quanto a posição nas cidades da amostra do VARSUL/SC.

Gráfico 13 – Distribuição da posição dos MDs nas cidades da amostra do VARSUL/SC



Fonte: a autora.

De modo geral, percebe-se que há uma tendência para o MD ocorrer no início de um turno de fala, totalizando 14 ocorrências, seguido por 6 ocorrências em que o MD localiza-se em posição de meio de turno e apenas duas ocorrências em que ocorre no final do turno.

De modo específico, quanto à posição do item nas cidades da amostra do VARSUL/SC, Chapecó, apresentou 8 ocorrências do MD em posição inicial e uma ocorrência em posição de meio de turno. Já em Florianópolis, constatou-se o uso do MD em 3 ocorrências na posição inicial e uma em meio de turno. Em Blumenau, o uso do MD em posição de meio de turno apresentou três ocorrências e em início de turno, duas ocorrências. Lages apresenta igualdade no uso do MD em posições iniciais e de meio de turno, uma ocorrência em cada posição. Houve uma ocorrência na posição final de turno nas cidades de Florianópolis e Blumenau. Além disso, Blumenau e Florianópolis foram as cidades que mostraram mais variação em relação à posição do MD, ocorrendo nas três posições.

5.1.5 Independência sintática:

Analisamos os usos de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes quanto à independência sintática nas ocorrências das amostras investigadas:

(54)E: E qual que você acha o mais engraçado de toda essa tua família? Qual que você acha o mais engraçado?

I: Meu irmão.
 E: É... porque que ele é o mais engraçado?
 I: Porque, assim, ele costuma fazer bastante brincadeira com a gente, brinca assim,
 E: Que, por exemplo, que brincadeira que ele faz contigo?
 I: **De...xovê**, ele, como tipo assim, quando a gente tá reunido assim ele costuma, tipo, brinca com a gente que a gente tem que ir lá fazer um negócio pra ele, porque ele tá com preguiça coisa assim. (VMPOSC CHP 06)

Na ocorrência (54), observamos que o MD possui uma certa independência no contexto em que é usado, pois se retirarmos *Dexovê* percebemos que o item está livre no turno. Em contraste, a ocorrência número (55), apresenta um complemento após o MD, o que restringe a independência da forma *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes:

(55)E – E Dona Amóbili, tem alguma coisa que aconteceu com a senhora, alguma coisa- (hes) a senhora correu algum perigo de vida, alguma situação muito ruim, com a senhora, que tenha marcado?
 F – **Deixa eu pensar** um pouquinho. Ah, aquela do homem, aquele que se incomodou porque eu não aceitei a esmola dele, né? E depois eu fiquei com medo. E outra assim de perigo não... (VARSUL, SC CHP 21)

Devido ao uso do complemento “um pouquinho” na ocorrência (55), observamos um contexto em que existe restrição de independência sintática. Se retirarmos o *Deixa eu pensar* do contexto de produção, o complemento “um pouquinho” fica solto no turno.

O fato de percebermos algo diferente nos usos dos MDs, isto é, algumas ocorrências apresentarem complemento após o seu aparecimento, evidenciamos que alguns MDs possuem independência sintática e outros apresentam uma menor independência sintática em uma sentença. Risso, Silva e Urbano (2006) descrevem que “a não-integração sintática das unidades focalizadas à estrutura oracional constitui, portanto, um forte indicador do estatuto de MD.” (RISSO; SILVA; URBANO, 2006, p. 412).

Os autores Risso, Silva e Urbano (2006) também acrescentam os dados percentuais de dependência e independência sintática dos MDs⁶⁵ por eles estudados. Na amostra investigada, eles constataram predominância de independência sintática entre os MDs.

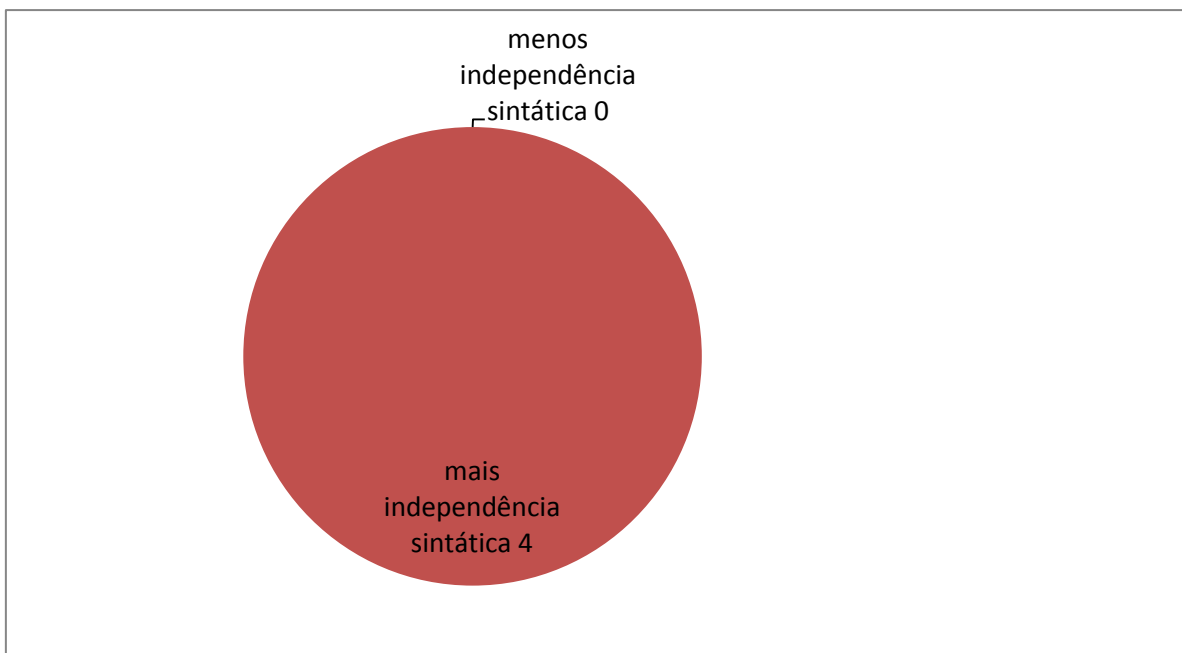
Dessa forma, supomos que a frequência será maior para os MDs que possuem maior independência sintática, de acordo com Risso, Silva e Urbano (2006) a independência sintática pode indicar a categoria de MD.

⁶⁵ Os MDs por eles estudados são: “verbalizados como palavras de fundo lexical (*claro*) ou gramatical (*mas*), locuções (*quer dizer*), contrações (*né*), reduções (*tá*), ou mesmo como segmentos fônicos não dicionarizados (*uhn uhn*)” (grifo do autor) (RISSO, SILVA, URBANO, 2006, p. 404).

5.1.5.1 Resultados e discussão

Os resultados das amostras revelou mais dados de MDs com independência sintática do que MDs sem independência sintática, mas é necessário relativizar os dados com esta quantidade de ocorrências. A amostra de entrevistas do projeto VMPOSC apresentou, 4 ocorrências com independência sintática, em um total de 4 ocorrências.

Gráfico 14 - Frequência da independência sintática dos MDs na amostra do VMPOSC

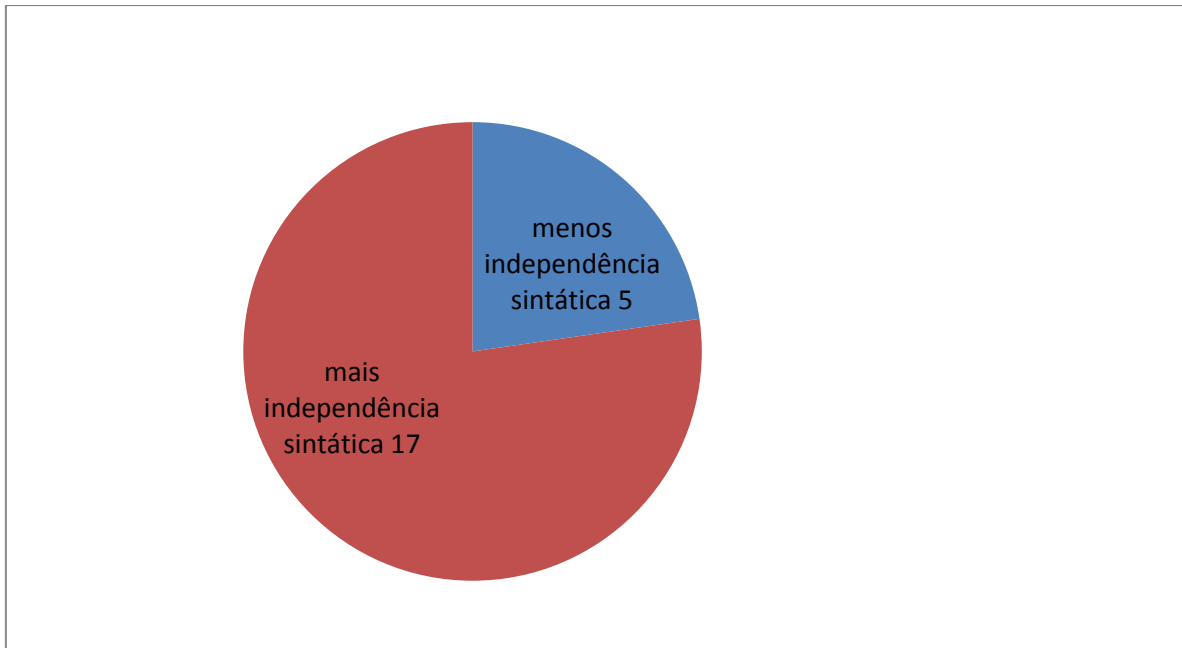


Fonte: a autora.

Na amostra das entrevistas do projeto VMPOSC, todas as ocorrências do MD apresentaram independência sintática, porém devido fato de coletarmos apenas 4 ocorrências, fica difícil atestar nossa hipótese.

Quanto à independência sintática dos MDs nas entrevistas do banco de dados VARSUL, vejamos os resultados de frequência no gráfico 15:

Gráfico 15 – Frequência da independência sintática dos MDs na amostra do VARSUL/SC



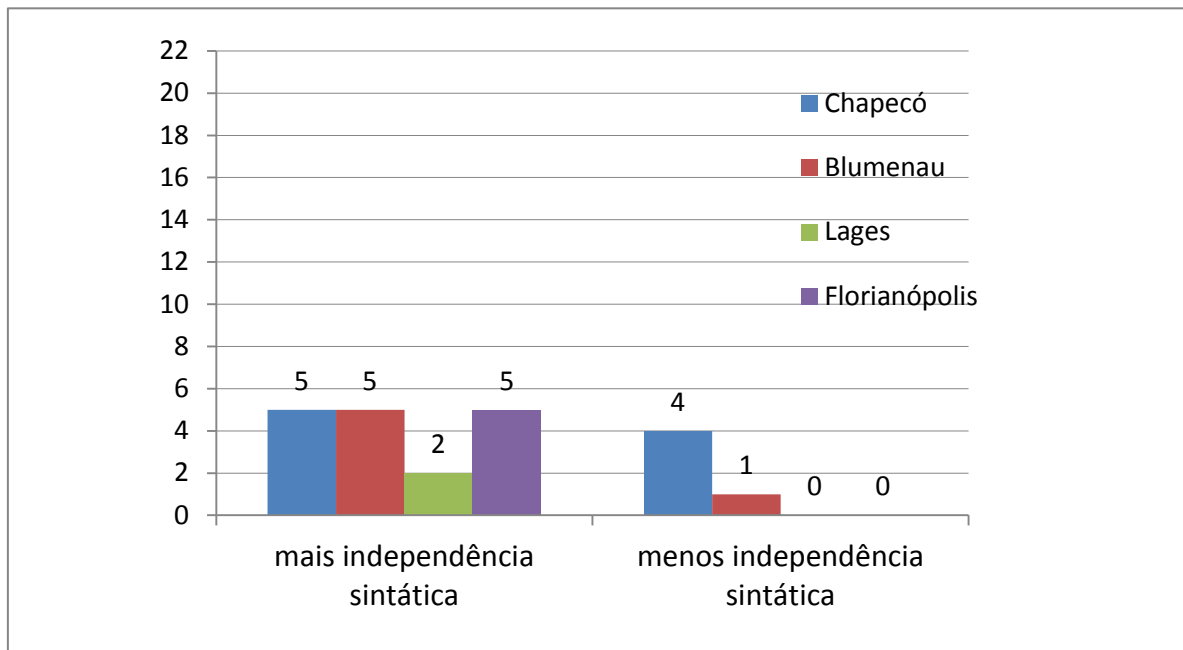
Fonte: a autora.

Do total de 22 ocorrências dos MDs na amostra do VARSUL/SC, o gráfico revela 17 ocorrências de independência sintática dos MDs e 5 ocorrências de restrição sintática.

Dessa forma, podemos dizer que existe uma tendência para os MDs se apresentarem com mais independência sintática, mas ainda carregam traços de sua origem verbal, visto que apresentam complemento, diferenciando-se em alguns contextos de uso.

O gráfico, a seguir, ilustra a distribuição da independência sintática dos MDs da amostra do VARSUL/SC:

Gráfico 16 - Distribuição da independência sintática dos MDs nas cidades da amostra do VARSUL/SC



Fonte: a autora.

De modo geral, os MDs apresentaram mais independência sintática com 17 ocorrências nas cidades da amostra do VARSUL/SC. As cidades que apresentaram os MDs usados com menos independência sintática foram Chapecó e Blumenau, totalizando 5 ocorrências.

De modo específico, em Chapecó, houve certo equilíbrio quanto à independência sintática dos itens. De 9 ocorrências dos itens, 5 são de mais independência e 4 de menos independência sintática. Em Blumenau, de 6 ocorrências dos MDs, 5 são de independência e uma de menos independência sintática. Na cidade de Lages, predominou, nas duas ocorrências, o uso de MDs com mais independência sintática. Da mesma forma, em Florianópolis, as 5 ocorrências apresentaram independência sintática.

5.1.6 Sequências discursivas:

Na coleta de entrevistas para a amostra do projeto VMPOSC considerou-se as sequências discursivas: descritiva, narrativa e dissertativa. Seguiu-se um roteiro que se iniciou com perguntas descritivas, depois passou-se às narrativas e, por último, foram produzidas as dissertativas. Conforme Freitag (2014, p. 126), sobre a importância de seguir um roteiro: “por ser um roteiro, e não um questionário, e por contemplar uma gama variada de assuntos

(tópicos), relacionados com a experiência do falante, a entrevista sociolinguística possibilita ao entrevistador explorar diferentes tipos de sequências discursivas”.

Quanto ao Banco de Dados VARSUL, que apresenta as mesmas sequências discursivas, as entrevistas buscam a fala mais espontânea possível, mas, de acordo com o constatado, não segue uma ordem para realização das perguntas.

A sequência discursiva descritiva enfatiza interrogações com o uso de “como é ou como era” para que o informante relate características físicas ou abstratas sobre algo ou alguém. Silva e Macedo (1996) pontuam que a descrição refere-se a “um trecho em que um fato, um objeto ou uma pessoa são expostos detalhadamente sem suas peculiaridades e contornos.” A ocorrência abaixo mostra um contexto de uso do MD no interior de uma sequência discursiva descritiva:

(56) E - tem comidas típicas da região, né?

F- Tem. A nossa comida típica geralmente é quirera, né? Tem algumas cidades que compram até pra dar para o pintinho, né? a quirerinha, é. Dá até [pra ser] ela ser alimento de pintinho, mas [ela] ela é feita com carne de porco, né? Eles fritam a carne de porco, assim bem picadinha, e fazem a quirera, né? e tem o feijão mexido, que a gente chama, acho que você conhece, né? E a picanha que era a carne que eles assam, e daí tu cortas assim, na hora, eu não sei bem certo o que eles cortam num pratinho e daí a pessoa vai cortando tudo de e rodinha assim, tipo de pedaços, né? daí você pode pegando, tem também nós aqui é o carreteiro, né? o churrasco, né? que nós pegamos [o] muito a tradição gauchesca, né? O churrasco, o carreteiro, feijão mexido, quirera, farofa, o que mais? **deixa eu ver** assim, tem o arroz doce, como sobremesa, [que agora] né? que eu acho que agora já está assim no geral, mas eu me lembro na época que a minha mãe veio morar aqui em Lages, quando ela estava me esperando, que ela morava em Tubarão, ela disse que conheceu o arroz doce aqui em Lages.

E - Ah! é? (VARSUL, SC LA 18).

Na ocorrência (56) percebemos que o informante está descrevendo as comidas típicas na região.

A sequência discursiva narrativa “se constitui por relatos (predominantemente) de fatos ou fenômenos organizados em episódios” (SNICHELOTTO, 2014, p. 5) em que o informante conta sobre algo que aconteceu ou vivenciou (vivencia também), até mesmo alguma história que lembre sobre a cidade, sobre a região, sobre sua infância. Para Silva e Macedo (1996), a narrativa é “o relato verbal de um fato ou de uma história no passado”. Nesta ocorrência temos um contexto de uso do fenômeno no interior de uma sequência discursiva narrativa:

(57) E: Quem que mais contava histórias pra você?

I: A minha mãe, porque o meu pai, ele sempre trabalhou de manhã e de tarde, a minha mãe, ela trabalhou , ela só, a partir do ano ah, ano retrasado que ela

começou a trabalhar to-todos os dias de tarde, daí ela só ficou com terça e quinta que ela fica de férias, daí eu tenho inglês e daí eu não.. Daí ela me contava mais, agora não eu sempre leio sozinha.

E: E você lembra que de alguma história que ela te contava?

I: Geralmente eram de livros, tipo, contos clássicos...

E: Me conta um pouquinho de uma história então...

I: Ah... ai, **dexovê** todas as que... as que, os contos clássicos eu não gosto muito, mas a mais assim, melhorzinha acho que é o patinho feio, que ele, ele nasceu e a mãe dele não quis ele, daí ele encontro... viro um belo, acho que é cisne no final. Mas eu não gosto muito mais de contos clássicos eu prefiro outros tipos de livros. (VMPOSC CHP 03)

Na ocorrência (57), o informante busca narrar sobre um conto infantil que, quando criança, a mãe costuma contar.

Já na sequência discursiva dissertativa, o entrevistador busca a opinião do falante sobre fatos relacionados a assuntos como religião, política ou notícias. Dessa forma o informante expõe seu ponto de vista. Para Macedo e Silva (1996), a argumentação (chamada anteriormente de argumentação, neste trabalho adotamos a nomenclatura sequência dissertativa) indica “o trecho em que o informante fundamenta suas opiniões ou defende seus pontos de vista”. A seguir temos uma ocorrência do fenômeno em sequência discursiva dissertativa:

(58)E – E se fosse pensá em algum outro bairro em Chapecó, você trocava este que você mora por algum outro que você avalia também de forma positiva, enfim?

I – Ah ah... É se fosse tipo, eu penso assim, aqui perto, né? Bairro do lado aqui assim, tipo Saic aqui ou Jardim América, né que são bairros assim, também próximo **Deixa eu ver**, ah sei lá talvez o Santa Maria eu vejo um bairro bom assim de morar, né que é o outro lado da cidade. (VMPOSC CHP 09)

Na ocorrência (58), o informante procura justificar, a partir de seu ponto de vista, quais bairros escolheria para morar se trocasse de residência, considerando aqueles que são mais próximos ao local em que mora atualmente.

De acordo com Snichelotto (2011, p. 4, 11), sequências narrativas e descritivas estão associadas a um grau de formalidade menor na fala, por tratar de temas relacionados ao passado e à família, já as sequências dissertativas requerem um grau de formalidade maior por tratar de assuntos mais subjetivos em que o falante está mais atento ao que fala.

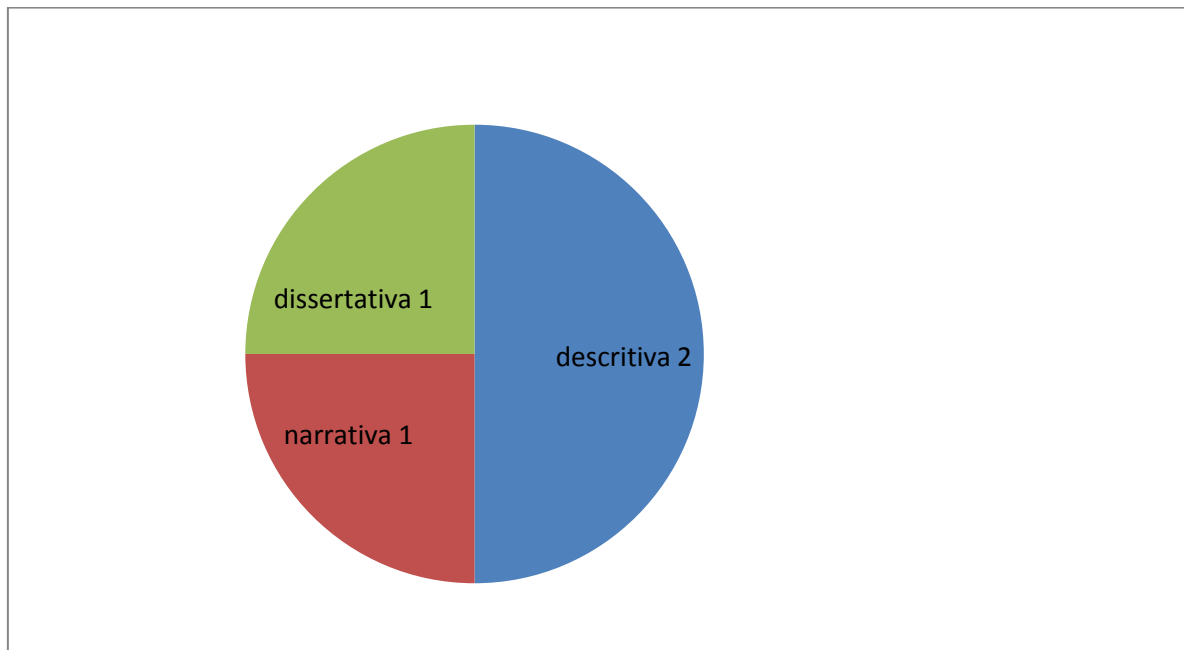
Para Tavares (1999 p. 86), as sequências discursivas narrativas são menos marcadas, relacionando-as ao tempo passado. Opondo as sequências discursivas narrativas às sequências discursivas dissertativas, Tavares (1999) aponta que as dissertativas são mais marcadas por tratarem de tempo presente. A sequência discursiva descritiva estaria, em um *continuum*, entre as menos marcadas e as mais marcadas, por possivelmente usar o tempo verbal presente.

Dessa forma, sustentamos a hipótese que *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes poderão ocorrer mais frequentemente em sequências discursivas menos marcadas e de menor grau de formalidade, neste caso, as sequências discursivas narrativas, seguido das descritivas. Acreditamos que os MDs são mais usados em sequências narrativas seguido das descritivas, pois essas sequências requerem que o informante se lembre de uma história do passado ou caracterize algo ou alguém. Assim, provavelmente ocorrendo menos em sequências discursivas dissertativas, em que a fala é mais marcada e conseqüentemente mais formal/complexa.⁶⁶

5.1.6.1 Resultados e discussão

Os gráficos a seguir ilustram a frequência de uso do fenômeno pesquisado em relação às sequências discursivas descritivas, narrativas e dissertativas nas duas amostras investigadas. Os resultados quanto à sequência discursiva extraídos da amostra de entrevistas do projeto VMPOSC estão no gráfico 17:

Gráfico 17 – Frequência das sequências discursivas na amostra do VMPOSC



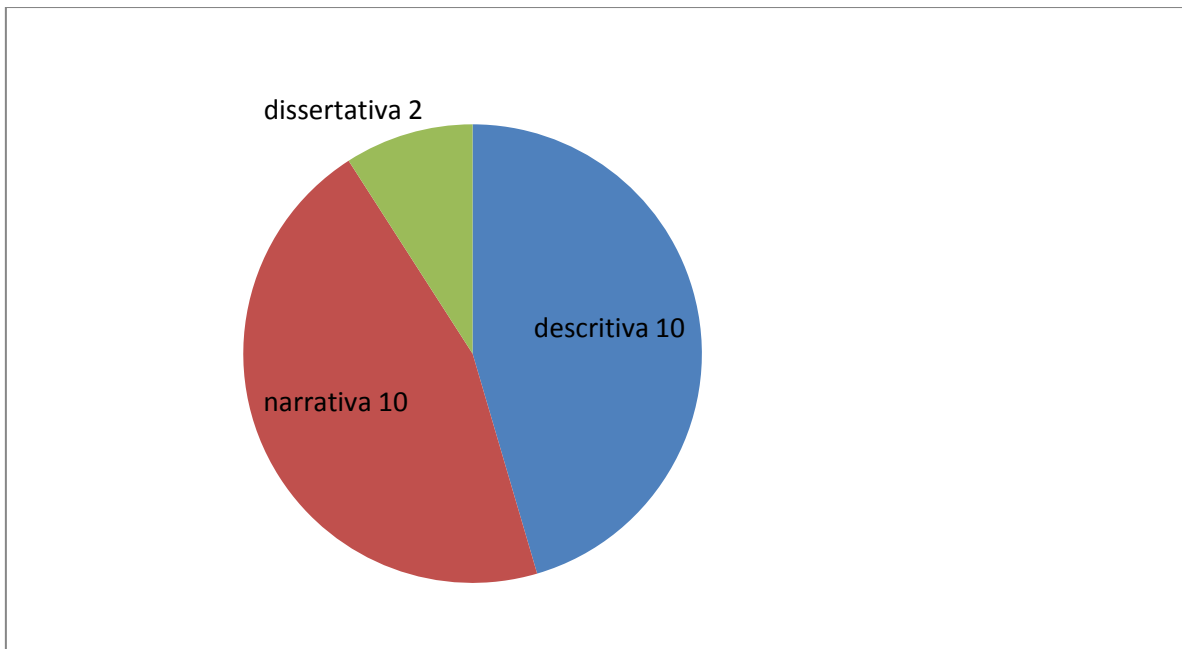
Fonte: a autora.

⁶⁶ Atualmente, existem estudos que pontuam a complexidade do tópico em relação à experiência do falante e não necessariamente apenas as sequências discursivas (FREITAG, 2014). Porém, nesta dissertação optou-se em averiguar os dados de acordo com as sequências discursivas encontradas nas entrevistas.

Como ilustrado no quadro das 4 ocorrências de MDs, podemos perceber que as sequências que mais incitam o uso de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes são os de sequências discursivas descritivas, com duas ocorrências. Houve uma ocorrência de MD nas sequências dissertativas e narrativas. Devido a encontrarmos apenas 4 ocorrências de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes, não é possível atestar nossa hipótese.

O próximo gráfico ilustra a frequência das sequências discursivas na amostra de entrevistas do VARSUL/SC:

Gráfico 18 – Frequência das sequências discursivas na amostra do VARSUL/SC



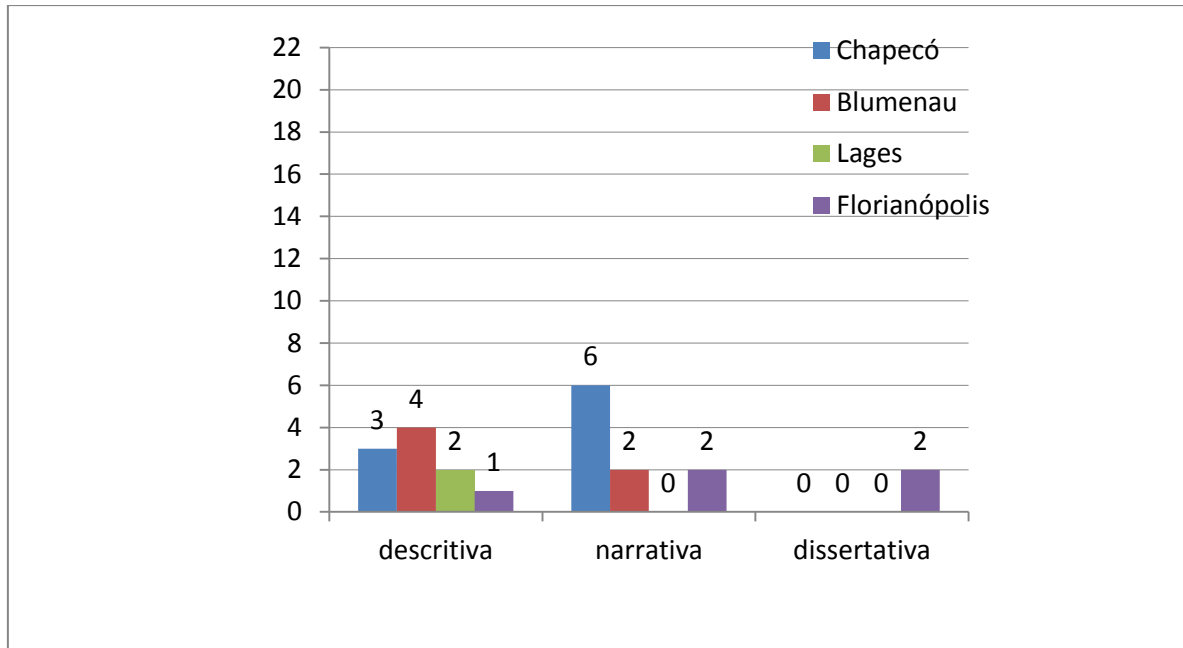
Fonte: a autora.

Dentre as 22 ocorrências de MDs, as sequências discursivas que demonstram maior frequência de uso são as descritivas e narrativas, com 10 ocorrências em cada tipo de sequência. Houve apenas duas ocorrências de sequência dissertativa.

Percebemos que há uma tendência às sequências descritivas e narrativas, pois ambas totalizam 20 ocorrências, mas mesmo assim, fica difícil atestar nossa hipótese, devido à quantidade de dados. Já as sequências dissertativas, apresentam menos frequência.

O gráfico indica a distribuição das sequências discursivas nas cidades da amostra do VARSUL/SC:

Gráfico 19 – Distribuição das sequências discursivas nas cidades da amostra do VARSUL/SC



Fonte: a autora.

De modo geral, as cidades da amostra do VARSUL/SC apresentam 10 ocorrências nas sequências descritivas e narrativas. A sequência dissertativa apresenta apenas duas ocorrências e foi registrada apenas na cidade de Florianópolis.

De modo específico, conforme gráfico 19, em Chapecó houve 6 ocorrências dos MDs em sequências discursivas narrativas, seguido de 3 ocorrências de sequências discursivas descritivas. Não houve MDs em sequências discursivas dissertativas. Já em Blumenau, houve duas ocorrências dos MDs em sequências discursivas narrativas e 4 ocorrências de sequências discursivas descritivas. A cidade de Blumenau também não apresentou MDs em sequências discursivas dissertativas. Na cidade de Lages, houve duas ocorrências dos MDs nas sequências discursivas descritivas. Não houve MDs em sequências discursivas narrativas e dissertativas. Em Florianópolis, constatou-se o uso dos MDs em todas as sequências discursivas analisadas, houve duas ocorrências dos MDs em sequência discursiva narrativa, uma ocorrência foi registrada na sequência discursiva descritiva e duas ocorrências dos MDs em sequência discursiva dissertativa.

5.1.7 Considerações parciais dos fatores linguísticos

Apresentamos no quadro, a seguir, uma síntese dos resultados quanto aos fatores linguísticos:

Quadro 20 – Resultados quanto à frequência dos fatores linguísticos nas duas amostras

Fatores linguísticos controlados	Fatores linguísticos mais frequentes no Projeto VMPOSC	Fatores linguísticos mais frequentes no Banco de Dados VARSUL/SC
Contextos de uso	Exemplificação	Enumeração
Forma e extensão	<i>Deixa eu ver e dexovê</i>	<i>Deixa eu ver</i>
Presença/ausência de pronome	Presença do pronome <i>eu</i>	Presença do pronome <i>eu</i>
Posição	Início de turno	Início de turno
Independência sintática	Mais independência sintática	Mais independência sintática
Sequência discursiva	Descritiva	Descritivas e narrativas

Fonte: a autora.

De acordo com os fatores linguísticos controlados, os resultados demonstram que há uma tendência ao uso dos MDs *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes em contextos de exemplificação, na amostra de entrevistas do projeto VMPOSC, e em contextos de enumeração, na amostra de entrevistas do Banco de Dados VARSUL/SC. Quanto à forma, *deixa eu ver* tende a ser mais usado entre as variantes na amostra do VARSUL/SC e a amostra das entrevistas do projeto VMPOSC registrou duas ocorrências de *deixa eu ver* e duas de *dexovê*. Em relação à presença/ausência de pronome (objeto/sujeito) verificou-se o preenchimento do pronome *eu* na maioria das ocorrências da amostra do VARSUL/SC. Para as entrevistas do projeto VMPOSC, constatou-se o uso do pronome *eu* em duas das ocorrências, não foi registrado uso de outro pronome no VMPOSC. Quanto à posição em que os MDs se apresentam, existe uma tendência à posição em início de turno de fala na amostra do VARSUL/SC, bem como para a amostra das entrevistas do projeto VMPOSC. Quanto à independência sintática, percebemos que o MD tende a aparecer mais independente sintaticamente nas duas amostras investigadas. Em relação às sequências discursivas, na amostra de entrevistas do projeto VMPOSC foram constatados duas ocorrências dos MDs em sequências discursivas descritivas e na amostra do banco de dados VARSUL/SC, há uma maior tendência para que os MDs ocorram em sequências discursivas descritivas e narrativas.

5.2 Fatores sociais

Nesta seção são apresentadas as características, hipóteses e resultados obtidos em relação aos fatores sociais: perfil do indivíduo, idade, gênero/sexo, escolaridade e cidade.

5.2.1 Perfil do indivíduo

Devido a pouca ocorrência de dados dos MDs nas duas amostras analisadas, decidimos detalhar um possível perfil social dos informantes de cada amostra e, em seguida, informar a frequência de uso do MD.

No quadro 21, apresentamos os informantes das entrevistas do projeto VMPOSC e destacamos aqueles que produziram *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes. Também, enumeramos a frequência em que os MDs foram utilizados por cada informante.

Quadro 21 - Distribuição do perfil dos informantes e frequência de uso dos MDs na amostra do VMPOSC

Informante	Escolaridade	Sexo/Gênero	Idade	Frequência
Informante 1	Ensino Fundamental I	M	7 a 14 anos – C	-
Informante 2	Ensino Fundamental I	M	7 a 14 anos - C	-
Informante 3	Ensino Fundamental I	F	7 a 14 anos – C	2
Informante 4	Ensino Fundamental I	F	7 a 14 anos – C	-
Informante 5	Ensino Fundamental II	M	7 a 14 anos - C	-
Informante 6	Ensino Fundamental II	M	7 a 14 anos – C	1
Informante 7	Ensino Fundamental II	F	7 a 14 anos - C	-
Informante 8	Ensino Fundamental II	F	7 a 14 anos – C	-
Informante 9	Ensino Superior	M	25 a 49 anos - B	1
Informante 10	Ensino Superior	M	25 a 49 anos - B	-
Informante 11	Ensino Superior	F	25 a 49 anos – B	-
Informante 12	Ensino Superior	F	25 a 49 anos - B	-

TOTAL	4
-------	---

Fonte: a autora.

O quadro 21 apresenta um possível perfil dos informantes da amostra do projeto VMPOSC que utilizaram o fenômeno, em um total de 12 informantes, três produziram *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes. Os MDs foram utilizados por dois informantes masculinos, um de 7 a 14 anos, ensino fundamental II e outro do ensino superior, 25 a 49 anos. A informante feminina, 7 a 14 anos, ensino fundamental I, apresenta duas ocorrências dos MDs.

Conforme os resultados dos quadros na amostra de entrevistas do projeto VMPOSC, podemos sugerir um possível perfil de indivíduo que mais utiliza os MDs em estudo: gênero/sexo feminino ou masculino, idade entre 7 a 14 anos, em nível de escolaridade ensino fundamental. Nesse momento, é necessário relativizar nosso possível perfil de indivíduo, pois as entrevistas do VMPOSC estão sendo coletadas e, também, devido a pouca quantidade de ocorrências que obtivemos. O quadro, a seguir, ilustra este perfil:

Quadro 22 – Frequência de ocorrências segundo o perfil dos informantes da amostra VMPOSC

Gênero/sexo	Frequência	Idade	Frequência	Escolaridade	Frequência
F	2	7 a 14	3	Ensino fundamental I	2
				Ensino fundamental II	1
M	2	25 a 49	1	Ensino superior	1
Total	4	Total	4	Total	4

Fonte: a autora.

O quadro indica a frequência de ocorrências obtidas em cada uma das células sociais investigadas na amostra de entrevistas do projeto VMPOSC.

No quadro 23, apresentamos os informantes das entrevistas do Banco de Dados VASUL da cidade de Chapecó e destacamos aqueles que produziram *deixa eu ver*, *deixa eu*

pensar e deixa eu lembrar e variantes. Também, enumeramos a frequência em que os MDs foram utilizados por cada informante.

Quadro 23 – Distribuição do perfil dos informantes e frequência de uso dos MDs na amostra do VARSUL/SC - Chapecó

Informante	Escolaridade	Sexo/Gênero	Idade	Frequência
Informante 1	Ensino fundamental I	F	25 a 49 anos	-
Informante 2	Ensino fundamental I	M	25 a 49 anos	-
Informante 3	Ensino fundamental I	M	25 a 49 anos	-
Informante 4	Ensino fundamental I	F	25 a 49 anos	-
Informante 5	Ensino fundamental I	M	mais de 50 anos	-
Informante 6	Ensino fundamental I	F	mais de 50 anos	2
Informante 7	Ensino fundamental I	F	mais de 50 anos	1
Informante 8	Ensino fundamental I	M	mais de 50 anos	-
Informante 9	Ensino fundamental II	F	25 a 49 anos	1
Informante 10	Ensino fundamental II	M	25 a 49 anos	1
Informante 11	Ensino fundamental II	M	25 a 49 anos	-
Informante 12	Ensino fundamental II	F	25 a 49 anos	-
Informante 13	Ensino fundamental II	F	mais de 50 anos	-
Informante 14	Ensino fundamental II	M	mais de 50 anos	-
Informante 15	Ensino fundamental II	M	mais de 50 anos	-
Informante 16	Ensino fundamental II	F	mais de 50 anos	-
Informante 17	Ensino Médio	F	25 a 49 anos	-
Informante 18	Ensino Médio	M	25 a 49 anos	2

Informante 19	Ensino Médio	F	25 a 49 anos	-
Informante 20	Ensino Médio	M	25 a 49 anos	-
Informante 21	Ensino Médio	F	mais de 50 anos	2
Informante 22	Ensino Médio	M	mais de 50 anos	-
Informante 23	Ensino Médio	F	mais de 50 anos	-
Informante 24	Ensino Médio	M	mais de 50 anos	-
TOTAL				9

Fonte: a autora.

Na cidade de Chapecó das nove ocorrências investigadas, apenas 6 dos 24 informantes do VARSUL/Chapecó utilizaram os MDs: os informantes 6, 18 e 21 apresentaram duas ocorrências cada. Também percebemos que das 9 ocorrências, 6 foram utilizadas pelo gênero/sexo feminino e 3 ocorrências pelo gênero/sexo masculino. Quanto à idade percebemos que os informantes de mais de 50 anos usaram 5 vezes dados de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes, enquanto que os informantes com idade entre 25 a 50 anos apresentaram 4 ocorrências. Quanto à escolaridade, os informantes do ensino médio utilizaram 4 ocorrências, do ensino fundamental I, 3, e do ensino fundamental II, duas.

No quadro 24, apresentamos os informantes das entrevistas do Banco de Dados VASUL da cidade de Lages e destacamos aqueles que produziram *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes. Também, enumeramos a frequência em que os MDs foram utilizados por cada informante.

Quadro 24 – Distribuição do perfil dos informantes e frequência de uso dos MDs na amostra do VARSUL/SC - Lages

Informante	Escolaridade	Sexo/Gênero	Idade	Frequência
Informante 1	Ensino fundamental I	F	25 a 49 anos	-
Informante 2	Ensino fundamental I	M	25 a 49 anos	-
Informante 3	Ensino fundamental I	M	25 a 49 anos	-
Informante 4	Ensino fundamental I	F	25 a 49 anos	-
Informante 5	Ensino fundamental I	M	mais de 50 anos	-
informante 6	Ensino fundamental I	F	mais de 50 anos	-
Informante 7	Ensino fundamental I	F	mais de 50 anos	-
Informante 8	Ensino fundamental I	M	mais de 50 anos	-

Informante 9	Ensino fundamental II	F	25 a 49 anos	-
Informante 10	Ensino fundamental II	M	25 a 49 anos	-
Informante 11	Ensino fundamental II	M	25 a 49 anos	-
Informante 12	Ensino fundamental II	F	25 a 49 anos	-
Informante 13	Ensino fundamental II	F	mais de 50 anos	-
Informante 14	Ensino fundamental II	M	mais de 50 anos	-
Informante 15	Ensino fundamental II	M	mais de 50 anos	-
Informante 16	Ensino fundamental II	F	mais de 50 anos	-
Informante 17	Ensino Médio	F	25 a 49 anos	1
Informante 18	Ensino Médio	F	25 a 49 anos	1
Informante 19	Ensino Médio	M	25 a 49 anos	-
Informante 20	Ensino Médio	M	25 a 49 anos	-
Informante 21	Ensino Médio	F	mais de 50 anos	-
Informante 22	Ensino Médio	M	mais de 50 anos	-
Informante 23	Ensino Médio	F	mais de 50 anos	-
Informante 24	Ensino Médio	M	mais de 50 anos	-
TOTAL				2

Fonte: a autora.

Na cidade de Lages, dos 24 informantes apenas 2 usaram *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes. Podemos perceber que as duas ocorrências dos MDs foram empregadas pelo gênero/sexo feminino, idade entre 25 a 50 anos e com ensino médio.

No quadro 25, apresentamos os informantes das entrevistas do Banco de Dados VASUL da cidade de Blumenau e destacamos aqueles que produziram *deixa eu ver*, *deixa eu*

pensar e deixa eu lembrar e variantes. Também, enumeramos a frequência em que os MDs foram utilizados por cada informante.

Quadro 25 – Distribuição do perfil dos informantes e frequência de uso dos MDs na amostra do VARSUL/SC - Blumenau

Informante	Escolaridade	Sexo/Gênero	Idade	Frequência
Informante 1	Ensino fundamental I	F	25 a 49 anos	-
Informante 2	Ensino fundamental I	F	25 a 49 anos	2
Informante 3	Ensino fundamental I	M	25 a 49 anos	-
Informante 4	Ensino fundamental I	M	25 a 49 anos	-
Informante 5	Ensino fundamental I	M	mais de 50 anos	-
informante 6	Ensino fundamental I	F	mais de 50 anos	-
Informante 7	Ensino fundamental I	F	mais de 50 anos	-
Informante 8	Ensino fundamental I	M	mais de 50 anos	-
Informante 9	Ensino fundamental II	F	25 a 49 anos	-
Informante 10	Ensino fundamental II	M	25 a 49 anos	-
Informante 11	Ensino fundamental II	M	25 a 49 anos	-
Informante 12	Ensino fundamental II	F	25 a 49 anos	-
Informante 13	Ensino fundamental II	F	mais de 50 anos	-
Informante 14	Ensino fundamental II	M	mais de 50 anos	-
Informante 15	Ensino fundamental II	M	mais de 50 anos	-
Informante 16	Ensino fundamental II	F	mais de 50 anos	-
Informante 17	Ensino Médio	F	25 a 49 anos	-
Informante 18	Ensino Médio	M	25 a 49 anos	-
Informante 19	Ensino Médio	F	25 a 49 anos	-

Informante 20	Ensino Médio	M	25 a 49 anos	-
Informante 21	Ensino Médio	F	mais de 50 anos	-
Informante 22	Ensino Médio	F	mais de 50 anos	4
Informante 23	Ensino Médio	M	mais de 50 anos	-
Informante 24	Ensino Médio	M	mais de 50 anos	-
TOTAL				6

Fonte: a autora.

Na cidade de Blumenau, dos 24 informantes entrevistados na amostra do VARSUL/Blumenau, apenas dois informantes usaram *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes. Registramos seis ocorrências dos MDs pelas duas informantes, a informante 2, do gênero/sexo feminino, com idade entre 25 a 50 anos e com nível de escolaridade ensino fundamental I usou duas ocorrências dos MDs. A outra informante, número 22, também do sexo/gênero feminino, com mais de 50 anos e nível de escolaridade ensino médio utilizou 4 ocorrências dos MDs estudados.

No quadro 26, apresentamos os informantes das entrevistas do Banco de Dados VASUL da cidade de Florianópolis e destacamos aqueles que produziram *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes. Também, enumeramos a frequência em que os MDs foram utilizados por cada informante.

Quadro 26 – Distribuição do perfil dos informantes e frequência de uso dos MDs na amostra do VARSUL/SC - Florianópolis

Informante	Escolaridade	Sexo/Gênero	Idade	Frequência
Informante 1	Ensino fundamental I	F	25 a 49 anos	-
Informante 2	Ensino fundamental I	M	25 a 49 anos	-
Informante 3	Ensino fundamental I	F	25 a 49 anos	2
Informante 4	Ensino fundamental I	M	25 a 49 anos	-
Informante 5	Ensino fundamental I	M	mais de 50 anos	-
informante 6	Ensino fundamental I	F	mais de 50 anos	-
Informante 7	Ensino fundamental I	F	mais de 50 anos	-
Informante 8	Ensino fundamental I	M	mais de 50 anos	-
Informante 9	Ensino fundamental II	F	25 a 49 anos	-

Informante 10	Ensino fundamental II	M	25 a 49 anos	1
Informante 11	Ensino fundamental II	M	25 a 49 anos	-
Informante 12	Ensino fundamental II	F	25 a 49 anos	-
Informante 13	Ensino fundamental II	F	mais de 50 anos	-
Informante 14	Ensino fundamental II	M	mais de 50 anos	-
Informante 15	Ensino fundamental II	M	mais de 50 anos	-
Informante 16	Ensino fundamental II	F	mais de 50 anos	-
Informante 17	Ensino Médio	F	25 a 49 anos	-
Informante 18	Ensino Médio	M	25 a 49 anos	-
Informante 19	Ensino Médio	M	25 a 49 anos	1
Informante 20	Ensino Médio	F	25 a 49 anos	1
Informante 21	Ensino Médio	F	mais de 50 anos	-
Informante 22	Ensino Médio	M	mais de 50 anos	-
Informante 23	Ensino Médio	F	mais de 50 anos	-
Informante 24	Ensino Médio	M	mais de 50 anos	-
TOTAL				5

Fonte: a autora.

Na cidade de Florianópolis, das cinco ocorrências registradas, quatro informantes produziram *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes dos 24 da amostra do VARSUL/Florianópolis, informantes números 3, que apresentou duas ocorrências, 10, 19 e 20. Podemos perceber 5 ocorrências dos MDs, 3 utilizadas pelo gênero/sexo feminino e duas ocorrências pelo gênero/sexo masculino. Quanto à idade percebemos que a geração com mais de 50 anos não usou o fenômeno, enquanto que a geração com idade entre 25 a 50 anos apresentou 5 ocorrências. Os informantes do ensino médio utilizaram 2 dados, o ensino fundamental I, um dado, e o ensino fundamental II, dois dados.

Conforme os resultados dos quadros na amostra do Banco de Dados VARSUL/SC, podemos sugerir um possível perfil de indivíduo que mais utiliza os MDs em estudo: gênero/sexo feminino, com idade entre 25 a 49 anos, nível de escolaridade ensino médio. O quadro, a seguir, ilustra este perfil:

Quadro 27 – Frequência de ocorrências segundo o perfil dos informantes da amostra VARSUL/SC

Gênero/sexo	Frequência	Idade	Frequência	Escolaridade	Frequência
F	17	25 a 49	13	Ensino fundamental I	7
				Ensino fundamental II	3
M	5	mais de 50	9	Ensino médio	12
Total	22	Total	22	Total	22

Fonte: a autora.

O quadro indica a frequência de ocorrências obtidas em cada uma das células sociais investigadas do Banco de Dados VARSUL/SC.

Dessa maneira, tentando buscar explicações para os resultados dos quadros 22 e 27, passamos ao detalhamento dos fatores sociais.

5.2.2 Idade

Segundo Labov (2008, p. 259), as crianças não têm fala homogênea e ainda elas podem se monitorar menos quando falam do que os adultos ou adolescentes. De acordo com pesquisas desenvolvidas por Chambers e Trudgill (2004, p. 79)⁶⁷, os adolescentes podem ser mais inovadores, devido às redes sociais que participam. Dessa forma, tendem a ser mais influenciados pela língua dos grupos sociais com os quais interagem. Com o passar dos anos, as redes sociais que um indivíduo costuma frequentar mudam, talvez por causa da vida profissional, assim o modo de falar de uma pessoa pode ir mudando a depender da sua vida

⁶⁷ CHAMBERS J.K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge University Press, 2004. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/JokerThatNeverLaughs/studyingdialects-111024095707phpapp01>>. Acesso: 23/04/2014.

social e das comunidades de prática que faz parte. Freitag e Coan (2010, p. 178,179) abordam diretamente o fato de pessoas mais jovens participarem de mais redes sociais:

Na perspectiva laboviana, não há falantes com um estilo único, todos mostram variação fonológica e sintática, mas crianças e pessoas mais velhas demonstram uma média menor de escolhas, pois têm participação social reduzida se comparadas a jovens e pessoas que estão no mercado de trabalho cujas redes sociais são amplas. (FREITAG; COAN; 2010, p. 178,179)

Conforme Tagliamonte (2005), falantes mais velhos mostraram maior tendência ao uso de formas conservativas do que mais novos. Em sua pesquisa sobre o uso dos MDs em língua inglesa *so*, *like* e *just*⁶⁸, diagnosticou que uma mudança para uma forma mais padrão ocorre pelos mais velhos, a depender do grupo de que participa.

Porém, Paiva e Duarte (2003 p. 14) mencionam o uso de variantes de acordo com as exigências sociais que são impostas a uma pessoa ao longo de sua vida, ocorrendo mudanças com o passar dos anos. Segundo as autoras, os grupos mais jovens e mais velhos são mais sensíveis neste quesito do que os grupos intermediários:

[...]grupos etários mais jovens e os mais velhos se aproximam com maior recorrência de uma forma variante (principalmente quando essa envolve estigma social) e os grupos etários intermediários se distinguem pela menor incidência da variante. Essa situação é mais característica de variáveis sensíveis à atuação do mercado linguístico, em que as alterações linguísticas, regulares e predizíveis, caracterizam um processo de ajuste sociodialetal às exigências que são impostas ao longo da vida do indivíduo (PAIVA; DUARTE, 2003 p. 16).

Paiva e Duarte (2003 p. 14), também tratam de outra hipótese muito importante, entendendo que o processo de aquisição de uma língua termina por volta do início da adolescência e, dessa forma, estabiliza-se ou não sofre grandes mudanças. Para as autoras: “Assim, a fala de um indivíduo com 75 anos, no ano de 2000, representaria um estado de língua de sessenta anos atrás, ou seja 1940”. (PAIVA; DUARTE, 2003 p. 14).

Já Valle (2001)⁶⁹ constata que os mais velhos utilizaram menos MDs que os mais novos, ocorrendo uma diminuição no uso de MDs com o aumento da faixa etária.

Considerando os resultados dos estudos acima e devido a nosso fenômeno não sofrer pressão social (mais prestigiado ou estigmatizado), acreditamos que os MDs serão mais frequentes nos grupo dos mais jovens, pois estes participam de mais redes sociais e são mais inovadores. A razão pela qual consideramos o grupo dos jovens mais inovadores está

⁶⁸ Nesta pesquisa, Tagliamonte confere que *so* e *just* são mais usados pelos mais velhos do que *like*.

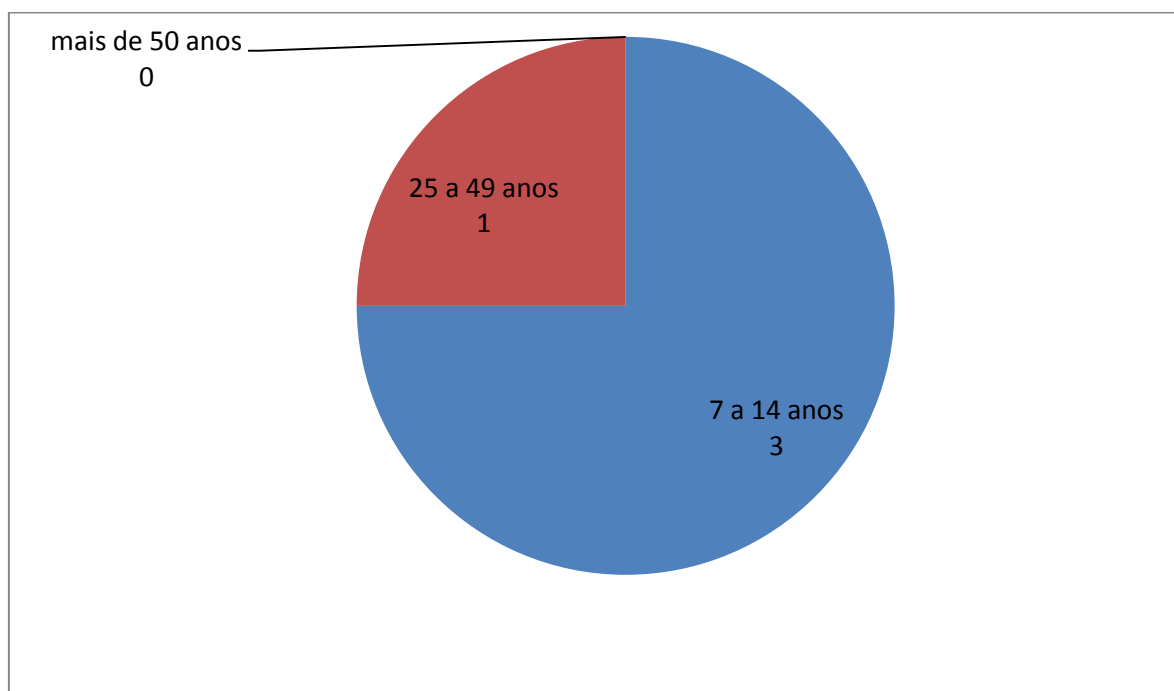
⁶⁹ Dissertação sobre os MDs *sabe?*, *não tem?* e *entende?*

associado ao fato de considerarmos a forma *deixa eu ver* como MD inovador, pois o preenchimento do pronome *eu* em construções feitas com causativos passa a ser mais comum entre falantes brasileiros (BAGNO, 2001; Görski, 1998) e *ver* passa a atuar em um campo cognitivo (ROST, 2002).

5.2.2.1 Resultados e discussão

O gráfico 20 apresenta os resultados da frequência de MDs quanto à idade na amostra de entrevistas do projeto VMOSC:

Gráfico 20 – Frequência de uso dos MDs segundo a idade dos informantes na amostra do VMOSC



Fonte: a autora.

Na amostra de entrevistas do projeto VMOSC, houve 4 ocorrências dos MDs. O grupo das crianças apresentou 3 ocorrências, e o grupo de informantes com idade entre 25 a 49 anos produziu uma ocorrência. Sabemos que o projeto VMOSC ainda está em fase de coleta de entrevistas, portanto precisamos de mais entrevistados para verificar com mais precisão a ocorrência dos MDs entre os informantes.

Também é importante lembrar que duas das três ocorrências ilustradas no gráfico e produzidas pelas crianças são reduzidas foneticamente, produzidas por ambos os

gêneros/sexos. Ainda é relevante mencionarmos o fato de que uma criança produziu duas ocorrências do MD em sua fala. A primeira vez em que ela o utiliza está representada na seguinte ocorrência:

(59) E: E os teus primos, você tem bastante primos?

I: **De(i)xa eu vê**, eu tenho seis (na minha) na família da minha vó, materna, e da minha família da minha, do meu paterna eu não sei, porque a minha vó tem 11 filhos e é meio demorado de conta, mas eles são maiores já, eles são, tem poucos que são mais pequenos. Todos já tao trabalhando. Só da minha vó materna, daí são todos menores, só tem um que completo (derzo...) dezoito anos esse ano e ele tá trabalhando lá na na faculdade dele. (VMLPOSC CHP 03)

Na ocorrência (59), a informante usa *de(i)xa eu vê* para enumerar a quantidade de primos que tem na família. Já na segunda vez que a mesma informante utiliza o fenômeno, o usa na forma reduzida, corroborando com o que Traugott (2003) aponta sobre a maior probabilidade de existir redução fonética quando um item é pronunciado pela segunda vez em uma fala.

(60) E: Quem que mais contava histórias pra você?

I: A minha mãe, porque o meu pai, ele sempre trabalho de manhã e de tarde, a minha mãe, ela trabalho, ela só, a partir do ano ah, ano retrasado que ela começou a trabalhar to-todos os dias de tarde, daí ela só ficou com terça e quinta que ela fica de férias, daí eu tenho inglês e daí eu não.. Daí ela me contava mais, agora não eu sempre leio sozinha.

E: E você lembra que de alguma história que ela te contava?

I: Geralmente eram de livros, tipo, contos clássicos...

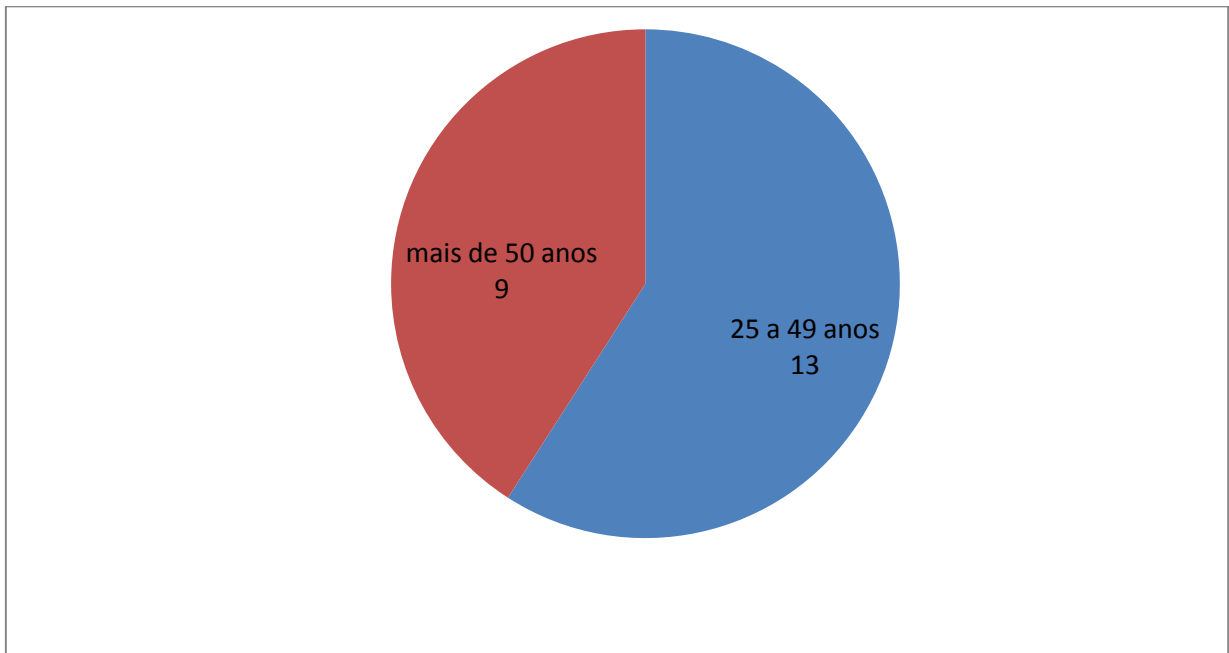
E: Me conta um pouquinho de uma história então...

I: Ah... ai, **dexovê** todas as que... as que, os contos clássicos eu não gosto muito, mas a mais assim, melhorzinha acho que é o patinho feio, que ele, ele nasceu e a mae dele não quis ele, daí ele encontro... viro um belo, acho que é cisne no final. Mas eu não gosto muito mais de contos clássicos eu prefiro outros tipos de livros. (VMLPOSC CHP 03)

Podemos perceber uma redução de *de(i)xa eu vê* para *dexovê* na fala da informante criança que relata uma história infantil.

A seguir, o gráfico ilustra o resultado quanto à frequência de MDs segundo a idade dos informantes da amostra do VARSUL/SC:

Gráfico 21 – Frequência de uso dos MDs segundo a idade dos informantes na amostra do VARSUL/SC



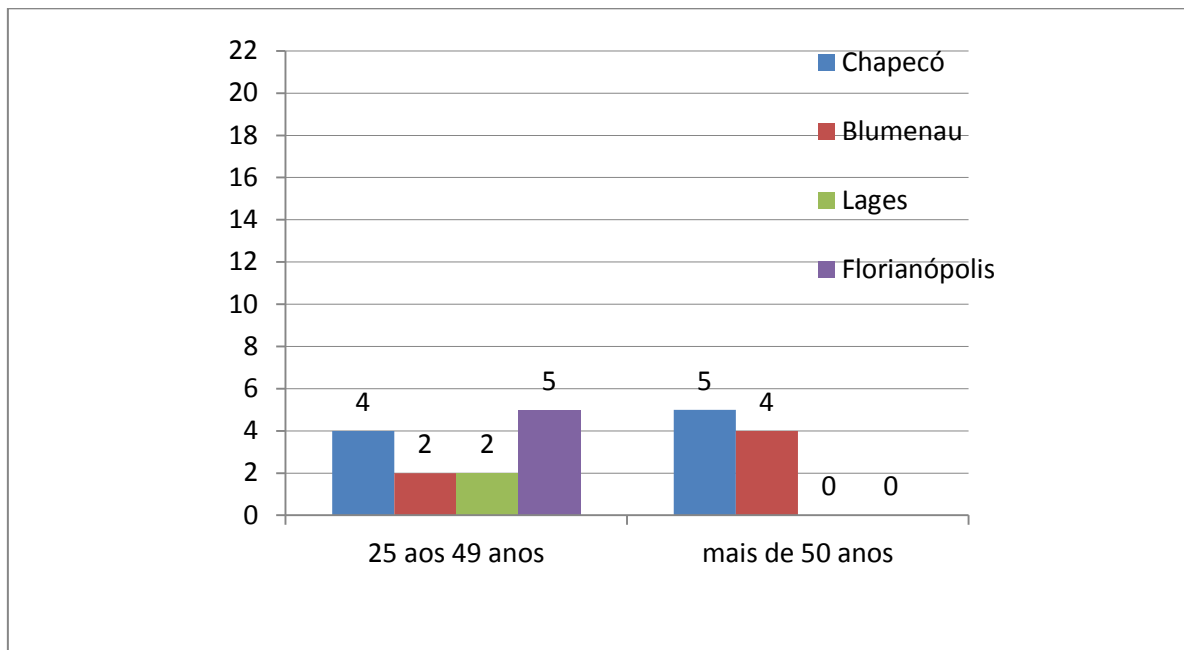
Fonte: a autora.

Na amostra de entrevistas do Banco de Dados VARSUL/SC, houve 22 ocorrências dos MDs. Houve 13 ocorrências do fenômeno entre os informantes mais jovens, idade entre 25 a 49 anos⁷⁰. Os informantes com mais de 50 anos apresentaram 9 ocorrências do MD. Dessa forma, é difícil atestar nossa hipótese, devido à quantidade de ocorrências e à proximidade dos resultados entre as duas faixas etárias.

Demonstramos, no próximo gráfico, a distribuição dos MDs segundo a idade dos informantes nas cidades da amostra do VARSUL/SC:

⁷⁰ Lembramos que no VARSUL/SC, a faixa etária dos mais jovens está entre os 25 a 49 anos, já no VMPOSC, o grupo dos mais jovens corresponde à idade entre 7 a 14 anos.

Gráfico 22 – Distribuição do uso dos MDs segundo a idade dos informantes nas cidades da amostra do VARSUL/SC



Fonte: a autora.

De um modo geral, de 22 dados, 13 informantes com idade entre 25 a 49 anos utilizaram os MDs, enquanto que 9 ocorrências foram registradas entre os informantes com mais de 50 anos nas cidades da amostra do Banco de Dados VARSUL/SC. Podemos verificar que o MD é utilizado em todas as cidades pelos informantes mais jovens, 25 a 49 anos, o que não ocorre para os informantes mais velhos, apresentando dados apenas nas cidades de Chapecó e Blumenau.

De um modo específico, em Chapecó, de 9 ocorrências dos MDs, 4 são de informantes mais jovens (25 a 49 anos) e 5 são de informantes de mais de 50 anos. Em Blumenau, de 6 ocorrências dos MDs, duas são de informantes mais jovens (25 a 49 anos) e 4 são de informantes de mais de 50 anos. Na cidade de Lages, verificou-se apenas ocorrências dos MDs entre os mais jovens (25 a 49 anos). Da mesma forma, em Florianópolis, das 5 ocorrências dos MDs, todas ocorreram entre os mais jovens (25 a 49 anos).

5.2.3 Gênero/sexo

De acordo com Chambers e Trudgill (2004, p. 61, 84)⁷¹, as mulheres tendem em média a usar mais variantes de alto status do que os homens. Segundo Freitag e Coan (2010 p. 179), amparando-se na perspectiva laboviana, “mulheres são mais sensíveis à correção e tendem a usar formas de prestígio mais do que fazem os homens”.

Conforme Labov (2010, p. 321, 347), as mulheres são mais sensíveis às formas de prestígio, talvez pelo fato de estarem mais tempo com as crianças:

Como inovadoras da maioria das mudanças linguísticas, elas espontaneamente criam diferenças entre elas mesmas e os homens. Adotando traços novos de prestígio mais rapidamente do que os homens e reagindo mais bruscamente contra o uso de formas estigmatizadas, as mulheres são novamente as líderes da diferenciação, respondendo mais rapidamente do que os homens a mudanças no status sociais de variáveis linguísticas. Homens seguem atrás com um menor grau de investimento nos valores sociais da variação linguística. (LABOV, 2001, p. 321)⁷²

Valle (2001) verificou que não existiu diferenças entre homens e mulheres quanto ao uso dos MDs por ela estudados.

Dal Mago (2001, p. 104), baseando-se nos estudos de Coan (1997), aponta que “[...] quando uma forma não é estigmatizada, a variável sexo pode não oscilar (ou oscilar pouco) de modo que homens e mulheres tendem a ter o mesmo comportamento linguístico.”

Não temos estudos na literatura sobre *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes no que tange ao uso da forma indicar prestígio ou estigma, mas o fato de considerarmos possível ainda a presença de traços de um pedido de permissão enfraquecido, pode torná-lo mais formal. Assim, podemos supor que o fenômeno será mais recorrente entre os informantes do gênero/sexo feminino.

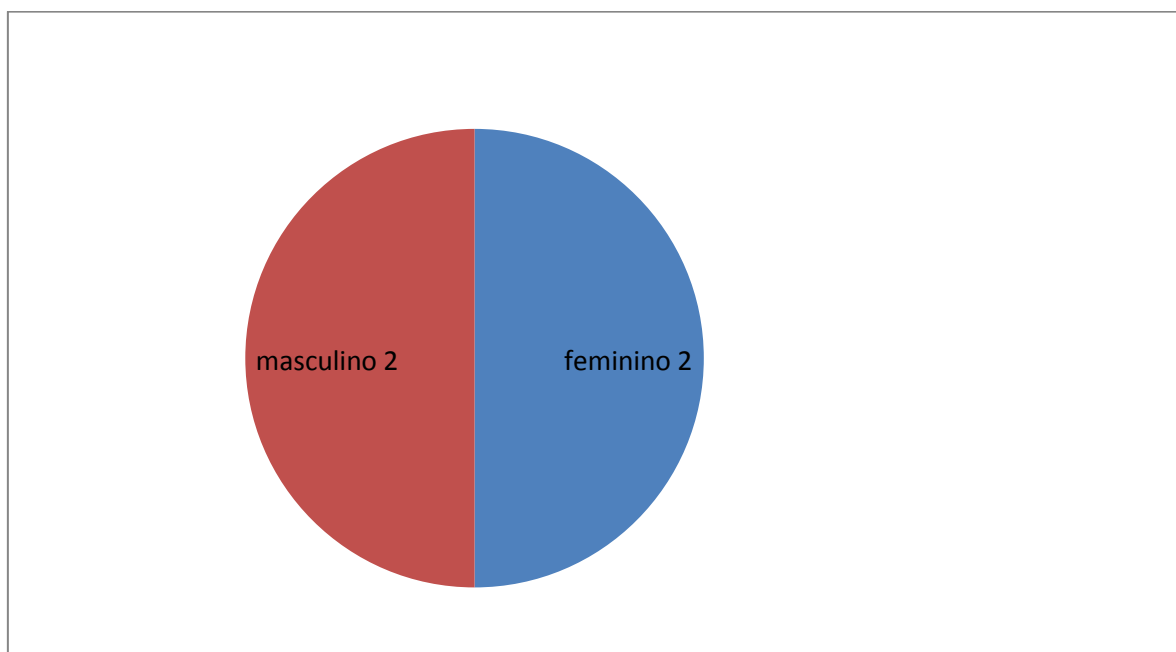
⁷¹ CHAMBERS J.K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Disponível em <<http://pt.slideshare.net/JokerThatNeverLaughs/studyingdialects-111024095707phpapp01>>. Acesso em: 23/04/2014.

⁷² As the innovators of most linguistic changes, they spontaneously create the differences between themselves and men. In adopting new prestige features more rapidly than men and reacting more sharply against the use of stigmatized forms, women are again the chief of differentiation, responding more rapidly than men to changes in the social status of linguistic variables. Men follow behind with a lesser degree of investment in the social values of linguistic variation. (LABOV, 2001, p. 321).

5.2.3.1 Resultados e discussão

Os gráficos a seguir ilustram a frequência de uso do fenômeno em relação ao sexo/gênero do informante. O primeiro gráfico expõe os resultados quanto ao uso dos MDs segundo o gênero/sexo dos informantes do projeto VMPOSC:

Gráfico 23 – Frequência de uso dos MDs segundo o gênero/sexo dos informantes da amostra do VMPOSC

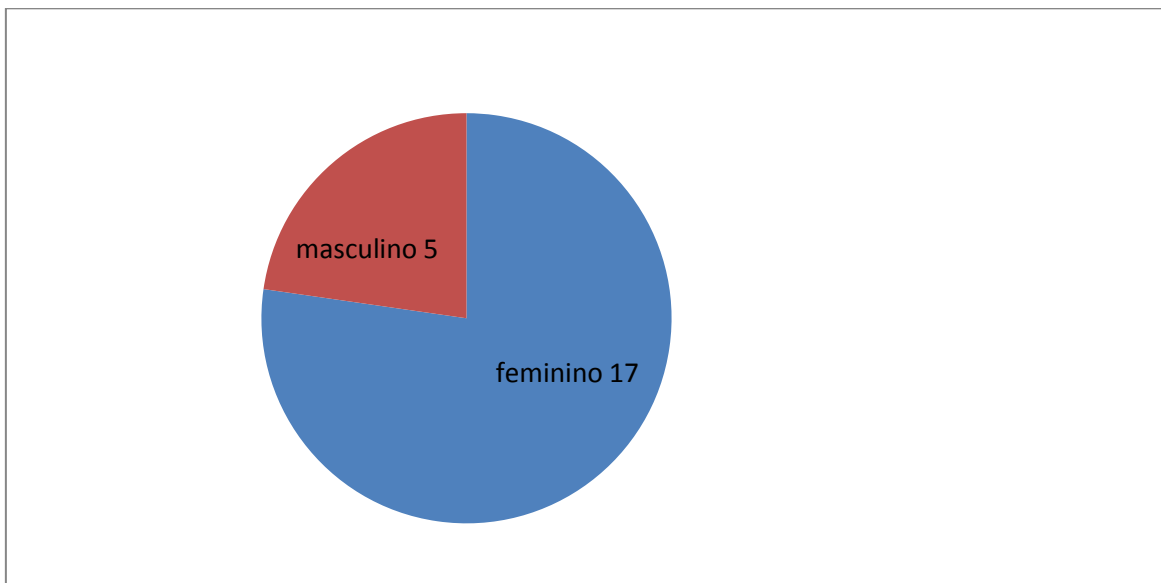


Fonte: a autora.

Nas entrevistas da amostra do projeto VMPOSC, observamos que não há diferença de uso quanto ao gênero/sexo do informante. Os informantes masculinos e femininos produziram duas ocorrências do fenômeno analisado. Devido à escassez de dados da amostra, é necessário que relativizemos o resultado.

A seguir, ilustramos no gráfico 24 a frequência de uso dos MDs em relação ao gênero/sexo dos informantes na amostra do Banco de Dados VARSUL/SC:

Gráfico 24 – Frequência de uso dos MDs segundo o gênero/sexo dos informantes da amostra do VARSUL/SC

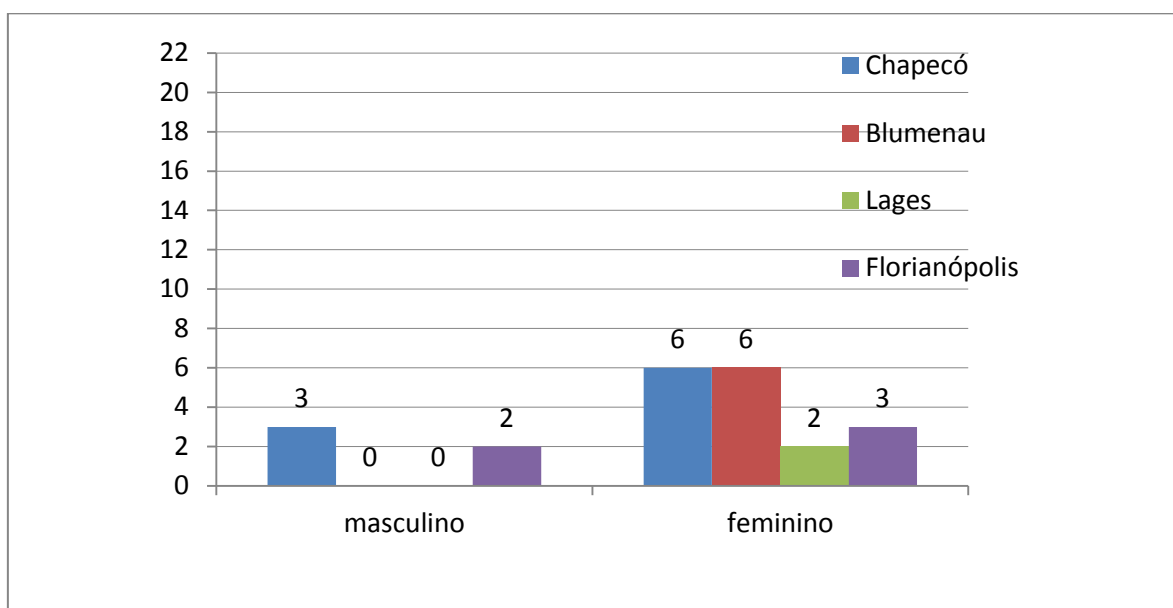


Fonte: a autora.

Na amostra de entrevistas do banco de dados VARSUL/SC, o gênero/sexo feminino apresentou 17 ocorrências enquanto que o gênero/sexo masculino apenas 5. Esse resultado pode indicar que as mulheres utilizam o MD com mais frequência, mas lembramos que a pouca quantidade de dados coletados não nos permite fazer uma afirmação.

No gráfico 25, apresentamos a distribuição dos MDs em relação ao gênero/sexo dos informantes nas cidades da amostra do VARSUL/SC.

Gráfico 25 – Distribuição do uso dos MDs segundo o gênero/sexo dos informantes das cidades da amostra do VARSUL/SC



Fonte: a autora.

De modo geral, observamos que o gênero/sexo feminino pode estar utilizando mais os MDs em estudo do que os homens, pois todas as cidades da amostra VARSUL/SC apresentam ocorrências dos MDs entre as mulheres.

De um modo específico, em Chapecó, de 9 ocorrências dos MDs, 3 são de informantes masculinos e 6 de informantes femininos. Em Blumenau, das 6 ocorrências dos MDs, todas foram registradas por informantes do gênero/sexo feminino. Na cidade de Lages, verificou-se apenas ocorrências dos MDs entre informantes do gênero/sexo feminino. Em Florianópolis, das 5 ocorrências dos MDs, 3 são de informantes femininos e dois são informantes masculinos.

5.2.4 Escolaridade:

Quanto mais alto o grau de escolaridade, maior é a tendência para que os informantes falem uma variedade mais monitorada. Conforme Freitag (2014 p. 135), ao correlacionar escolaridade e sequências discursivas, os informantes que já tiveram contato com a escolarização podem se policiar mais na fala e utilizar uma variedade mais formal, enquanto que aqueles que tiveram um contato escolar menor não teriam esta mesma atitude.

Segundo Tagliamonte (2005), que estuda o uso dos MDs em língua inglesa, aponta que os informantes adquirem MDs no 1º ciclo do ensino fundamental, os desenvolvem no 2º

ciclo do ensino fundamental, o usam em abundância no ensino médio⁷³ e quando chegam a um nível universitário declinam seu uso. Tagliamonte (2005) relata que o uso de MDs está correlacionada a um tempo específico da vida.

Valle (2001, p. 154) e Rost (2002) constataram, de uma maneira geral, a menor frequência de uso entre os mais escolarizados. Valle (2001, p. 155) ainda verificou que itens mais marcados passam a ser mais utilizados entre os mais escolarizados e itens menos marcados diminuem com o aumento da escolarização.

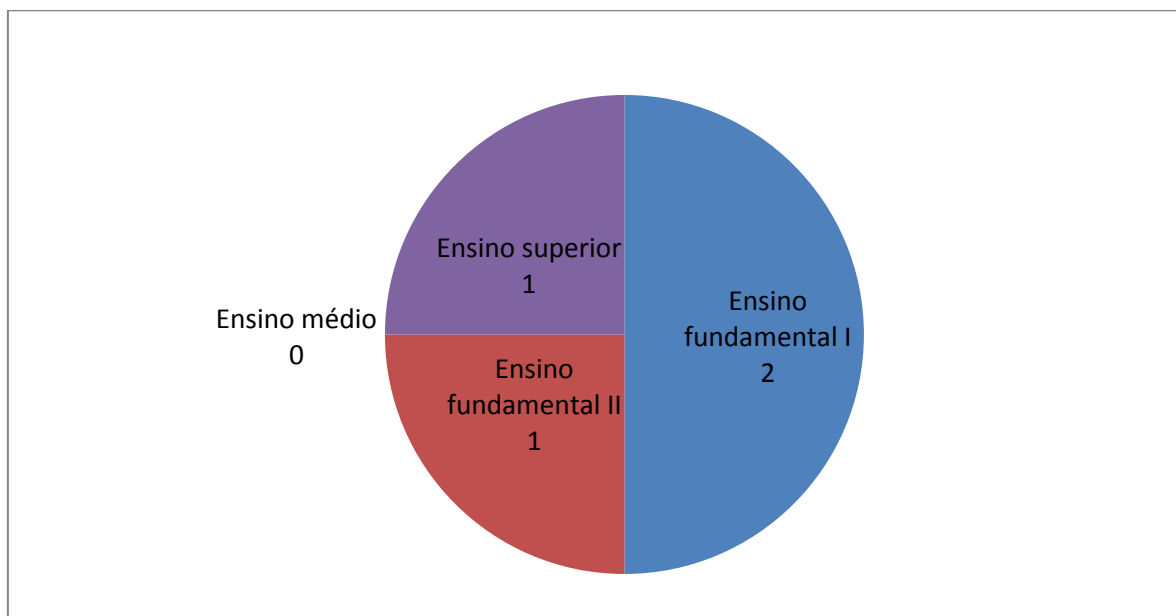
Portanto, de acordo com Freitag (2014) e Valle (2001), pensamos que os informantes mais escolarizados tendem a utilizar formas mais marcadas, enquanto que os menos escolarizados podem utilizar formas menos marcadas. Assim como na variável gênero/sexo, levamos em conta que *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes podem carregar traços de um pedido de permissão enfraquecido e acreditamos que este enfraquecimento pode levar o item estudado a ser considerado mais marcado. Dessa maneira, pensamos que é possível que os mais escolarizados utilizem mais os MDs investigados.

5.2.4.1 Resultados e discussão

Os gráficos demonstram a frequência de uso dos MDs quanto ao fator social escolaridade nas duas amostras. A seguir o gráfico 26 ilustra a frequência de uso dos MDs de acordo com a escolaridade dos informantes na amostra do VMPOSC:

⁷³ A pesquisa foi realizada no Canadá e, segundo o autor, a escolaridade foi dividida em: *primary school*, *middle school*, *secondary school* e *university*.

Gráfico 26 – Frequência de uso dos MDs segundo a escolaridade dos informantes da amostra do VMPOSC

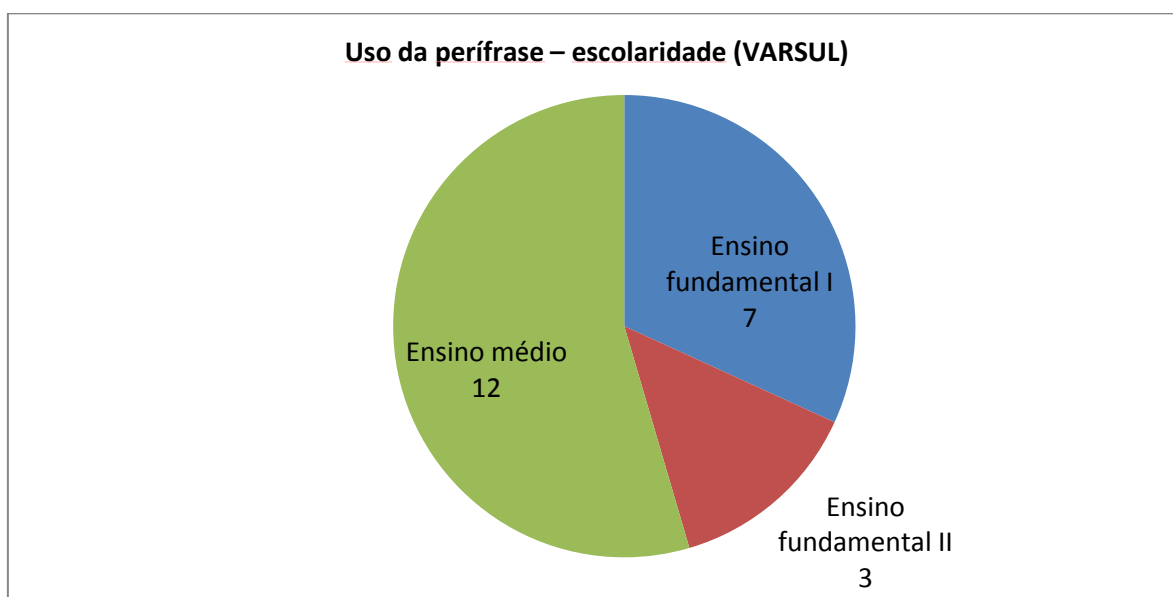


Fonte: a autora.

Os resultados das entrevistas da amostra do projeto VMPOSC apontam 4 ocorrências entre os informantes. Observamos que do total de 4 ocorrências, um informante do ensino superior usou um dado do item linguístico em análise, da mesma forma que um informante do ensino fundamental II, utilizou um dado. O ensino fundamental I apresentou duas ocorrências do MD. Como já apontado nos outros gráficos, os resultados aqui apresentados do projeto VMPOSC devem ser vistos com muita cautela, pois as entrevistas estão parcialmente coletadas.

O gráfico 27, demonstra a frequência do fenômeno em relação à escolaridade segundo a amostra de entrevistas do Banco de Dados VARSUL/SC:

Gráfico 27 – Frequência de uso dos MDs segundo a escolaridade dos informantes da amostra do VARSUL/SC



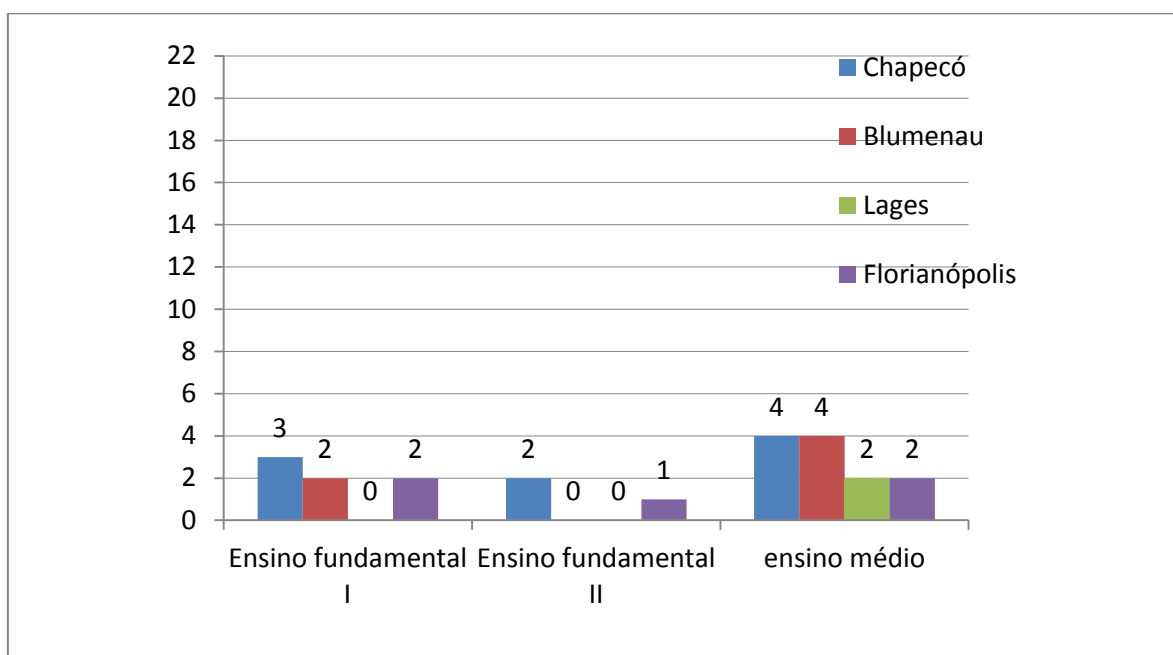
Fonte a autora.

Na amostra de entrevistas do Banco de Dados VARSUL, os informantes com ensino médio situam-se no grupo mais escolarizado⁷⁴. Os informantes com ensino médio produziram 12 ocorrências do fenômeno enquanto que os informantes do ensino fundamental I e II produziram 7 e 3 vezes respectivamente, totalizando 10 ocorrências. Assim, nossa hipótese não pode ser atestada, pois a quantidade de ocorrências e o resultado não nos permitem fazer uma afirmação.

O gráfico abaixo aponta a distribuição dos MDs segundo os diferentes níveis de escolaridade dos informantes das cidades da amostra do VARSUL/SC:

⁷⁴ Já no VMPOSC, o grupo mais escolarizado refere-se ao nível superior.

Gráfico 28 – Distribuição do uso dos MDs segundo escolaridade dos informantes nas cidades da amostra do VARSUL/SC



Fonte a autora.

De modo geral, constatamos que o nível de escolaridade ensino médio pode estar utilizando mais os MDs em estudo do que os níveis de escolaridade ensino fundamental I e II, pois todas as cidades da amostra VARSUL/SC apresentam ocorrências dos MDs entre os informantes com nível de escolaridade ensino médio.

De um modo específico, em Chapecó, das 9 ocorrências dos MDs, 4 são de informantes com nível de escolaridade ensino médio, seguido por 3 informantes que possuem ensino fundamental I e apenas dois informantes que possuem ensino fundamental II. Em Blumenau, das 6 ocorrências dos MDs, 4 foram produzidas por informantes com nível de escolaridade ensino médio e foram registrados dois informantes com nível de escolaridade ensino fundamental I. Na cidade de Lages, verificou-se apenas ocorrências dos MDs entre informantes com nível de escolaridade ensino médio. Em Florianópolis, das 5 ocorrências dos MDs, duas são de informantes que possuem ensino médio, duas são de informantes que possuem ensino fundamental I e uma informante com nível de escolaridade ensino fundamental II.

5.2.5 Cidade

O cuidado metodológico de verificar a ocorrência do fenômeno em diferentes cidades se torna fundamental, pois cada região pode ter características próprias e apresentar frequência de uso e contextos de uso distintos de MDs, assim como Dal Mago (2001, p. 98) propõe. Dessa forma, podemos perceber se existe uma distribuição homogênea ou não do fenômeno no estado de SC, através da presença ou da ausência dos MDs e de seus contextos nas cidades de Chapecó, Blumenau, Lages e Florianópolis.

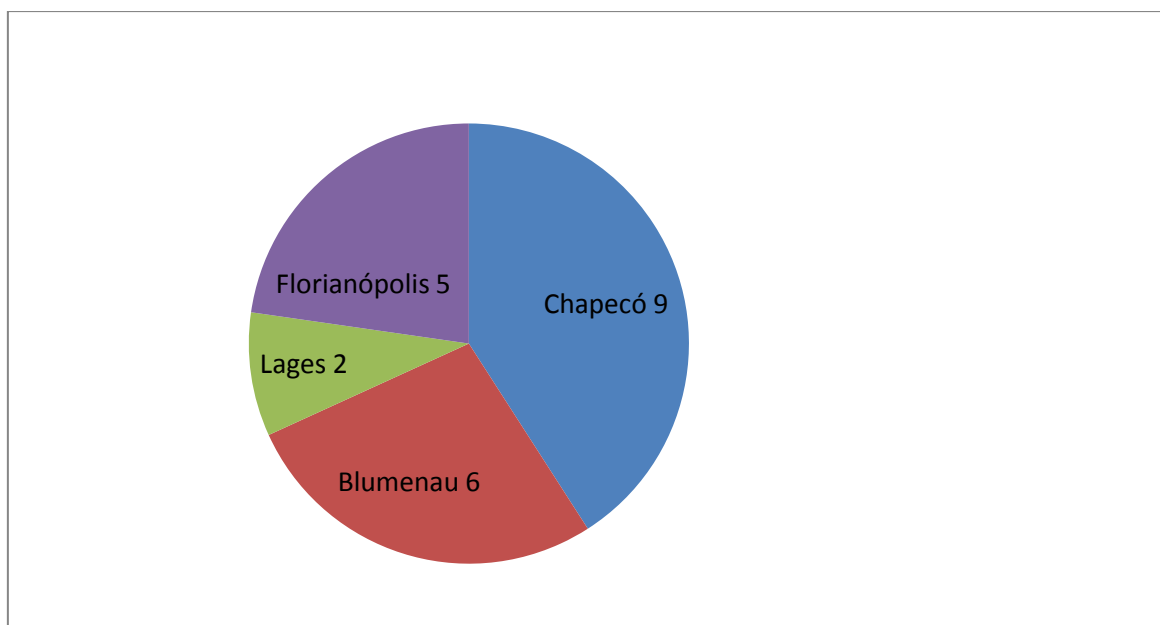
De acordo com Britain (2002 p.607) , nos anos 60, com o surgimento das pesquisas de Labov, o espaço geográfico não foi muito considerado por algumas pesquisas, as mudanças eram estudadas quantitativamente em relação a outros fatores sociais e linguísticos em uma única comunidade de fala. Através desta retomada histórica, o autor pontua a necessidade de relacionar o espaço geográfico com outros fatores para entender melhor como o item linguístico pode funcionar, dessa forma, apresentando evidências importantes para a análise.

Conforme Britain (2002) e Dal Mago (2001) ponderam, acreditamos que diferentes cidades podem produzir diferenças quanto aos MDs estudados em relação à frequência e aos contextos de uso. Segundo Snichelotto (2009), as cidades de Florianópolis, Lages e Chapecó apresentaram o uso dos MDs por ela investigados de maneira variável, a cidade de Blumenau foi a localidade em que informantes menos variaram o uso dos MDs. Nossa hipótese é que todas as localidades investigadas apresentem variantes dos MDs investigados.

5.2.5.1 Resultados e discussão

O gráfico mostra a frequência de uso dos MDs nas cidades investigadas nas amostras do VARSUL/SC:

Gráfico 29 – Frequência de uso dos MDs nas cidades da amostra do VARSUL/SC



Fonte: a autora.

Como podemos verificar no gráfico 29, Chapecó apresenta nove ocorrências, seguido por Blumenau com 6 ocorrências, em Florianópolis constatou-se 5 ocorrências e, por último, Lages com apenas duas ocorrências. Chapecó também apresenta maior número de variantes da forma do fenômeno, enquanto que as outras cidades apresentam apenas o uso do MD *deixa eu ver*. Chapecó apresentou duas ocorrências do grupo de *deixa eu pensar*, 3 do grupo de *deixa eu lembrar* e 4 de do grupo *deixa eu ver*. Devido a encontrarmos poucas ocorrências de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes, fica difícil atestar nossa hipótese.

Quanto à cidade e aos outros fatores investigados, já expusemos os resultados nas seções anteriores.

5.3 Fatores estilísticos

Nesta seção são apresentadas as características, hipóteses e resultados obtidos em relação aos fatores estilísticos: gênero/sexo do entrevistador.

5.3.1 Gênero/sexo do entrevistador

Desde os primeiros estudos de Labov, o estilo foi um dos fatores analisados, quando propõe que não existe falante de estilo único e sugere a busca pelo vernáculo, pois durante a

entrevista o informante pode prestar menos ou mais atenção à fala, a depender do seu envolvimento com as perguntas feitas (tópicos), a entrevista em si e o entrevistador.

Segundo Tavares (2011, p.4,) a entrevista sociolinguística é um procedimento facilitador na coleta de dados:

A entrevista sociolinguística é um gênero do domínio de um dos ramos da linguística, a sociolinguística variacionista, no âmbito dos procedimentos metodológicos de coleta de dados, uma vez que se trata de um gênero que foi intencionalmente elaborado com a finalidade, entre outras, de facilitar a obtenção de um grande número de dados de diferentes fenômenos variáveis. (TAVARES, 2011, p. 4).

Uma entrevista é composta de participantes, os quais podemos defini-los como o entrevistador e o informante, cada um contribuindo para que haja interação no exercício deste processo.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2011), a entrevista pode ser considerada corriqueira, como uma consulta entre médico e paciente, porém a entrevista também é assimétrica, pois existe uma relação de hierarquia entre entrevistador e informante, no qual o entrevistador assume o papel de líder da conversação, e o falante desenvolve as repostas de acordo com a mediação do entrevistador e dificilmente se recusará a responder. Nas palavras de Bortoni-Ricardo (2011, p. 245), “o entrevistador é o interagente dominante que detém mais controle sobre o discurso”. Dessa forma, poderá ocorrer uma convergência de fala em ambos os papéis, o entrevistador poderá assemelhar a sua fala com a do informante ou vice-versa. Por isso, é importante reiterar que o entrevistador deve estabelecer um ambiente agradável e de confiança, que seja propício para que a entrevista se torne a mais espontânea possível. Segundo Bybee (2003, p. 107), o ambiente casual e familiar proporciona a mudança ou a redução de um item, isto é, mudanças linguísticas ocorrem mais em falas casuais. Além disso, cuidados metodológicos como os entrevistadores e os informantes serem da mesma localidade - pertencerem ou terem origens na mesma região - é um fator a ser considerado, assim como entrevistas serem coletadas por dois entrevistadores, homem e mulher, isto é, se existirem dois informantes em cada célula, um entrevistado por um homem e outro entrevistado por uma mulher.⁷⁵

⁷⁵ No banco de dados do projeto “*Varição e Mudança Linguística no Português do Oeste de Santa Catarina*” esta preocupação foi levada em conta – sendo que os entrevistadores são da mesma região que os informantes e são entrevistados dois informantes em cada célula, um entrevistado por um homem e outro por uma mulher. Já no Banco de dados Varsul, apenas mulheres entrevistaram os informantes na cidade de Chapecó, dados que foram analisados para o fator estilístico.

O fato de um informante ser entrevistado por um homem ou uma mulher também pode implicar o uso de uma fala mais monitorada⁷⁶ ou não, a depender do gênero/sexo do entrevistador, pois acreditamos que o entrevistador influencia na escolha estilística do entrevistado (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 41), assim como o tema da entrevista. Segundo Bortoni-Ricardo (2005):

Na produção do estilo monitorado, o falante presta mais atenção à própria fala. Este estilo geralmente caracteriza-se pela maior complexidade cognitiva do tema abordado. Se o falante tiver maior grau de apoio contextual, bem como maior familiaridade com a tarefa comunicativa, poderá desempenhar-se no estilo monitorado com menor pressão comunicativa. A pressão comunicativa aumenta quando o apoio contextual é menor e a temática mais complexa. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 41)

Nossa hipótese está relacionada à influência que o sexo do entrevistador (masculino ou feminino) pode causar na forma como o informante usa a língua. Assim, se o informante é homem e o entrevistador também, a probabilidade de ocorrer a fala espontânea é maior, assim como para o sexo feminino, a informante mulher ser entrevistada por alguém do mesmo sexo.

De acordo com Marcuschi (1989), o uso de MDs é muito frequente na fala devido às funções interacionais e textuais desempenhadas, portanto supomos que, se o informante for entrevistado por alguém do mesmo gênero/sexo, a frequência de uso dos MDs em foco pode ser superior de quando é entrevistado por alguém de gênero/sexo diferente.

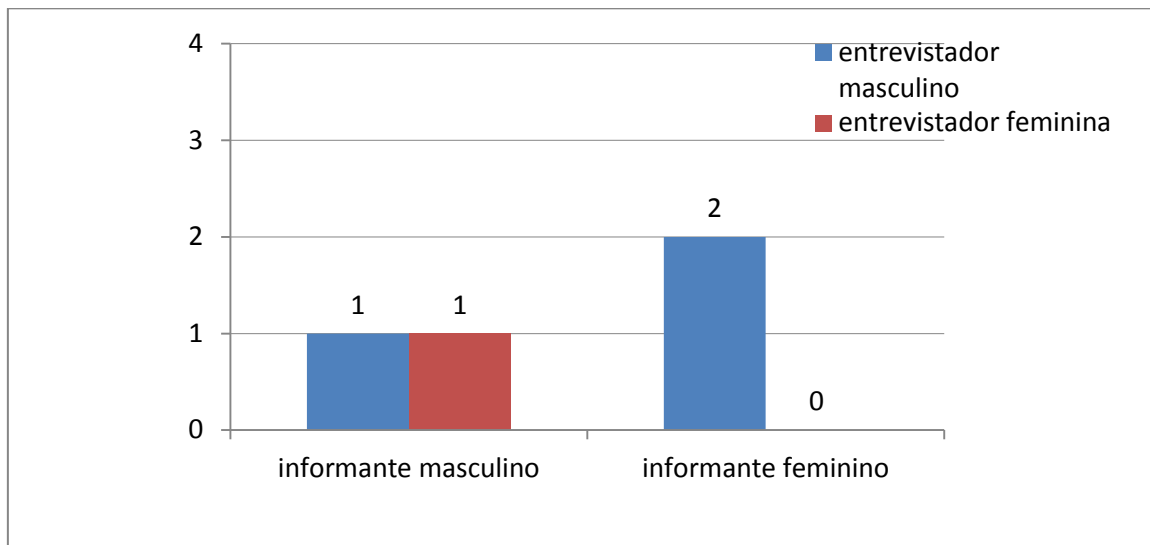
5.3.1.1 Resultados e discussão

A seguir, os gráficos apresentam a frequência de uso dos MDs pelos informantes em relação ao sexo/gênero do entrevistador nas duas amostras investigadas. É importante deixar claro que efetuamos a análise dos fatores estilísticos apenas para a cidade de Chapecó, com dados do VMPOSC e do VARSUL/SC.

O gráfico a seguir indica a frequência de uso dos MDs em relação ao gênero/sexo do entrevistador na amostra de entrevistas do projeto VMPOSC:

⁷⁶ A monitorização é, essencialmente, um processo que demanda maior atenção e planejamento. (BORTONI-RICARDO, 2005 p. 41).

Gráfico 30 – Frequência de uso dos MDs em relação ao gênero/sexo do entrevistador na amostra do VMPOSC

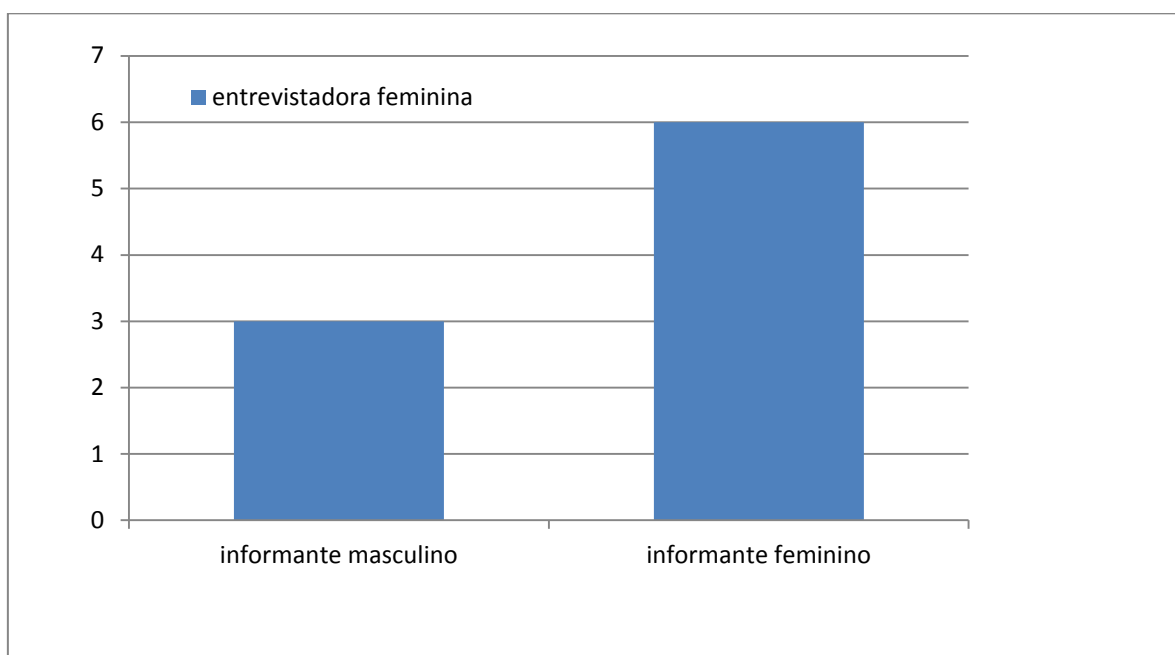


Fonte: a autora.

Na amostra de entrevistas do projeto VMPOSC podemos perceber que o sexo/gênero do entrevistador parece não influenciar o uso dos MDs, pois tanto homens quanto mulheres utilizaram os MDs independente de sexo/gênero do entrevistador. Foram analisadas 12 entrevistas, com 6 informantes do gênero feminino e 6 do gênero masculino em que 3 informantes produziram o item estudado. Os MDs foram produzidos uma vez por um informante masculino em uma entrevista realizada por uma entrevistadora feminina, e uma vez por um informante masculino em uma entrevista feita por um entrevistador masculino. Já a informante feminina utilizou duas ocorrências do item linguístico estudado em uma entrevista realizada por um entrevistador masculino. Dessa maneira, não conseguimos atestar nossa hipótese, pois as entrevistas estão sendo coletadas e necessitamos de mais dados.

O gráfico 31 ilustra a frequência de uso dos MDs quanto ao gênero/sexo do entrevistador na amostra de entrevistas do VARSUL/SC:

Gráfico 31 – Frequência de uso dos MDs em relação ao gênero/sexo do entrevistador na amostra do VARSUL/SC



Fonte: a autora.

Destacamos que os 24 informantes da amostra do VARSUL da cidade de Chapecó, 12 do gênero/sexo feminino e 12 do gênero/sexo masculino foram entrevistadas por mulheres. As informantes mulheres utilizaram 6 ocorrências e os homens 3. Percebemos que as informantes mulheres utilizaram mais MDs do que os homens, o que pode revelar uma provável influência do sexo/gênero do entrevistador na frequência dos itens. Nas entrevistas realizadas neste contexto, todos os entrevistadores eram do sexo/gênero feminino, acreditamos que isto pode ter influenciado nas escolhas linguísticas menos marcadas, mas ainda vale ressaltar que outros aspectos também são importantes como o ambiente da entrevista, entre outros, fazendo com que o informante se sinta mais ou menos à vontade. Porém, para podermos afirmar mais precisamente essa hipótese, requisitamos de análises mais detalhadas das entrevistas.

5.3.2 Considerações parciais dos fatores extralinguísticos

Apresentamos no gráfico, a seguir, uma síntese dos resultados quanto aos fatores linguísticos:

Quadro 28 – Resultados quanto ao predomínio dos fatores sociais e estilísticos nas duas amostras

Fatores sociais e estilísticos controlados	Predomínio de fatores sociais e estilísticos no Projeto VMPOSC	Predomínio de fatores sociais e estilísticos no Banco de Dados VARSUL/SC
Idade	7 – 14 anos	25 a 49 anos
Gênero/sexo	Feminino e masculino	Feminino
Escolaridade	Ensino fundamental	Ensino médio
Cidade	-	Chapecó apresentou uso de formas variantes
Gênero/sexo do entrevistador	Não se confirma	Pode ser confirmada

Fonte: a autora.

De acordo com os fatores sociais controlados, os resultados parecem apontar para que ambos os gêneros/sexos utilizam o fenômeno investigado de forma equivalente, já a idade que tende a apresentar mais frequência foi de 7 a 14 anos e no nível de escolaridade ensino fundamental, na amostra de entrevistas do projeto VMPOSC. Na amostra de entrevistas do Banco de Dados VARSUL/SC, o MD parece ser mais frequente entre o gênero/sexo feminino, na idade de 25 a 49 anos, no nível de escolaridade ensino médio. Nas cidades investigadas na amostra do VARSUL/SC, Chapecó parece utilizar mais variação no uso de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes, do que as outras cidades da amostra.

De acordo com os fatores estilísticos analisados, na amostra de entrevistas do projeto VMPOSC, ambos os gêneros/sexos utilizaram os MDs em entrevistas realizadas por entrevistadores femininos e masculinos. Na amostra de entrevistas do VARSUL/SC da cidade de Chapecó, o gênero/sexo feminino da entrevistadora pode ser uma possível explicação para o fato de as mulheres terem apresentado mais ocorrências de MDs.

6 A GRAMATICALIZAÇÃO de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes

Nesta seção tomaremos os resultados referentes aos fatores condicionadores como possível indício do processo de gramaticalização de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes.

Segundo o processo da gramaticalização (HEINE, 2003; HOPPER, 1987; TRAUGOTT, 1997; BYBEE, 2003) a língua muda constantemente e novos usos e formas surgem. Assim, podemos constatar o uso de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes em (61), (62) e (63):

(61)F – [...] A mamãe ela tinha horas pra tudo. Tanto [que] que ela [tinha] ela fazia tricô, ela costurava, e ela bordava (dirigindo-se ao interveniente) Sim? A chave do, acho que eu deixei meu passe.

F - (dirigindo-se ao interveniente) Tá! Qual é a do escritório?

F - (dirigindo-se ao interveniente) Ah, do escritório? **Deixa eu ver**. Tá. . Queres ver que as duas são iguais? É que eu deixei o passe lá.

F - (dirigindo-se ao interveniente) Essa aqui ó. . Tá? A mamãe, ela de manhã ela fazia tricô, de tarde [ela] [ela] ela costurava e de noite ela fazia outro [<borda>] um bordado, uma coisa assim diferente, entende? Pra não ficar sempre naquele ali e aborrecer, né? (VARSUL, SC FL 22).

(62)E – E tem quantos casados mesmo que a senhora falou?

F – **Deixa ver:** tem um em casa, dois, três, quatro, cinco, seis, seis casados.

E - Seis casados?

F - Seis, sete, oito, daí tem as outras duas meninas. Oito.

E – E todos tem filhos?

F – Não. (VARSUL, SC CHP 06)

(63)E – E os seus filhos assim quantos a senhora tem? Qual é o nome deles?

F – Olha, eu tenho 12 partos mas tenho 13 filhos, tenho gêmeos também.

E - E a senhora tem filhos gêmeos? Que bom! E qual é o nome deles?

F - Não, daí tem o Aldair que tu já conhece, tem o Irineu, que daí é o segundo filho, daí tem o Valdir. Me **deixa me (a)lembrar** o Valdir. Depois dele qual é que tem?

E – Não precisa ser na ordem.

F – Bom, depois do Valdir, daí tem o Dirceu, daí tem o Germa... , é daí tem o Dirceu. Depois tem os dois gêmeos, depois tem mais um guri, mais o Germano e daí tive, daí tive mais uma menina, que é a Zenaide, E depois daí, tive mais outra menina, que é a Ana Maria, depois tinha... tive mais outra menina, ali, aquela é falecida, aquela nasceu e logo faleceu. (VARSUL, SC CHP 06)

Na ocorrência (61) *deixa eu ver* é usado como uma forma de pedir permissão para visualizar algo em que *deixar* e *ver* permanecem com sentido de permitir e visualizar, respectivamente. Já na ocorrência (62), percebemos que *deixa ver* é usado como MD

mantenedor de turno e planejamento mental, mais especificamente em que o falante requer lembrar a quantidade de filhos que estão casados. A ocorrência (63) também apresenta o fenômeno *deixa me lembrar* como MD, o informante utiliza-o para recordar a ordem de nascença dos filhos.

Conforme Gonçalves, Longhin-Thomazi, Lima-Hernandes et al. (2007, p. 143), Martelotta, Votre e Cezário (2004) e Cezário, Gomes e Pinto (1996), *deixa eu ver* está em processo de gramaticalização. De acordo com Martelotta, Votre e Cezário (1996), a gramaticalização “designa um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. Portanto, *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes mudam de categoria e passam a atuar como MD em alguns contextos. Dessa maneira investigaremos quais variantes estão mais ou menos gramaticalizadas.

Segundo a perspectiva funcionalista, a trajetória de mudança na gramaticalização é espaço > tempo > texto. O uso do MD *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes, associado ao processo de gramaticalização, assume valor mais (intra)textual, como planejamento mental, e interacional, como manutenção de turno. Assim, os verbos perdem valor de aspecto, modo e tempo e ganham valor abstrato.

Conforme Martelotta (2011 p. 107) a extensão ou generalização de contextos, isto é, o “desenvolvimento de usos em novos contextos” é uma das tendências de itens que estão em processo de gramaticalização, ampliando seus sentidos. Martelotta (2011 p. 95) ainda apresenta como exemplo de gramaticalização a passagem de verbos plenos para verbos auxiliares, como o verbo *ter*, sentido de possuir, que passa a atuar como auxiliar em “Tenho feito o trabalho”. Já em Travaglia (2007, p. 17) “os verbos em gramaticalização perdem a possibilidade ou a capacidade de exprimir toda a gama de tempo, aspecto e modalidade. Além disso, a perda da possibilidade de exprimir certas categorias próprias do verbo é característica própria dos verbos em gramaticalização”.

Além disso, nos amparamos em Cezário, Gomes e Pinto (1996) que chamam de ressemantização o “processo que consiste na perda da significação lexical de uma forma e num consequente ganho de significação gramatical. A ressemantização é decorrente da abstratização do significado de uma forma e está presente em todo processo de gramaticalização” (CEZÁRIO, GOMES, PINTO, 1996).

A abstração (também chamada de metáfora), de acordo com Martelotta (2011, p. 110) é uma das motivações comunicativas que levam à gramaticalização e à mudança linguística.

Nos dicionários pesquisados Houaiss, Villar e Franco (2009) e Ferreira (2009) conferimos que *deixar* tem valores tanto concretos quanto abstratos, indicando um amplo contexto de uso. Como exemplo de valor concreto, podemos citar o significado sair como em “Deixar a sala” e para um valor mais abstrato, “Deixar saudades”, em que *deixar* significa causar. (FERREIRA, 2009).

Travaglia (2007, 2003) pontua que *deixar* está em processo de gramaticalização e indica algumas estruturas em que *deixar* é usado como auxiliar: *deixar + de + infinitivo* (indicando cessamento), *deixar + infinitivo* (indicando permissão) e *deixar* usado como verbo de ligação.⁷⁷

Silva (1999, p. 539) com base nos pressupostos de Heine (1993), aponta que “os auxiliares são produtos da gramaticalização e de forças cognitivas (metafóricas e metonímias) que nesta actúan”. Também aborda construções com *deixar*, como *deixar + de + infinitivo* e *deixar + infinitivo*, e propõe que estas construções se encontram em diferentes graus de gramaticalização, apresentando maior ou menor grau de abstração e de dependência sintática.

De forma semelhante, o verbo *ver*, nos dicionários analisados Houaiss, Villar e Franco (2009) e Ferreira (2009), contém em torno de 30 significados, indicando um vasto contexto de uso empregado como enxergar ou observar. Baseando-se em Rost (2002) e Snichelotto (2009), o verbo *ver* também possui características de abstração e de extensão de contextos de uso, o qual pode atuar como MD. Votre (2004) propõe um sentido mais abstrato para *ver* em *deixa eu ver*: “*Deixa eu ver* o que que tem mais no meu quarto...”

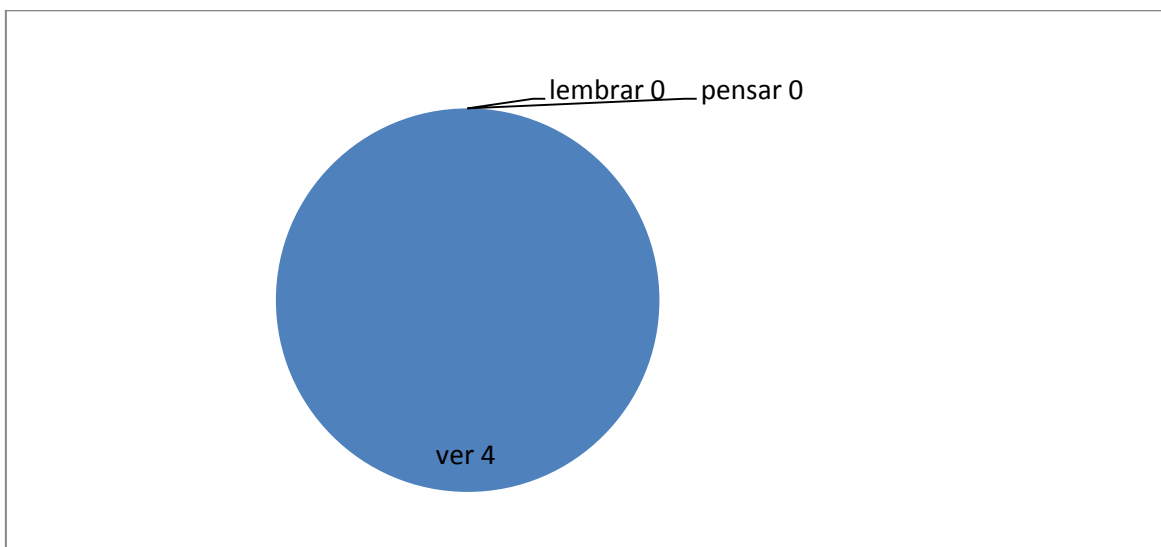
Já para os verbos *pensar* e *lembrar*, percebemos significados mais associados à cognição, pois já entram na língua portuguesa com sentidos mais cognitivos e, portanto, abstratos. Lembrando que Votre (2004), apresenta uma expansão de uso de *pensar* como verbo pleno para verbo emotivo/efetivo, em “... eu pensava que tinha ido bem agasalhado”.

A frequência dos itens também está relacionada ao processo de gramaticalização, segundo Bybee e Hopper (2001, p. 13), a frequência pode condicionar a mudança funcional. Houve 5 ocorrências com o MD formado com *pensar* e *lembrar*, já com *ver* foram obtidas 17 ocorrências nas duas amostras investigadas. Assim, o maior número de ocorrências obtidas de MDs foram com *ver*, indicando que o MD formado com *ver* pode estar mais gramaticalizado.

No gráfico 32 podemos perceber a frequência dos MDs com *lembrar*, *pensar* e *ver* na amostra de entrevistas do projeto VMPOSC:

⁷⁷ No apêndice B é possível encontrar exemplos de *deixar* como verbo auxiliar segundo Travaglia (2007).

Gráfico 32 – Frequência de uso dos MDs com *lembrar*, *pensar* e *ver* na amostra de entrevistas do projeto VMPOSC

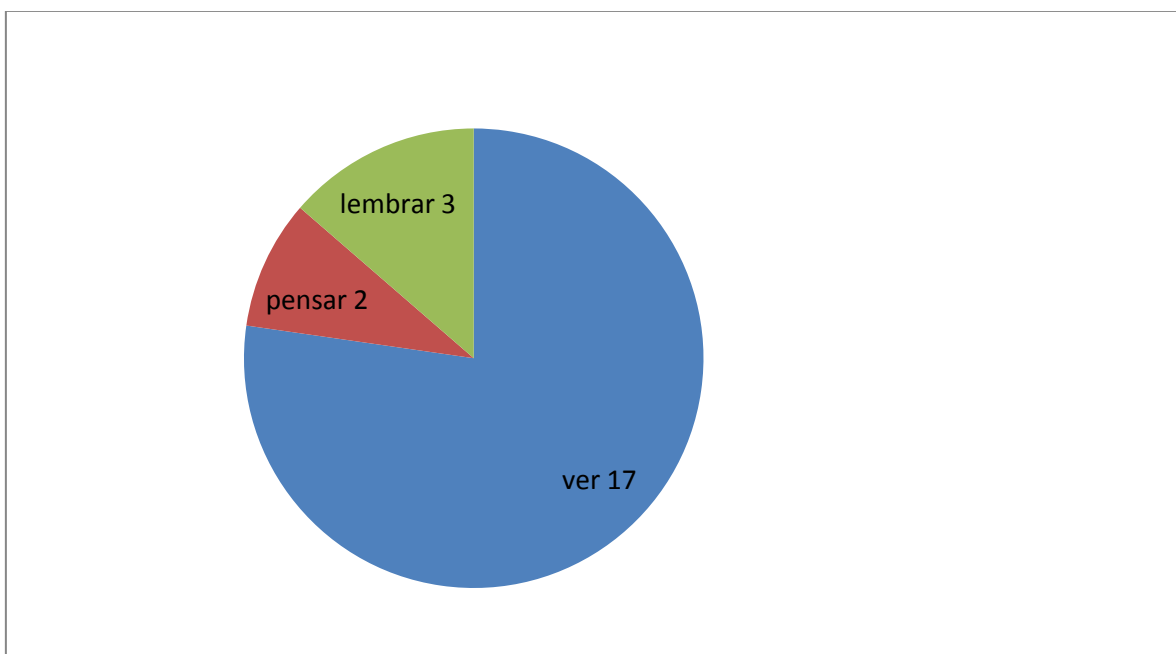


Fonte: a autora.

Neste gráfico, visualizamos a predominância de *ver* nas formas *deixa eu ver* e *dexovê*.

No gráfico seguinte, temos a frequência dos MDs com *lembrar*, *pensar* e *ver* na amostra do banco de dados VARSUL/SC:

Gráfico 33 – Frequência de uso dos MDs com *lembrar*, *pensar* e *ver* na amostra de entrevistas do Banco de dados VARSUL



Fonte a autora.

Na amostra do banco de dados VARSUL, conseguimos visualizar que *ver* apresenta mais frequência do que os MDs com *pensar* e *lembrar*.

A frequência também está associada à redução fonética de um item. Bybee e Hopper (2001, p. 17) pontuam que a mudança sonora afeta itens de maior frequência primeiro. Segundo Martelotta (2011, p. 114), “quanto mais frequente – e conseqüentemente mais previsível – em um determinado contexto é a informação transmitida por um elemento linguístico, mais ele tende a ter sua estrutura fonética reduzida, até por uma questão de economia”. Pelo fato do uso do MD ser mais recorrente com *ver*, a redução fonética, também chamada de erosão, foi encontrada apenas para o MD *deixa(e) eu ver*, como o uso sem o pronome em *deixa ver* e a junção dos itens em *dexovê*. A forma *dexovê* sofreu coalescência, “fusão de formas adjacentes” e condensação, “diminuição de forma” (MARTELOTTA, 2011, p. 109). Travaglia (2007) trata deste aspecto caracterizando-o como vinculação:

Quanto mais um verbo de uma perífrase está gramaticalizado, mais está vinculado, ligado, aderido, unido ao seu verbo principal. Quanto mais forte se torna este vínculo, podemos dizer que há maior integração entre os dois verbos, até o ponto de, no último estágio (Cf. estágio 7, proposto por Heine, 1993, p. 58-66) se tornarem um única palavra. (TRAVAGLIA, 2007, p. 7).

O MD *deixa eu dar uma pensada*, indica o constante processo de gramaticalização que ocorre na língua, pois segundo Castilho (2012, p. 447), as formas que seguem com um verbo no participípio estão mais gramaticalizadas do que as que são acompanhadas por um verbo no infinitivo. Dessa maneira, *dar uma pensada* une-se a outra forma no infinitivo, *deixa eu + infinitivo*, e aumenta seu contexto de uso.

Dessa forma, sugerimos o seguinte *continuum* para os MDs, do menos gramaticalizado, à esquerda, ao mais gramaticalizado, pois podemos deduzir que os MDs constituídos com *deixar* e *ver*, com ou sem ausência de pronome objeto/sujeito estão mais gramaticalizados que os MDs formados com *pensar* e *lembrar*, devido aos MDs apresentarem as seguintes características: frequência (BYBEE, HOPPER, 2001), redução fonética (BYBEE, HOPPER, 2001; MARTELOTTA, 2011) e enfraquecimento ou ganho de valor abstrato (TRAVAGLIA, 2007; CEZÁRIO, GOMES, PINTO, 1996; MARTELOTTA, 2011).

Quadro 29 – Gramaticalização dos MDs.

- gramaticalizados		+ gramaticalizados
deixa eu/me lembrar		deixa(e) eu ver
deixa eu pensar	>	deixa ver
deixa eu dar uma pensada		dexovê

Fonte: a autora.

Neste quadro, visualizamos que *deixa eu/me lembrar*, *deixa eu pensar* e *deixa eu dar uma pensada* estão menos gramaticalizados que *deixa eu ver*, *deixa ver* e *dexovê*. De acordo com as ocorrências analisadas nas duas amostras, ressaltamos que o uso dos pronomes objeto/sujeito variam na forma usada com *lembrar*, devido a sua regência, as demais utilizam apenas o pronome *eu* ou sem pronome explícito, no caso *deixa ver*.

6.1 Princípios de Hopper

Segundo Hopper (1991, apud GONÇALVES; CARVALHO, 2007), podemos verificar as seguintes etapas no processo de gramaticalização. Para a Estratificação, percebemos o surgimento ou coexistência de novas formas com as já existentes, assim há coexistência dos MDs: *deixa eu dar uma pensada*, *deixa eu pensar*, *deixa eu me lembrar*, *deixa me lembrar*, *deixa eu lembrar*, *deixe eu ver*, *deixa eu ver*, *deixa ver* e *dexovê*. Nas ocorrências (62) e (63) é possível intercambiar os MDs por qualquer uma das outras formas mencionadas.

(62) E - Como é que a senhora conheceu o seu marido, assim? Como que foi o namoro com ele?

F - Ele, **deixa eu ver**: foi numa festinha de aniversário. Até que foi o meu irmão (que) que era mais assim, amigos do meu irmão, né,? Então daí, teve umas meninas que a gente jogava vôlei junto. Então ela disse assim: "Ô, Irineu, leva a tua irmã hoje na na festinha. Daí o meu irmão disse assim, ah, ela não é muito de festinha ela não vai querer ir, né?... (VARSUL, SC CHP 09)

(63) E – E os seus filhos assim quantos a senhora tem? Qual é o nome deles?

F – Olha, eu tenho 12 partos mas tenho 13 filhos, tenho gêmeos também.

E - E a senhora tem filhos gêmeos? Que bom! E qual é o nome deles?

F - Não, daí tem o Aldair que tu já conhece, tem o Irineu, que daí é o segundo filho, daí tem o Valdir. Me **deixa me (a)lembrar** o Valdir. Depois dele qual é que tem?

E – Não precisa ser na ordem.

F – Bom, depois do Valdir, daí tem o Dirceu, daí tem o Germa... , é daí tem o Dirceu. Depois tem os dois gêmeos, depois tem mais um guri, mais o Germano e daí tive, daí tive mais uma menina, que é a Zenaide, E depois daí, tive mais outra

menina, que é a Ana Maria, depois tinha... tive mais outra menina, ali, aquela é falecida, aquela nasceu e logo faleceu. (VARSUL, SC CHP 06)

As ocorrências demonstram que existe coexistência entre as formas pesquisadas, como exemplo, na ocorrência (62) é possível usar *deixa me (a)lembrar* ao invés de *deixa eu ver*, o mesmo ocorre com (63) em que podemos substituir *deixa me (a) lembrar* por *deixa eu ver*.

Conforme o princípio da Divergência, fenômenos começam a atuar de forma diferente na língua, é o caso de *ver* que pode atuar como verbo de percepção ou de cognição, a depender do contexto de uso. Outro autor que também já pontuou sobre a divergência para o fenômeno investigado é Gonçalves, Longhin-Thomazi, Lima-Hernandes et al. (2007) em que *deixa eu ver* atua como um pedido de permissão para visualizar algo ou funciona como MD. Nas ocorrências (64) e (65) percebemos os dois contextos de usos:

(64)F – [...] A mamãe ela tinha horas pra tudo. Tanto [que] que ela [tinha] ela fazia tricô, ela costurava, e ela bordava (dirigindo-se ao interveniente) Sim? A chave do, acho que eu deixei meu passe.

F - (dirigindo-se ao interveniente) Tá! Qual é a do escritório?

F - (dirigindo-se ao interveniente) Ah, do escritório? **Deixa eu ver**. Tá. . Queres ver que as duas são iguais? É que eu deixei o passe lá.

F - (dirigindo-se ao interveniente) Essa aqui ó. . Tá? A mamãe, ela de manhã ela fazia tricô, de tarde [ela] [ela] ela costurava e de noite ela fazia outro [<borda>] um bordado, uma coisa assim diferente, entende? Pra não ficar sempre naquele ali e aborrecer, né? (VARSUL, SC FL 22).

(65)E- E como é que foi o caso desse taxista?

F - Olha, eu só sei dizer, que eu só escutei pelo jornal, pela rádio, né? de que [ele] ele pegou um cara, [um] uma pessoa pegou taxi no centro, na Rua Quinze, né? Acho que foi na João Pessoa , **deixa eu ver** aqui como é que é o nome da outra rua agora? João Pessoa e a outra é Floriano Peixoto, parece. [Agora] (VARSUL, SC BL 02)

Em (66), *deixa eu ver* é usado pelo informante que visualiza as chaves e as caracteriza como iguais, já em (64), o informante requer lembrar de um nome e, portanto, utiliza *deixa eu ver* como MD.

O aumento da frequência de uso está relacionado ao princípio da Especialização. Podemos perceber que o uso é recorrente para a forma estudada como MD e podemos dizer, sincronicamente, qual forma é mais frequente, mas não podemos afirmar que a frequência de uso dos MDs estudados aumentou, pois precisaríamos desenvolver uma pesquisa diacrônica. Para o MD com *ver* nota-se uma possível frequência de uso mais alta do que para os MDs usados com *pensar* e *lembrar*. Em (66), visualizamos a forma que parece ser a mais frequente:

- (66) F- Eu gosto [mas tem samba] mas tem samba falso, né? Aquele samba, uma coisa nata, né? está muito misturado demais. Quando é o Martinho da Vila, ou como é uma Alcione, aí já é uma coisa mais...
 E- Um samba canção, né? Assim, tu gostas mais disso, né? E comida, comida? Tu gostas de cozinhar, fazer pratos bem temperados ou não? Tu gostas que alguém faça?
 F- Eu prefiro fazer? **Deixa eu ver**, tu perguntaste [o] dos sonhos, no caso, né? É, eu queria ter uma academia e outra coisa, eu queria conhecer a Bahia, não sei se, acho que vou conhecer e eu queria ter um restaurante meu mesmo. Eu trabalhando e cozinhando.

O MD usado com *ver* parece ser o mais frequente nas duas amostras investigadas, nesta ocorrência o informante utiliza *deixa eu ver* em um contexto de prefeciação.

O princípio da Persistência ocorre quando o fenômeno mantém características da sua forma-fonte, o que pode ocasionar restrições sintáticas e semânticas. É o caso dos MDs que parecem atuar de forma mais livre no contexto de uso, isto é, tem mais independência sintática em comparação a aqueles que parecem ter menos independência sintática, atuando de forma um pouco diferente, mais restrita, devido ao complemento que os seguem. As ocorrências (67) e (68) ilustram:

- (67) E – E tem quantos casados mesmo que a senhora falou?
 F – **Deixa ver**: tem um em casa, dois, três, quatro, cinco, seis, seis casados.
 E - Seis casados?
 F - Seis, sete, oito, daí tem as outras duas meninas. Oito.
 E – E todos tem filhos?
 F – Não. (VARSUL, SC CHP 06)
- (68) F- (...) Mas foi minha sorte porque eu já que tenho problema [de] o meu caso, de problema não é que nem eu te disse: é uma questão de desenvolver, né,? Que o cara consegue. Nunca diga que tu não consegue.
 E- Lógico!
 F - Gravar as músicas, né? Se bem que é tudo macete, né? Tem umas coisas que eu não posso dizer aqui. **Deixa eu lembra** uma aqui que eu posso te dizer. É muito maroto aqueles ensaio lá. (hes) Tipo (hes) uma música um tom, daí no caso, eles colocam assim... (VARSUL, SC CHP 18)

Na ocorrência (67) percebemos que o item linguístico estudado está mais livre no turno de fala do que a ocorrência (68), pois não há complemento após *deixa ver*. Em (68) percebemos o uso do complemento “uma aqui que eu posso te dizer” que causa dependência sintática.

Também podemos ressaltar o caso de *lembrar* que requer pronome em sua regência, de acordo com a gramática normativa, dessa maneira, não foram encontrados ocorrências para

lembrar sem pronomes, mantendo características e causando restrições de uso. Em (71), apresentamos o uso de *deixa me lembrar*:

- (69) E – E os seus filhos assim quantos a senhora tem? Qual é o nome deles?
 F – Olha, eu tenho 12 partos mas tenho 13 filhos, tenho gêmeos também.
 E - E a senhora tem filhos gêmeos? Que bom! E qual é o nome deles?
 F - Não, daí tem o Aldair que tu já conhece, tem o Irineu, que daí é o segundo filho, daí tem o Valdir. Me **deixa me (a)lembrar** o Valdir. Depois dele qual é que tem?
 E – Não precisa ser na ordem.
 F – Bom, depois do Valdir, daí tem o Dirceu, daí tem o Germa... , é daí tem o Dirceu. Depois tem os dois gêmeos, depois tem mais um guri, mais o Germano e daí tive, daí tive mais uma menina, que é a Zenaide, E depois daí, tive mais outra menina, que é a Ana Maria, depois tinha... tive mais outra menina, ali, aquela é falecida, aquela nasceu e logo faleceu. (VARISUL, SC CHP 06)

A ocorrência (69) ilustra *lembrar* usado com pronome átono, também foram encontradas as variantes: *deixa eu lembrar* e *deixa eu me lembrar*.

Deixar também parece manter algumas características de seu sentido de origem, pois *deixar* sugere que o falante, ao utilizá-lo, requer, ou melhor, pede um tempo para pensar e continuar falando, indicando perda parcial de seu valor verbal. Assim, o MD perde parcialmente valor de aspecto, modo e tempo relacionado ao verbo e ganha valor abstrato para atuar na função (intra)textual e interacional – planejar o pensamento e organizar a fala para continuar se comunicando, além de manter o turno de fala para si.

De acordo com o princípio da Descategorização, um item perde uma determinada função e adquire uma nova, percebemos através da gramaticalização que o fenômeno passa também a atuar como MD, mas outras formas coexistem, não estando totalmente gramaticalizados, mas em processo de gramaticalização.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação nos permitiu descrever e analisar, baseada em uma perspectiva funcionalista, os usos de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes em diferentes localidades no estado de Santa Catarina a partir de amostras de entrevistas do Banco de Dados VARSUL/SC e do projeto VMPOSC. Infelizmente, devido à escassez de dados encontrados, não conseguimos realizar um estudo sociofuncionalista e pelo mesmo motivo reiteramos a importância dos resultados serem relativizados.

Mesmo assim, foi possível identificar contextos de uso em que os MDs *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes atuam, a saber: enumeração, exemplificação, especificação, parênteses, prefaciação e interrupção de resposta, além da macrofunção manutenção de turno e planejamento mental definidas para o MD.

Quanto aos fatores linguísticos verificados, existe uma tendência para o grupo *deixa eu ver* e variantes ser mais frequente nas duas amostras analisadas, prevalecendo o preenchimento de pronome objeto/sujeito. A posição em que os MDs mais ocorreram foi a inicial, o que pode indicar que os MDs estão se especializando nesta posição. Outro fator analisado foi a independência sintática de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes, em que há uma propensão para os MDs apresentarem-se mais independentes sintaticamente. As sequências discursivas mais recorrentes para os itens investigados foram as de descrição e narração. A única cidade que mostrou mais tendência à variação é Chapecó, onde foram encontradas ocorrências com o uso de variantes com *lembrar* e *pensar*, Chapecó também mostrou um maior uso do fenômeno em comparação com Blumenau, Lages e Florianópolis.

Em relação aos aspectos sociais, propomos um possível perfil de informante que mais utiliza *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes: gênero/sexo feminino, com idade entre 25 a 49 anos e nível de escolaridade ensino médio para a amostra de entrevistas do Banco de Dados VARSUL/SC. Já na amostra de entrevistas do projeto VMPOSC, conferimos que gênero/sexo feminino e masculino utilizam os MDs, é maior a frequência entre crianças de 7 a 14 anos e nível de escolaridade ensino fundamental. Lembramos que pelo fato de verificarmos apenas 26 ocorrências nas duas amostras VMPOSC e VARSUL, não foi possível confirmarmos nossas hipóteses quanto aos fatores investigados. Também frisamos a importância de pesquisar os fatores sociais, pois o funcionalismo considera a fala em situação real.

E em relação ao fator estilístico, o qual merece um melhor desenvolvimento posterior, analisamos apenas a cidade de Chapecó. Na amostra de entrevistas do VARSUL/SC, observamos que todas as entrevistadas foram realizadas por mulheres e o gênero/sexo feminino utilizou mais os MDs estudados, portanto, indicando uma possível explicação para o fato de as informantes do gênero/sexo feminino apresentarem mais ocorrências dos MDs. Para o projeto VMPOSC, não percebemos o mesmo resultado, pois tanto o gênero/sexo feminino quanto o gênero/sexo masculino usaram o fenômeno com entrevistadores de ambos os gêneros/sexos.

Destacamos o fato de *deixa eu ver*, *deixa eu pensar* e *deixa eu lembrar* e variantes atuar como MD, em que os verbos *deixar*, *ver*, *pensar* e *lembrar* enfraquecem ou perdem valor verbal e passam a atuar como MD de maneira interacional e (intra)textual, principalmente em relação ao verbo *deixar* que passa de verbo causativo a MD, título da dissertação. Assim, propomos o seguinte *continuum* para os itens em análise, nos amparando na frequência de uso, na redução fonética e no enfraquecimento verbal ou ganho de valor abstrato dos MDs: *deixa eu dar uma pensada*, *deixa eu pensar*, *deixa eu me lembrar*, *deixa me lembrar*, *deixa eu lembrar* estão menos gramaticalizados que *deixa(e) eu ver*, *deixa ver* e *dexovê*. É importante observarmos que a frequência de uso de *deixa(e) eu ver*, tornou-o uma única sequência como *dexovê* e ocorrências foram encontradas na amostra de entrevistas do projeto VMPOSC.

Ressaltamos a importância de um estudo diacrônico, o qual estimula a continuação do estudo. Além de pesquisar se o pronome aparece em outras posições, como antes de *deixar* em *me deixa ver/pensar/lembrar* ou se existem mais ocorrências de *deixe eu ver/pensar/lembrar* e, também, de verificar se os MDs apresentam alguma redução fonética, como a perda da consoante r e da vogal i em *deixar* tornando-se *dexa* ou a perda da consoante r no final de *ver* para *vê*, de *pensar* para *pensa* e de *lembrar* para *lembra*. Ademais, ainda nos indaga precisar qual MD se encontra mais gramaticado *deixa eu pensar* e variantes ou *deixa eu lembrar* e variantes.

Ainda observamos que permanece a curiosidade em buscar mais ocorrências em outras amostras de entrevistas para definir os MDs como variantes de uma mesma variável. Dessa forma, acreditamos que um dos contextos em que o item investigado pode apresentar mais frequência de uso é o ambiente escolar ou universitário, pois esses locais propiciam o planejamento mental e a manutenção de turno.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Jeferson da Silva. **A expressão variável do imperativo nas tiras do “Menino Maluquinho”**. In: Caderno Seminal Digital – Vol. 6 – nº 6 – (Jul/Dez-2006). Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BANCO DE DADOS VARSUL. In: VARIACÃO LINGUÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL. **Banco de dados** [2014?]. Disponível em: <<http://www.varsul.org.br>> Acesso em 26/09/2014.
- BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social**. São Paulo: Loyola, 2001
- BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BECHARA, Enivaldo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade – estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRITAIN, David. Space and Spatial Diffusion. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. **The handbook of Language Variation and Change**. USA: Blackwell Publishing, 2002.
- BYBEE, Joan. HOPPER, Paul. **Frequency and emergence of Linguistic structure**. USA: John Benjamins B. V.,2001.
- BYBEE, Joan. Mechanisms of Change in Grammaticization: The role of Frequency. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. **The Handbook of Historical Linguistics**. USA: Blackwell Publishing, 2003.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.) **Português culto falado no Brasil**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1989.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- CEZÁRIO, Maria Maura; GOMES, Rosa Lucia Rosa; PINTO, Deise Cristina de M. Integração entre cláusulas e gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura. **Gramaticalização no português do Brasil: uma**

abordagem funcional. Rio de Janeiro: UFRJ – Grupo de Estudos Discurso e Gramática, 1996.

CHAMBERS J.K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology.** Cambridge University Press, 2004. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/JokerThatNeverLaughs/studyingdialects-111024095707phpapp01>>. Acesso: 23/04/2014.

COAN, Márluce. **Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, UFSC, 1997.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs). **Linguística Funcional teoria e prática.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DAMASCENO, Alex Ferreira. Da imagem-lembrança à Imagem-recordação. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2011/resumos/R26-0278-1.pdf>>. Acesso em 17/11/2014.

DAL MAGO, Diane. **Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização.** 2001. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos Pré-Saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). **Introdução a linguística.** São Paulo: Editora Cortez, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 5ª ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Marcadores Discursivos não são vícios de linguagem!** [S.I.]: Interdisciplinar. V.4, N. 4 – p.22-43 – Jul/Dez de 2007.

FREITAG, Raquel Meister Ko; COAN, Márluce. **Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino.** [S.I.]: Revista Eletrônica de Linguística, Volume 4, - nº 2 – 2º Semestre 2010 - ISSN 1980-5799.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes (orgs). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise.** Florianópolis: Editora Insular, 2014

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina et al (orgs). **Introdução a Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de Gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria

Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina et al (orgs). **Introdução a Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta; LIMA-HERNANDES, Maria Célia et al (orgs). Estudos de caso. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina et al (orgs). **Introdução a Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GÖRSKI, Edair Maria. **Variação no uso do infinitivo pessoal**. Florianópolis: UFSC, 1998. (Relatório de pesquisa). Disponível em <<http://seer.dev.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30198>>. Acesso em 12/06/2014.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. **The Handbook of Historical Linguistics**. USA: Blackwell Publishing, 2003.

HOPPER, Paul. **Emergent Grammar**. [S.I.]: Berkeley Linguistics Society, vol. 13 (1987), 139-157.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa** – com a nova ortografia da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Funções textuais-interativas dos parênteses. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org). **Gramática do Português Falado – volume VII: Novos estudos**. Campinas: Unicamp, 2002.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **Principles of linguistic change – social factors**. USA: Wiley-Blackwell, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores Conversacionais do Português Brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.) **Português culto falado no Brasil**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1989.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil uma abordagem funcional**. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Grupo de Estudos *Discurso e Gramática*. Rio de Janeiro, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização em operadores argumentativos. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil uma abordagem funcional**. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Grupo de Estudos *Discurso e Gramática*. Rio de Janeiro, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; SILVA, Lucilene Rodrigues da. Gramaticalização de *então*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura

(orgs). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: UFRJ – Grupo de Estudos Discurso e Gramática, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MARTINS, Lauriê Ferreira; LACERDA, Patrícia F. Amaral da Cunha. Marcadores discursivos dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver”: uma análise a partir da Sociolinguística Variacionista. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos** – (55.2), Campinas, Jul./Dez. 2013.

MARTINS, Ladigenia Tereza. **Bom e Bem e suas multifunções na fala da região sul do Brasil**. 2003. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos. In: CRHISTIANO, Maria Elizabeth A.; SILVA, Camilo Rosa; HORA, Demerval da (orgs). **Funcionalismo e Gramaticalização: teoria, análise e ensino**. João Pessoa: Ideia, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2011.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (org). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

RISSO, Mercedes Sanfelice. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org). **Gramática do Português Falado – volume VII: Novos estudos**. Campinas: Unicamp, 2002.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; URBANO, Hudinilson. Traços definidores dos Marcadores Discursivos. In: JUBRAN, Clélia Cândica Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (orgs). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil - Construção do texto falado I**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

ROST, Cláudia Andrea. **OLHA e VEJA: multifuncionalidade e variação**. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SCHIFFRIN, Deborah. Discourse Markers: Language, Meaning, and Context. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. **The Handbook of Discourse Analysis**. MA: Blackwell Publishing, 2010.

SILVA, Augusto Soares de. **A semântica de deixar: Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical**. [S.I.]: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 1999.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; MACEDO, Alzira Tavares de. **Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais**. [S.I.: s.n.], 1996. p. 11-49.

SNICHELOTTO, Cláudia Andrea Rost. **“Olha” e “vê”:** caminhos que se entrecruzam. 2009. 408 f. Tese de doutorado (Programa de Pós Graduação em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SNICHELOTTO, Cláudia Andrea Rost; Görski, Edair Maria. **(Inter)subjetivização de Marcadores Discursivos de base verbal: instâncias de gramaticalização**. Alfa, São Paulo, 55 (2): 423-455, 2011.

SNICHELOTTO, Cláudia Andrea Rost. Correlação entre sequências discursivas e marcadores discursivos de base verbal: um caso de variação estilística ou de motivação semântico-pragmática? In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes (orgs). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1998.

TAGLIAMONTE, Sali. *So who? Like how? Just what? Discourse markers in the conversations of Young Canadians*. Canada: Journal of Pragmatics, Elsevier, 2005.

TAVARES, Maria Alice. **Um estudo variacionista de *aí, daí, então e e* como conectores sequenciadores retroativopropulsores na fala de Florianópolis**. 1999. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

TAVARES, Maria Alice. **Variação Estilística no gênero “Entrevista sociolinguística”: os conectores *e, aí e então* em narrativas de experiência pessoal e relatos de opinião**. In: VI SIGET - Simpósio Internacional de Gêneros Textuais, 2011, Natal - RN. Anais. Natal - RN: UFRN, 2011. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Maria%20Alice%20Tavares%20\(UFRN\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Maria%20Alice%20Tavares%20(UFRN).pdf) >. Acesso em: 28/08/2014.

TRAUGOTT, Elizabeth C. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Department of Linguistics, Stanford University, CA 94305-2150, U.S.A, 1997.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Constructions in Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. **The Handbook of Historical Linguistics**. USA: Blackwell Publishing, 2003.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A gramaticalização dos verbos *passar e deixar***. In: Revista da ABRALIN, v. 6, n. 1, p.9-60, jan./jun. 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. “Verbos gramaticais – Verbos em processo de gramaticalização”. In FIGUEIREDO, Célia Assunção; MARTINS, Evandro Silva, TRAVAGLIA, Luiz Carlos e MORAES FILHO, Waldenor Barros. (orgs.). **Língua(gem): reflexões e perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, 2003: 97-157.

URBANO, Hudinilson; SILVA, Giselle Machline de O.; RISSO, Mercedes Sanfelice. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. **Gramática do português falado: desenvolvimentos**. Campinas: Unicamp, 1996.

URBANO, Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org). **Gramática do Português Falado – volume VII: Novos estudos**. Campinas: Unicamp, 2002.

URBANO, Hudinilson. Marcadores Discursivos basicamente interacionais. In: KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça; JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi (orgs). **Gramática do português culto falado no Brasil – construção do texto falado I**. São Paulo: Unicamp, 2006.

VALLE, Carla Regina Martins. **Sabe? Não tem? Entende? Itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo**. 2001. 183 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

VOTRE, Sebastião Josué. Integração sintática e semântica na complementação verbal. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.

APÊNDICE A – Sentidos do verbo deixar

Quadro 1 – Verbo *deixar* em Ferreira (2009).

1. sair de, afastar-se, retirar-se. Ex. Deixar a sala.	2. separar-se, apartar-se de. Ex. Deixar os companheiros.	3. ausentar-se Ex. Deixar a pátria.
4. sair de, desviar-se. Ex. Deixar a estrada principal.	5. não continuar a reter, não conservar mais, largar, soltar. Ex. Deixar a presa.	6. abandonar, desprezar. Ex. Deixar a mulher.
7. desistir de, renunciar a. Ex. Deixar honrarias.	8. pôr de parte, não considerar, esquecer, abstrair. Ex. Deixemos este ponto de questão.	9. afastar, arredar, desviar, repelir. Ex. Deixe esses devaneios bobos.
10. não obstar, permitir, consentir. Ex. Deixou que o apanhassem.	11. adiar, delongar Ex. Deixemos por enquanto este negócio	12. Dar (como lucro ou proveito) Ex. O empreendimento deixou pouco dinheiro.
13. largar, abandonar, exonerar-se, demitir-se. Ex. Deixar o emprego.	14. não referir, omitir. Ex. Deixar os pormenores.	15. desabituar-se. Ex. Deixar o vício do jogo.
16. ser despojado de, perder. Ex. A planta deixa as suas folhas.	17. desertar de, abandonar, abjurar. Ex. Deixar o partido.	18. transmitir, comunicar, imprimir, infundir. Ex. O prato deixou um sabor picante.
19. Causar, ou transmitir, ao ausentar-se ou morrer. Ex. Deixar saudades.	20. transmitir como legado. Ex 1. Morreu, deixando uma fortuna	21. transmitir como legado. Ex 2. “O modernismo como revolução não deixou monumentos literários” (Hélio Polvora, <i>A Força da Ficção</i> , p. 15).
22. tornar possível, facultar. Ex. O nevoeiro mal deixava enxergar o caminho.	23. ser a causa ou motivo de, causar, provocar. Ex. O furacão deixou várias vítimas.	24. adiar, pospor. Ex. A família deixou o enterro para o dia seguinte.
25. suspender, parar. Ex. Deixarei minhas atividades em novembro 26.	26. pôr, colocar. Ex. Deixou o envelope no balcão.	27. fazer que fique. Ex. Deixou o irmão em casa.
28. fazer que fique Ex. deixei-o alegre.	29. instituir, constituir, nomear. Ex. O avô deixou-o por herdeiro.	30. deixar só abandonar, desamparar Ex. A mãe deixou-o pequeno.
31. Cessar, desistir Ex. porque deixou de estudar?	32. fugir a, evitar. Ex. não posso deixar de agir assim.	33. transmitir, legar. Ex. O pai deixou-lhe uma casa.
34. por a disposição, ceder. Ex. Deixou-me o seu lugar.	35. não privar, não despojar. Ex. “Levai o que me mata ou me invalida, / Mas deixai-me a saudade, que esta vida / Só bem se vive morto de saudade”. (Luís Carlos, <i>Colunas</i> , p.113).	36. cessar, desistir, abster-se Ex. Deixe-se de palavras e procure agir.

37. separar-se, apartar-se. Ex. Viveram anos juntos, sem nunca se deixarem.	38. resistir, consentir, permitir. Ex. Deixar-se prender.	
---	--	--

Fonte: adaptado de Ferreira (2009, p. 649-650).

Quadro 2 – Verbo *deixar* em Houaiss, Villar e Franco (2009).

1. mover-se para fora de; sair, retirar-se (deixar a casa, o quarto)	2. cessar de pertencer a; afastar-se, demitir-se (deixar a empresa)	3. separar-se (de); desamparar; abandonar a convivência (com) (deixar a esposa) (apesar das brigas os dois não se deixaram)
4. suspender a dedicação a (tarefas, trabalhos, atividades etc) (deixar o esporte)	5. afastar de si (deixar sentimentos, lembranças etc); esquecer, evitar (deixar antigas recordações)	6. desistir de (hábitos, vícios, comportamentos etc) (deixar o cigarro, a rotina)
7. abandonar (algo), fazendo uma opção diferente (deixar o estudo pelo trabalho)	8. separar-se, com a morte, de (ele deixou uma viúva e três filhos)	9. desprender, largar, soltar (as árvores deixam as folhas no outono)
10. esquecer (em algum lugar) (deixou a carteira no carro)	11. pôr, colocar (em algum lugar) (deixe o livro na mesa)	12. levar, conduzir a (algum lugar) (deixou a filha na rodoviária)
13. dar permissão para; autorizar, permitir (ela deixou o filho ir ao cinema)	14. tornar possível; permitir, possibilitar (a chuva não deixou a família ir a praia)	15. adiar a realização de; transferir (deixar esta tarefa para depois)
16. oferecer (vantagens financeiras); render (o emprego deixa um bom salário)	17. interromper, suspender, parar (eles deixam o trabalho na hora do almoço)	18. pôr à parte, não considerar; abstrair, omitir (deixar os aspectos negativos e valorizar as qualidades)
19. causar, provocar (em alguém [impressão, sensação, sentimento etc) (deixou saudades quando se mudou)	20. transmitir em herança; legar (deixou uma fortuna para a viúva)	21. disponibilizar, ceder, ofertar (deixar dinheiro para a instituição)
22. não destituir; não despojar (o ladrão deixou-lhe apenas as calças)	23. colocar (alguém) [em situação difícil] (deixou-o em apuros)	24. não oferecer reação, resistência a (deixar-se morrer de fome)
25. fazer (algo ou alguém) ficar (em certo estado ou condição); tornar (a doença deixou-o abatido)	26. nomear (como legatário); instituir (ele deixou-o como herdeiro)	

Fonte: adaptado de Houaiss, Villar e Franco (2009, p. 608)

APÊNDICE B – Sentidos do verbo deixar (Travaglia)

Quadro 3 – Verbo *deixar* em Travaglia (2007).

<p>1. separação ou afastamento de algo ou alguém: largar, soltar, não continuar a reter, não conservar mais, pôr de parte, afastar-se: Deixemos este ponto da questão (não mencionar, não notar, esquecer, abstrair-se, pôr de parte, não considerar) / O lavrador deixava a lida insana para ir para casa (C. Aulete).</p>	<p>2. Ceder, pôr a disposição: Deixei-lhe o meu lugar.</p>	<p>3. Conceder, proporcionar, facultar: Deixo a todos ampla liberdade de se manifestarem contra minha proposta.</p>
<p>4. Colocar em ou levar a (algum lugar): Ele deixou a filha na rodoviária.</p>	<p>5. Não privar de, poupar, respeitar, não despojar, destituir, não roubar: Tiraram-lhe a bolsa, mas deixaram-lhe a vida.</p>	

Fonte: adaptado de Travaglia (2007).

Quadro 4 – Valores de *deixar* em Travaglia (2007).

<p>1. Cessar, interromper, não continuar, desistir, parar de, abster-se (Cessamento) Exemplo: ... porque nunca o banqueiro deixa de pagar (D2-374 mulher 4ª faixa). Seria um verbo gramatical do tipo denominado de auxiliar semântico.</p>	<p>2. Dar ou pedir permissão para, consentir ou pedir consentimento, permitir, não obstar, não impedir, não evitar, facultar, possibilitar, tornar possível, não resistir a alguma ação ou fato em que é paciente (não oferece resistência ou reação) (Modalizador – dar a possibilidade). Exemplos: Tu pega o ovo. É... quebra ele, quebra casca dele, coloco a parte de dentro na-na panela. Ai depois quando... ai deixa fritar, depois vai visando ele. (Tendência, Rômulo, 14 anos, injuntivo). / “Seu filho tá dormino, você num deixa ele dormi.” (Tendência, Cristiane, 25 anos, injuntivo)</p>	<p>3. Fazer com que fique de certo modo ou em certo estado ou condição, tornar. (Neste caso deixar é verbo de <i>ligação</i>, portanto verbo <i>funcional</i>, <i>suporte</i>). Exemplos: Aí, eles (os estupradores/ os bandidos) me deixaram sozinha, meu namorado me deixou sozinha. (Tendência, Cristiane, 25 anos, narrativo)/ Ah, a minha empregada deixa a peça de mignon inteira limpa, põe no... Ela faz dentro do serviço dela... (Tendência, Eucy, 55 anos, descritivo).</p>
--	---	--

Fonte: adaptado de Travaglia (2007).

APÊNDICE C – Sentidos do verbo lembrar

Quadro 5 – Verbo *lembrar* em Ferreira (2009).

1. trazer a memória, por analogia ou semelhança, fazer recordar, recordar. Ex. A paisagem lembrava a fazenda onde passara a infância.	2. dar a ideia de, sugerir, alvitar, propor. Ex. Lembrou que fossem à cidade mais próxima chamar um médico.	3. ter lembrança de, recordar, lembrar-se ou recordar-se. Ex. “Inda hoje, o livro do passado abrindo./ Lembro-as e punge-me a lembrança delas” (Olavo Bilac, <i>Poesias</i> , p. 53).
4. fazer notar, notar, advertir recordar. Ex. Lembrou-lhe polidamente que lhe cabia cumprir a promessa	5. fazer lembrando, recomendar. Ex. Pediu que lembrassem às demais pessoas da família.	6. vir à lembrança, vir à ideia, ocorrer. Ex. “Lembram-me pormenores daquela noite da apresentação” (Camilo Castelo Branco, <i>A Mulher Fatal</i> , p.13).
7. ter lembrança, recordar-se. Ex. “Eu me lembro tanto dela, /De tudo quanto era seu”. (Junqueira Freire, <i>Obras Poéticas</i> , I, p.99).		

Fonte: adaptado de Ferreira (2009, p. 1250).

Quadro 6 – Verbo *lembrar* em Houaiss, Villar e Franco (2009).

1. trazer à memória; recordar (conversam os dois lembrando os tempos passados)	2. guardar ou ter na lembrança; recordar –se) (lembravam da figura do João com saudade)	3. fazer vir ao espírito por associação de ideias; sugerir (um gosto que lembrava o das amoras)
4. informar; advertir, prevenir (lembrou-o de que estava atrasado)	5. mandar lembranças; recomendar (quando encontrases o João, lembra-nos a ele)	

Quadro 6. Fonte: adaptado de Houaiss, Villar e Franco (2009, p. 1167).

APÊNDICE D – Sentidos do verbo pensar

Quadro 7 – Verbo *pensar* em Ferreira (2009).

1. formar ou combinar no espírito pensamentos ou ideias. Ex. O homem é um animal que pensa.	2. fazer reflexões, refletir, raciocinar. Ex. Diz o que lhe vem à cabeça, sem antes pensar.	3. reflexionar, refletir, meditar, cismar. Ex. Com um olhar longínquo, ficava horas a pensar.
4. fazer tenção, tencionar, cogitar. Ex. “Os antigos, embora interessados na coleção e interpretação dos fatos literários, nunca pensaram em organizar panoramas históricos das suas literaturas” (Oto Maria Carpeaux, <i>História da Literatura Ocidental</i> , 1º vol., p.15).	5. estar preocupado, ter cuidado. Ex. Não pensa no teu trabalho.	6. lembrar-se, imaginar. “Pensa em mim, como em ti saudoso penso./Quando a lua no mar se vai doirando” (Álvares de Azevedo, <i>Obras Completas</i> , I, p. 313).
7. meditar, refletir, reflexionar. Ex. “Fiquei pensando em como o avião é elemento aglutinador, capaz de igualar os seres, transformando-os num bloco unitário” (Maria Julieta Drummond de Andrade, <i>Um Buquê de Alcachofras</i>. p. 14)	8. avaliar pelo raciocínio, julgar, imaginar. Ex. Que pensará ele se souber da tua invenção?	9. delinear mentalmente, meditar. Ex. Tal era o seu ódio que pensou dar cabo do assassinato.
10. imaginar, supor. Ex. Não pensei que ele fosse tão generoso.	11. dar ração a (animal). Sem exemplos.	12. cuidar ou tratar convenientemente de. Ex: “Os fradinhos correm a defender os franceses, a pensar os feridos” (Antero de Figueiredo, <i>Jornadas em Portugal</i> , p. 353).
13. por penso em. Sem exemplos.	14. dar penso a. Sem exemplos.	15. pensamento, opinião. Sem exemplos.
16. tino, prudência. Sem exemplos.		

Fonte: adaptado de Ferreira (2009, p.1607).

Quadro 8 – Verbo *pensar* em Houaiss, Villar e Franco (2009).

1. submeter (algo) ao raciocínio lógico; exercer a capacidade de julgamento, dedução ou concepção (pensei que corria perigo)	2. determinar pela reflexão (penso no que fazer)	3. ter como intenção, pretender (pensava (em) partir amanhã)
4. procurar lembrar-se, imaginar (pensava em muitos nomes, mas o dela lhe fugia)	5. ser de opinião, de parecer (penso o contrário dele)	6. aplicar ‘penso’(curativo) em (uma ferida)
7. cuidar ou tratar		

convenientemente de (uma criança)		
--------------------------------------	--	--

Quadro 8. Fonte: adaptado de Houaiss, Villar e Franco (2009, p. 1476).

APÊNDICE E – Sentidos do verbo ver

Quadro 9 – Verbo *ver* em Ferreira (2009).

1. conhecer ou perceber pela visão, olhar para, contemplar Ex. “Vejo alegre os dias de ouro / Na montanha renascer”. (Silva Alvarenga, <i>ap.</i> Sergio Buarque de Holanda, <i>Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial</i> , II, p.139).	2. alcançar com a vista, enxergar, divisar, distinguir, avistar. Ex. “Abrindo os olhos, vi a meu lado o guarda” (Geir Campos, <i>O Vestíbulo</i> , p. 24).	3. ser espectador ou testemunha de, assistir a, presenciar. Ex. Viu, por acaso, o bárbaro crime.
4. percorrer, viajar, visitar. Ex. “Vi, terras de minha terra” (Manuel Bandeira, <i>Estrela da Vida Inteira</i> , p. 173).	5. encontrar-se, avistar-se com. Ex. Não o vi, hoje.	6. Reconhecer, compreender. Ex. Perdida a batalha, viu que já não poderia ganhar a guerra.
7. prestar serviços médicos a, examinar. Ex. O médico foi ver o doente.	8. observar, notar, perceber. Ex. Pelo que vejo, não acabaremos hoje.	9. atentar em. Ex. O diretor pretende ver as normas para a execução do trabalho.
10. deduzir, concluir. Ex. Pelos dados, podemos ver que os resultados serão bons.	11. imaginar, fantasiar. Ex. Grande fantasia, vê coisas incríveis nos mais simples acontecimentos.	12. tomar cuidado em, atentar em, reparar em. Ex. Vê bem os teus passos.
13. Examinar, investigar. Ex. Vi minuciosamente os testemunhos, e não encontrei provas.	14. calcular, antever, prever. Ex. Ver o futuro nas cartas.	15. estudar, ler. Ex. mal teve tempo de ver o primeiro capítulo do livro.
16. ponderar, considerar. Ex. Viu os prós e os contras da empreitada.	17. projetar, planejar, idear. Ex. o general viu demoradamente a tática de combate.	18. conhecer, saber. Ex. segundo os crentes, Deus vê os passado, o presente e o futuro.
19. visitar. Ex. Viajou para ver os parentes.	20. ter elementos para perceber ou chegar à conclusão de (algo). Ex. Examinou o doente, e viu que estava mal.	21. fazer experiência ou tentativa no sentido de obter (certo resultado) . Ex. Procurou ver se o convencia.
22. Calcular, avaliar. Ex. Ao voltar a si, não consegui ver quanto tempo levar na viagem.	23. reputar, considerar, julgar. Ex. Via, desde já, a eleição perdida.	24. enxergar, divisar, avistar. Ex. “Vejo turvo o claro dia”. (Silva Alvarenga, <i>ap.</i> Sérgio Buarque de Holanda, <i>Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial</i> , II, p. 132.)
25. notar, perceber, sentir. Ex. “Luto para não ver a fé perdida” (Odilo Costa Filho, <i>Cantiga Incompleta</i> , p. 33).	26. concluir, deduzir. Ex. A afirmação era verídica: todos o podiam ver do depoimento.	27. perceber as coisas pela visão, pelo sentido da vista, enxergar. Ex. “Ver só com os olhos./ É fácil e vão:/ Por dentro das coisas/ É que as coisas são” (Carlos Queirós, <i>Breve Tratado de Não</i>

		Versificação, p. 25).
28. contemplar-se, mirar-se, rever-se. Ex. Via-se nas águas claras da lagoa	29. reconhecer-se. Ex. Vendo-se vencido, retirou-se do torneio.	30. achar-se (em algum estado, condição, situação). Ex. Vendo-se desarmado, entregou-se a polícia.
31. encontrar-se, achar-se (em algum lugar). Ex. Vendo-se no campo de batalha, sentiu-se forçado a lutar.	32. encontrar-se, achar-se , reciprocamente. Ex. Quando se viram, depois de tantos anos, abraçaram-se comovidos.	33. opinião, juízo, modo de ver. Ex. A meu ver, Pedro não tem razão.

Fonte: adaptado de Ferreira (2009 p. 2144).

Quadro 10 – Verbo *ver* em Houaiss, Villar e Franco (2009).

1. perceber pela visão; enxergar (viu a luz acesa)	2. olhar para (algo, alguém ou si próprio), contemplar(-se) (via-se no espelho)	3. distinguir ou alcançar com a vista; avistar, divisar, enxergar (ao fim da estrada, viram a fazenda)
4. estar presente a; testemunhar, assistir (ver uma agressão)	5. ter conhecimento ou experiência de (já viu laranja mais doce?)	6. atentar em, ter cuidado a respeito de; cuidar (não viu por onde andava)
7. tomar conhecimento de; descobrir, entender, dar-se conta (depois de ler o texto, vi a importância do assunto)	8. encontrar-se, avistar-se (veja você a noite)	9. visitar (alguém) para prestar-lhe serviço (o médico foi ver os doentes)
10. manter relacionamento ou contato com (alguém ou um com outro); frequentar(-se), conviver, estar junto (separados, a mulher não vê mais o ex-marido)	11. ir para rever ou conhecer (alguém, um lugar); visitar (nessa viagem vi todo o Sul do Brasil)	12. consultar-se com (ver uma mãe de santo)
13. admitir como verdade, constatar, reconhecer, perceber (você não vê que não gosto mais dele?)	14. atentar para; notar, observar, reparar, sentir (pelo cheiro, vi que o jantar estava pronto)	15. chegar a conclusão de; concluir, deduzir, inferir (considerando os fatos, vi que ele mereceria aumento)
16. experimentar, provar, verificar (vamos ver como está o bolo)	17. criar ideias fantásticas ou falsas sobre (algo); imaginar, fantasiar (ele anda vendo coisa)	18. prever, antever (antes de o filho nascer, ela já via como seu futuro seria brilhante)
19. fazer indagação ou investigação sobre; perguntar, examinar, verificar (veja o que ele quer)	20. pesquisar algo; estudar, ler (ainda não vi esta lição)	21. examinar com atenção, analisar, conferir (o juiz ainda não viu o processo)
22. fazer avaliação de, ponderar, considerar, calcular (ver se os preços compensam)	23. fazer julgamento (de outrem ou de si mesmo); apreciar(-se), avaliar(-se), considerar(-se), reputar(-se) (vê-se como vítima)	24. encontrar(-se) em algum estado ou situação (viu sua saúde arruinada pelo cigarro)
25. reconhecer-se (finalmente viu-se derrotado)	26. considerar como bom, atraente (não sei o que ele vê nessa sirigaita)	27. tomar conta de, ocupar-se de; cuidar (cedinho, via o café da manhã e o banho das crianças)

28. fazer uma tentativa ou uma experiência para chegar a (um resultado) (vai ver se consegue o dinheiro)	29. procurar (algo) para (alguém, uma finalidade); providenciar, ir, buscar, trazer (vou ver um livro bom para você)	30. modo de ver, de considerar; opinião, juízo (a meu ver, ele é honesto)
---	---	--

Fonte: adaptado de Houaiss, Villar e Franco (2009, p. 1932-1933).

APÊNDICE F – Sentidos do verbo dar

Quadro 11 – Verbo *dar* em Ferreira (2009).

1. ceder, presentear, doar. Ex. Deu todos os seus livros.	2. obsequiar com, oferecer, conceder. Ex. dar casa e comida.	3. prestar, conceder. Ex. dar garantias.
4. conceder, outorgar. Ex. dar licença.	5. lançar de si, produzir, criar. Ex. O pomar dá muitos frutos.	6. emitir, enunciar. Ex. dar conselhos.
7. resultar em; tornar-se. Ex. Oxigênio e hidrogênio combinados dão vapor de água.	8. prescrever, preceituar, ditar. Ex. dar instruções.	9. admitir, supor. Ex. Demos que você prefira viajar.
10. manifestar, revelar. Ex. Deu sinais de preocupação.	11. incorrer em, praticar, cometer. Ex. deu uma rata.	12. exalar, emanar, emitir. Ex. dar mau cheiro.
13. soltar, emitir. Ex. dar estalos.	14. publicar, divulgar, comunicar. Ex. Os jornais deram a notícia.	15. deixar livre, facultar, abrir, franquear. Ex. dar entrada.
16. realizar, efetuar, oferecer. Ex. dar um banquete	17. vender muito barato. Ex. É um louco, deu a casa ao primeiro comprador que apareceu	18. lançar, deitar, brotar. Ex. A fonte dá muita água.
19. ministrar, administrar. Ex. dar um clister.	20. infligir, impor, cominar. Ex. dar castigo.	21. dedicar, consagrar. Ex. dar amor.
22. infundir, inspirar. Ex. dar cuidados.	23. levar à cena; representar. Ex. Neste teatro, deram várias peças clássicas.	24. executar em público; exhibir. Ex. dar uma récita.
25. apresentar, sugerir, propor. Ex. dar um alvitre.	26. permitir, consentir. Ex. dar licença.	27. acontecer, suceder. Ex. Deu que mãos inábeis usassem seus pincéis.
28. julgar, entender. Ex. Dou que a melhor atitude é esta.	29. ser causa determinante de. Ex. A doença infecciosa deu a morte.	30. causar, gerar, produzir. Ex. “Só o trabalho dá a verdadeira alegria, concreta, fecunda, palpável” (Pontes de Miranda, <i>Obras literárias</i> , p.181).
31. constituir, formar, perfazer. Ex. O texto dá um livro de 300 páginas.	32. conter, trazer. Ex. Aquela antologia não dá o conto de que lhe falei.	33. registrar, consignar, trazer. Ex. O dicionário não dá a palavra leitoril.
34. ensinar, lecionar. Ex. O prof. X dá muitas matérias.	35. Fazer doação de; presentear, ceder, doar. Ex. Deu a casa ao filho.	36. oferecer, conceder. Ex. “Dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça” (Machado de Assis, <i>Dom Casmurro</i> , p.2).
37. Fazer esmola de. Ex. Demos pão ao mendigo.	38. proporcionar. Ex. dar oportunidade a alguém.	39. ceder para uso ou serviço. Ex. Deram-me um bom quarto no hotel.
40. desfazer-se de; vender. Ex. Só dou a propriedade por muito dinheiro.	41. aplicar. Ex. Deu-lhe uma bofetada.	42. ministrar, administrar. Ex. Deu remédio ao doente.

43. entregar. Ex. dar a encomenda ao portador.	44. destinar, dedicar, consagrar. Ex. Dava muitas horas de estudo.	45. conceder, outorgar. Ex. dar deferimento a petição.
46. renunciar a; sacrificar. Ex. dar a vida por alguém	47. confiar, cometer, incumbir. Ex. O governo deu-lhe a missão mais difícil.	48. permitir, conceder. Ex. O pai deu-lhe o prometido.
49. atribuir, conferir. Ex. A crítica deu o Camilo a autoridade de clássico.	50. obsequiar com; oferecer. Ex. Deu banquete a correligionários seus.	51. participar, comunicar. Ex. Os amigos deram-lhe a notícia.
52. prestar, render. Ex. Davam obediência ao seu líder.	53. causar, ocasionar. Ex. Dava preocupações aos pais.	54. conferir, conceder, facultar. Ex. O diretor deu-lhe, por fim, a licença.
55. expressar, enunciar, exprimir. Ex. Deu-nos boa-tarde.	56. Trocar, permutar. Ex. Deu dois carneiros por um bezerro.	57. conseguir, obter. Ex. Demos a pátria a vitória.
58. Fazer adquirir ou tomar, imprimir. Ex. Fernando Pessoa deu novos rumos à poesia de língua portuguesa	59. infundir, inspirar, suscitar. Ex. Necessita, coitado, que lhe deem fé e esperança.	60. fazer atribuir ou conquistar, atrair, granjear. Ex. Tais costumes deram a esse povo a fama de devasso.
61. Atribuir, imputar. Ex. dar a culpa a alguém.	62. expor, mostrar. Ex. Dê-lhe a razão de sua discórdia.	63. atribuir. Ex. “Raquítico, miúdo, acanhado, ninguém de boa mente, me daria mais do que dez anos” (Cordeiro de Andrade, Anjo Negro, p. 106).
64. considerar, reputar. Ex. Leu o romance no original e deu por bom.	65. fazer dádiva de alguma coisa, presentear com ela. Ex. Quem dá aos pobres, empresta a Deus. (prov).	66. bater, espancar. Ex. Deu no filhinho por uma tolice.
67. manifestar-se, aparecer. Ex. Deu-lhe varíola.	68. acertar, atinar. Ex. Dei com a solução do problema.	69. dar de cara, avistar, divisar. Ex. Quando levantei a cabeça, dei com ele em frente de mim.
70. tomar conhecimento, perceber, notar. Ex. “Quando dei por mim estava na rua da Glória” (Machado de Assis, Páginas Recolhidas, p. 72).	71. Resultar, redundar. Ex. Todo o nosso esforço deu em nada.	72. ser suficiente, ou ter capacidade suficiente para, chegar, bastar. Ex. O dinheiro não dá para os gastos.
73. adquirir o hábito, começar, principiar. Ex. “O moço deu de chegar ao hotel altas horas da noite” (Mario Donato, A Parábola das 4 cruzes, p. 24).	74. Ter jeito, vocação, aptidão. Ex. Não dou para isso.	75. fazer-se, transformar-se. Ex. “Nesse mesmo dia encontrou Abreu que, depois de ter esbanjado a herança, dera um jogador, e vivia, segundo era fama, da banca” (José de Alencar, Senhora, p. 306).
76. Dedicar-se, aplicar-se. Ex. “Ao som das canções de Sarah Vaughan, dei ultimamente... de reler o poeta Rainer Maria Rilke” (Vinicius de Moraes, Para viver um grande amor, p 117).	77. Chulo, entregar-se sexualmente (homem ou mulher). Ex. Dá a qualquer um.	78. Bater, soar. Ex. “Ouvi nitidamente o relógio da portaria dar as onze horas” (Pedro Nava, Beira-Mar, p. 35).

79. Ir de encontro, bater Ex.O navio deu no recife.	80. Ter vista ou saída, deitar, dizer. Ex. A janela dá para o jardim.	81. ir ter, desembocar. Ex. A rua vai dar na pracinha.
82. incidir, bater. Ex. O sol dava na murada da casa.	83. deparar-se, defrontar-se, achar, encontrar. Ex. Deu com o livro na estante.	84. pagar. Ex. Dei 60 reais por este livro.
85. bater, atingir. Sem exemplo.	86. ser suficiente, bastar. Ex. O ordenado dá-lhe para viver.	87. ter determinado resultado. Ex. O negócio deu errado.
88. fazer dádiva(s). Sem exemplo.	89. bater, soar Ex. “E a noite ia se passando. Deram dez horas” (Aluísio Azevedo, O cortiço, p. 155).	90. ser sorteado em jogo. Ex. Que bicho deu hoje?
91. produzir ou criar frutos, frutificar. Ex. “Fruteiras quase no ponto de dar, mangueirinha com flores” (José Carlos Cavalcanti Borges, Padrão G, p. 83).	92. Surgir, manifestar-se (doença epidêmica). Ex. “Primeiro, deu a bexiga, e levou mais da metade dos pretos” (José Montelo, A noite sobre Alcântara, p. 91).	93. Chulo entregar-se sexualmente. Ex. “Dizia que era donzela/Nem isso não era ela/Era uma moa que dava”. (Vinicius de Moraes, Poemas, Sonetos e Baladas, p. 93).
94. dar pé. Sem exemplo.	95. sentir-se passar. Ex. Dou-lhe bem aqui.	96. Estar de acordo, viver em harmonia. Ex. Estão casados há 20 anos e se dão excelentemente.
97. Realizar-se, acontecer, ocorrer. Ex. O descobrimento da América deu-se em 12 de outubro d 1492.	98. Render-se, entrega-se. Sem exemplo.	99. dedicar-se, aplicar-se. Ex. Dar-se à matemática.
100. procurar passar por, inculcar-se Ex. Dava-se por grande advogado.	101. prestar-se. Ex. Dar-se ao desfrute.	

Fonte: adaptado de Ferreira (2009, p.600-601)

Quadro 12 – Verbo *dar* em Houaiss, Villar e Franco (2009).

<p>1.dar por posse (de)</p> <p>1.1 ceder, entregar, oferecer (algo de que se desfruta ou de que se está na posse), sem pedir contrapartida (dar dinheiro a um necessitado)</p> <p>1.2 oferecer como presente a (deu de aniversário ao sobrinho uma gravata)</p> <p>1.3 passar as mãos (de) (damos diploma de conclusão de cursos)</p> <p>1.4 trocar ou ceder (algo) por (deram-lhe uma joia por aquele quadro)</p> <p>1.5 vender (dê-me 2 kg de abóbora)</p> <p>1.6 pagar (deram 100 mil por esta estatueta)</p> <p>1.7 recompensar (alguém) com (gratificação) (dar gorjeta a um</p>	<p>2. tornar disponível</p> <p>2.1 pôr à disposição ou propiciar a (quem precisa) (dar proteção aos fracos)</p> <p>2.2 aceitar pôr (algo) à disposição ou ao alcance de; oferecer, conceder (deu-lhe um tempo para refletir)</p> <p>2.3 sacrificar livremente ou totalmente (a si mesmo, o seu tempo, energia, atenção, etc.) por; entregar(-se) (dava seu sangue por aquele projeto)</p> <p>2.4 promover, organizar e/ou levar a efeito (algo) para (convidados, interessados, etc) (dar um almoço de confraternização)</p> <p>2.5 transmitir, comunicar, informar, notificar, fornecer ou</p>	<p>3. gerar (vida); dar origem a (a mulher deu-lhe três filhos)</p>
---	---	--

<p>garçom).</p> <p>1.8 confiar (algo) a (outrem, uma firma, etc) para a realização de um serviço (dei duas camisas à passageira do hotel)</p>	<p>expor (dar um aviso)</p> <p>2.6 entregar (algo) a; distribuir (é a sua vez de dar as cartas)</p> <p>2.7 tornar patente (dar mostras de desânimo)</p> <p>2.8 administrar como sacramento (dar a extrema-unção)</p> <p>2.9 administrar como remédio (dê-lhe dez gotas do calmante)</p> <p>2.10 transmitir formalmente; apresentar (dê-lhes nossas condolências)</p> <p>2.11 oferecer para algum uso por parte de (outrem) (deu-lhe o braço, e atravessaram a rua)</p> <p>2.12 atribuir ou imputar (algo) (deram-lhe o crédito pela descoberta)</p> <p>2.13 ser noticiado ou apresentado (deu na televisão que vai chover)</p>	
<p>4. gerar (produto etc); produzir (as vacas dão leite)</p>	<p>5. designar (nome, título, caracterização, marca, etc) a (alguém ou algo) (dar nome a uma criança)</p>	<p>6. suscitar, provocar (isso dá medo)</p>
<p>7. efetuar, executar, praticar (um movimento corporal) (dar um pulo)</p>	<p>8. efetuar (ação ou operação) (sobre algo) que modifica o seu aspecto, estado, etc. (dar uma demão de tinta)</p>	<p>9. desferir, soltar, expedir (dar um cavalo coices)</p>
<p>10. conferir (caráter novo) a (alguém ou algo); dotar, atribuir, trazer (a idade deu-lhe sabedoria)</p>	<p>11. supor (qualidade, característica) como própria ou possível (de alguém ou algo); atribuir (que altura você lhe daria?)</p>	<p>12. consentir, conceder, permitir (dê-nos um minuto de sua atenção)</p>
<p>13. render, prestar (deram-lhe honras de general)</p>	<p>14. proporcionar (conforto, proteção) (uma árvore que dá muita sombra)</p>	<p>15. ter na conta de; considerar, achar (deram o atropelado como morto)</p>
<p>16. conceder (como direito ou privilégio) (a lei dá-lhes esse direito)</p>	<p>17. manifestar, expressar (gosta de dar opiniões)</p>	<p>18. proporcionar, propiciar (dar um líder ao país)</p>
<p>19. orientar, destinar (deu à questão o fim que merecia)</p>	<p>20. deixar como produto ou lucro, render (ações que lhe dão mais de 12% ao ano)</p>	<p>21. produzir (um som audível), emitir, soltar (dar uivos)</p>
<p>22. indicar (o que fazer) (a alguém) (dar ordens aos criados)</p>	<p>23. pôr (algo) em marcha (dar início a um discurso)</p>	<p>24. estimular (atividade, processo, etc); fomentar, ativar (a campanha publicitária deu saída àquele produto)</p>
<p>25. ser o resultado de uma operação matemática (30 divididos por 3 dão 10)</p>	<p>26. poder ser contido ou inserido, caber (todos esses vestidos não dão na mala)</p>	<p>27. assistir a, receber (as alunas dão aula de geografia pela manhã)</p>

28. pôr(se) ou estar em harmonia, combinar, adequar-se (os champanhes não dão bem com assados)	29. reagir psicologicamente de modo recíproco (brigaram, mas acabaram dando-se bem)	30. experimentar uma sensação física e/ou psicológica; sentir-se, passar (dou-me bem na serra)
31. suceder (no tempo e no espaço); acontecer (tal fato deu-se ontem)	32. sofrer (acidente, contratempo) (dar azar)	33. ter qualidades ou características para ser (essa égua não vai dar boa montaria)
34. ocupar, preencher (seu manuscrito dará 30 páginas impressas)	35. ser suficiente; chegar (este montante não dá para comprar a casa)	36. virar em rotação; voltar (deu-nos as costas e saiu)
37. sobrevir (deu-lhe um assomo de coragem)	38. infestar-se de (uma praga, p.ex) (a cômoda deu bicho)	39. fazer sexo com (ela dava para um vizinho)

Fonte: adaptado de Houaiss, Villar e Franco (2009, p.595-596).